



ETERNAL DAY

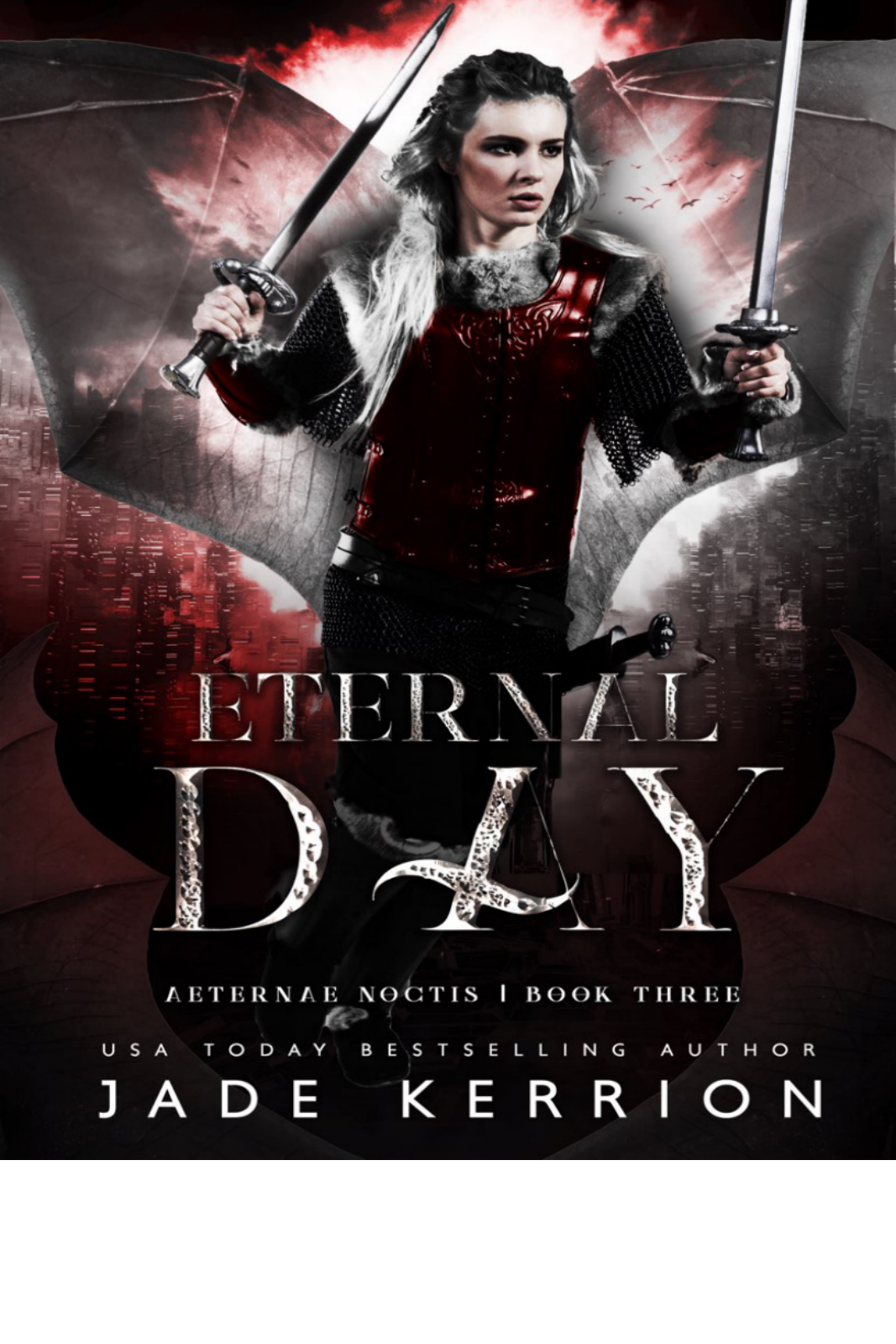
AETERNAE NOCTIS | BOOK THREE

USA TODAY BESTSELLING AUTHOR

JADE KERRION

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM



ETERNAL DAY

AETERNAE NOCTIS | BOOK THREE

USA TODAY BESTSELLING AUTHOR

JADE KERRION



Tradução: Angel
Revisão: Gaya
Conferência: Angel
Formatação: Sekmet



AVISO

LIVRO TRADUZIDO E DISPONIBILIZADO GRATUITAMENTE, VISANDO DAR ACESSO AO LEITOR À LIVROS SEM PREVISÃO DE LANÇAMENTO NO BRASIL.

INCENTIVAMOS QUE O LEITOR PRESTIGIE O AUTOR ADQUIRINDO O LIVRO.

NÃO MENCIONE EM QUALQUER REDE SOCIAL (FACEBOOK, TWITTER, INSTAGRAM, ETC.), SITES, BLOGS OU FÓRUMS DE AUTORES, EDITORAS, BLOGS/SITES LITERÁRIOS, QUE LEU O LIVRO EM PORTUGUÊS E/OU PDF/EPUB/MOBI.

NÃO DISTRIBUA NOSSAS TRADUÇÕES EM QUALQUER REDE SOCIAL (FACEBOOK, TWITTER, INSTAGRAM, ETC.), SITES, BLOGS OU FÓRUMS. A DISTRIBUIÇÃO DE NOSSAS TRADUÇÕES É EXCLUSIVA DOS GD'S.

PRESERVE OS GT'S. SEJA CONSCIENTE.

NÃO GOSTOU DA TRADUÇÃO? LEIA NO IDIOMA ORIGINAL!

A única chance de sobrevivência exige uma reconciliação impossível...

Erich Dale já foi um poeta, um artista e um apaixonado pela noite. Agora, ele é um vampiro ancião amaldiçoado até a loucura, pela senhora da guerra Icrathari, Tera. Preso nos fragmentos de sua mente despedaçada está a chave para curar uma Terra queimada e devastada.

Apenas Tera pode desvendar seus segredos, mas ela é uma destruidora, não uma ajudante. Erich, consumido pelo ódio e um desejo de vingança, não será acalmado. Juntos, eles podem terminar o reinado de mil anos da noite eterna, mas a menos que haja perdão, não pode haver reconciliação. Sem reconciliação, a esperança perece.

Ela criou seu pior inimigo, e agora, seu ódio condenará toda a humanidade, para sempre...



CAPÍTULO 1

Duzentos e cinquenta anos antes...

Escuridão cortada, rápida e precisa, em toda a curva de âmbar da lua cheia.

A chama de sua lâmpada tremeluziu. Sombras dançavam sobre as pedras rústicas de seu assento baixo ao lado da fonte na praça da cidade. Erich Dale ergueu a pena do pergaminho equilibrado em seu colo e ergueu o olhar para o céu. Um sorriso fácil apareceu em seu rosto enquanto ele traçava visualmente a expansão das asas em forma de morcego nas costas da forma humana e esguia pairando sobre a cidade.

Sua respiração ficou presa; sua garganta se fechou em um suspiro de admiração. *Muito linda.*

A beleza da Icrathari, perfeita e pura, evocou emoções correspondentes. Seu peito doeu quando as lágrimas picaram em seus olhos.

Uma pena que ele foi o único humano a testemunhar a fuga da Icrathari. Ele lançou um olhar por cima do ombro para a cidade de Aeternae Noctis. Suas ruas de paralelepípedos estavam vazias; suas casas e lojas escureceram, uma defesa contra os vampiros de pele clara que vagavam pela cidade todas as noites de lua cheia.

A defesa de seu povo era psicológica, não física. Os vampiros não precisam de luz para ver. Erich os observava há anos, tempo suficiente para entender seus pontos fortes, que eram muitos, e suas limitações, que eram poucas. Os vampiros que habitavam uma cidade eterna à noite não tinham nada a temer do sol.

Eles estavam, no entanto, curiosos para saber como ele os observava abertamente de seu assento favorito perto da fonte borbulhante. Vários meses antes, um dos vampiros havia parado para

perguntar a ele, da maneira mais polida possível, por que ele não estava se escondendo nas sombras como os outros humanos.

Erich riu e encolheu os ombros. — Eu sou um poeta, não um guerreiro. O povo de Aeternae Noctis me diz que não tenho nenhuma utilidade terrena para o homem ou para os animais. Eu não acho que os vampiros vão se interessar por mim também.

A risada do vampiro era baixa e divertida. — Suponho que não.

Ele estava certo. Os vampiros não prestaram atenção nele além de acenar em reconhecimento quando passavam por ele.

De sua parte, ele não fez nenhum movimento para defender os humanos que lutavam com os vampiros que os arrastavam de suas casas. Ele não tentou salvar as crianças chorosas de cinco anos, agarradas aos braços de suas mães e carregadas para a fortaleza dos vampiros, Malum Turris, a torre negra que lançava sua sombra amaldiçoada sobre Aeternae Noctis.

Como um homem paralisado, ele esperou apenas por vislumbres dos Icrathari, os senhores supremos dos vampiros.

Havia, ele sabia, mais de um, mas aquela que o hipnotizou usava o cabelo em uma trança. A partir do momento em que pôs os olhos nela vários meses antes, poderia pensar em pouco mais. Sua graça predatória a proclamou um monstro, mas a expressão indefinível em seus olhos dizia o contrário.

Erich balançou a cabeça com um sorriso irônico. Como poeta, as palavras não deveriam tê-lo iludido, mas sim. Ele sabia apenas que os olhos dela não eram olhos de um demônio. Ele olhou para cima, procurando por ela no céu.

A rajada de vento frio anunciou a batida silenciosa de asas enormes. As sombras piscaram no ar e se desenrolaram para revelar uma criatura etérea. Com quase um metro e meio de altura, era tão esguia que parecia quase delicada. Sua pele era pálida e seu cabelo prateado era tecido em uma longa trança que usava nas costas. Grandes olhos cinza inclinados para cima em um rosto de feições finas que espelhava os murais de anjos na catedral. Asas de morcego estendiam-se por três metros de ponta a ponta da asa, e os ossos em forma de chifre que emergiam de cada junção entre as abas das asas de couro preto eram envoltos em metal cravejado. Vestida com um bustiê de couro, calças e botas combinando, a Icrathari passou por vampiros silenciosos para se sentar na frente dele.

— Linda.

Ele não percebeu que havia falado em voz alta até que os lábios da Icrathari curvaram-se em um sorriso.

— Quem é Você? — Sua voz soou fraca até mesmo para seus próprios ouvidos. Coragem ou estupidez inspirou sua pergunta? Não

havia muita diferença entre ambos na presença de uma Icrathari que comandava centenas de vampiros com um aceno de mão.

Seus olhos se estreitaram, mas ela respondeu. — Tera. — O timbre rouco e rico de sua voz não combinava com sua aparência aparentemente frágil. Ela olhou para o pergaminho em seu colo. — E você é um artista, Erich Dale.

Ele inclinou o pedaço de papel para capturar fragmentos de luz do brilho pálido da lua. A tinta preta capturou em relevo a curva da cúpula de vidro impenetrável que separava a cidade de Aeternae Noctis do mundo exterior e a prendeu na noite eterna. Dentro da cúpula, um Icrathari abriu suas asas em vôo. O minucioso detalhe do Icrathari contrastava com o esboço tosco da cúpula. Erich ergueu o pergaminho para Tera. — Sou um poeta, um artista. Coisas bonitas inspiram-me.

Ela aceitou seu presente. — Você não tem medo da noite, e você não tem medo de mim.

Ele levantou-se. Com quase dois metros de altura, elevava-se sobre ela, mas não duvidou por um momento de sua força superior. Vários meses antes, ele a viu virar o pulso, enviando um humano voando pelo ar. O homem chocou-se contra a parede da ferraria. Ele tropeçou e sacudiu sua desorientação. Com um rosnado, saliva formando-se em seus lábios, agarrou o pesado martelo do ferreiro e avançou contra Tera.

Sua expressão calma não mudou. Ela estendeu a mão e o agarrou pelo pescoço. Seus dedos apertaram-se.

O osso estalou. O martelo caiu dos dedos repentinamente fracos do homem. O aperto de Tera afrouxou, e o homem desabou em uma pilha amarrotada. Ela virou-se, mas não antes de Erich ter um vislumbre do arrependimento que passou por seus olhos.

Ela não é um demônio.

O choro de pânico de uma criança o trouxe de volta ao presente.

Erich virou a cabeça para os lamentos desesperados que quebraram o silêncio da noite. Crianças de cinco anos gritaram e se debateram nos braços inflexíveis dos vampiros que os carregaram pela ponte levadiça até a torre.

Ele fechou os olhos e envolveu sua mente em torno da certeza que conhecia em seu coração. *Os Icratharis não são demônios, embora tirem nossos filhos de nós. Mesmo que eles nos tenham aprisionado na noite eterna.*

O povo de Aeternae Noctis via os Icratharis e os vampiros como mais do que captores; os algozes inumanos eram os Night Terrors, demônios que possuíam o poder de bloquear a luz do sol.

Nos campos ao redor da cidade, as plantações prosperavam sob

a luz artificial que emanava em intervalos de doze horas das altas colunas intercaladas nos campos, mas os humanos estavam menos resignados com a escuridão, embora ninguém pudesse se lembrar de nada diferente após séculos e gerações de prisão. A luz do sol era uma história sussurrada para as crianças na hora de dormir, uma história repetida por bêbados nas tabernas, mas também era fato. A luz do sol era a esperança, a certeza que mantinha seu povo forte apesar do desespero que, de outra forma, deveria tê-lo consumido.

Além da cúpula, todos sabiam que a luz do sol abençoava a Terra Prometida, embalando-a em seu calor benevolente.

O frio da noite eterna atravessou sua fina camisa de algodão e ele estremeceu. Erich entendeu o ódio e o medo que inundaram seu povo, mas estando cara a cara com Tera, ele não conseguia encontrar essas emoções em si mesmo. *A luz do sol que se dane.* Ele duraria uma eternidade de trevas pelo privilégio de olhar para ela. O que foi aquele olhar nos olhos dela? Mais profundo do que a solidão. Mais profundo do que tristeza. Por que ele não conseguia encontrar as palavras certas?

— Não sou muito poeta —, confessou.

Ela virou-se para examinar a cidade silenciosa. — O que em Aeternae Noctis poderia inspirar você?

Seu queixo caiu. Ela não conseguia ver que a inspiração estava por toda parte? Erich ergueu o rosto para o céu - o círculo perfeito e pálido da lua; um desfile interminável de estrelas, cada uma delas uma centelha distinta na escuridão da noite. Aeternae Noctis brilhava sob a órbita eterna da lua; as paredes de pedra polida de seus edifícios e as ruas de paralelepípedos brilhavam como prata viva. Os vitrais da catedral brilhavam com uma luz fantasmagórica, como se o brilho emanasse de dentro.

— Eu encontro inspiração na beleza inalterada da noite, — ele sussurrou. — Na paz e no silêncio.

— É por isso que você vem aqui, todas as noites de lua cheia.

Ele assentiu. — A noite está mais bonita então. A cidade fica silenciosa.

— Mas não em paz.

— Não. — Quantos adultos e crianças os vampiros levaram esta noite? Quantas famílias choraram, de coração partido, em suas casas, seus gritos sufocados contra novas descobertas ou retribuição dos vampiros? Seus ombros subiram e desceram em um suspiro silencioso. — A necessidade os obriga, mas você também não está em paz.

Seus olhos arregalaram-se e estreitaram-se em fendas.

— Não é verdade? — Ele perguntou.

— Ninguém nunca ousou dizer isso.

— Eu sei mais sobre os Night Terrors do que meu povo. Eu *vejo* mais. Os vampiros me ignoram. Em vez disso, eles capturam os humanos mais talentosos, nossos guerreiros e caçadores mais habilidosos, nossos cientistas e engenheiros. Os inúteis, nossos poetas e artistas, ficam ilesos. Você toma com propósito, o que implica uma necessidade no trabalho. Eu vejo, mesmo que não entenda.

Tera inclinou a cabeça, o gesto desafiador. — E as crianças?

— Não entendo por que você pega algumas crianças de cinco anos e deixa outras para trás, mas também há um propósito, não é?

Suas asas abriram-se. Ela assentiu com a cabeça, sua mandíbula tensa.

Ele encolheu os ombros. — Você não me deve uma explicação, embora outros digam que a verdade é, em última análise, inevitável.

— Você não se importa em saber muito.

— Eu me preocupo em saber apenas o que importa para mim. Minha poesia, minha arte. Beleza. — *Vocês.* — A verdade virá em seu próprio tempo. Todo o resto é irrelevante.

Ela franziu o cenho. — Mesmo que você esteja preso na cidade com outros de sua espécie.

Ele virou-se e seguiu seu olhar além da curva da cúpula. Do lado de fora da cúpula de vidro, o luar iluminava as cachoeiras que caíam dos penhascos das montanhas envoltos em nuvens. As poucas árvores que ocupavam as saliências mais altas da montanha se expandiram para a abundância de florestas de pinheiros antes de diminuir à medida que as florestas deram lugar a campos exuberantes repletos de flores silvestres. Se fechasse os olhos, poderia ouvir o barulho da água e cheirar a fragrância de pinho e cedro. Seus dedos se contraíram, instintivamente alcançando a casca áspera das árvores e a maciez aveludada das pétalas de flores silvestres.

Seus olhos brilharam abertos. A realidade despedaçou sua visão, mas restaram fragmentos suficientes para manter o sorriso em seus lábios. — É lindo lá fora.

Um lampejo de culpa dançou no rosto de Tera. Seu olhar disparou para o brilho pálido que circundava o nível superior de *Malum Turris* como uma pulseira.

Os olhos de Erich estreitaram-se. *Por quê?*

Ele voltou sua atenção para ela. Ele abriu a boca para fazer a pergunta, mas sua voz ficou em silêncio. Mais uma vez, sua respiração ficou presa na perfeição impecável de seus traços. Lágrimas arderam em seus olhos. Comparado a ela, o mais impressionante humano era pouco mais que uma gárgula. Ele reprimiu sua curiosidade. Ele não precisava de respostas. A magnífica beleza da natureza estava além da cúpula, mas a beleza maior estava diante dele. — É muito mais bonito aqui.

Ela voltou-se para ele. Depois de vários minutos estudando-o, disse: — Você está feliz.

— Por que você parece surpresa?

— Nenhum ser humano aprendeu a ficar feliz, não nos setecentos e cinquenta anos de existência de Aeternae Noctis.

Ele riu. — Sempre há um primeiro.

Sua expressão permaneceu cética.

Ele acenou com a mão para abranger o ambiente. — Eu tenho tudo que preciso aqui. Pena, pergaminho, o silêncio da noite e inspiração.

— Você ama a noite.

Erich acenou com a cabeça. — Sim, amo. — O reconhecimento desse simples fato o inundou de paz.

Ela sorriu, radiante sob o luar. — Seja abençoado pela noite. — Suas asas se espalharam, bateram e a ergueram para o céu. Por um momento, ela pairou sobre ele antes de virar-se, disparando como uma flecha em direção a Malum Turris.

Depois daquele primeiro encontro à meia-noite, Erich via Tera com frequência, pelo menos uma vez a cada noite de lua cheia. Ela não deu motivos para sua presença na cidade. Certamente não poderia ser para zelar pelas atividades dos vampiros; seu povo temia demais os vampiros para resistir. Ela parecia acessível, até amigável, mas sua reputação o alertou para manter distância. Os vampiros abriram caminho para ela, embora Erich sentisse que sua distância era inspirada pelo respeito ao invés do medo. Apesar de tudo, ela permanecia por uma ou duas horas perto da fonte na praça da cidade, lendo seus poemas, ou com muito mais frequência, observando-o desenhar.

Mesmo ela, percebeu com uma ironia zombeteira, não tinha apetite por sua poesia. Aparentemente, ninguém, humano, vampiro ou Icrathari, fez. Ele era obviamente um poeta tão bom quanto um guerreiro habilidoso. No entanto, quem precisava de poesia quando sua musa estava presente? Quando ela estava com ele, as palavras lhe faltaram; ele não sabia escrever. Em vez disso, a pena dele dançava no pergaminho na tentativa de imortalizá-la. Ele ansiava por tocar os fios de prata que escaparam de sua trança para emoldurar seu rosto. A pele dela era tão macia quanto imaginava em seu sono todas as noites? Como sua voz, o agora familiar sopro de seda sobre aço, soaria quando tornada áspera pelo desejo?

Erich não conseguia tirá-la da mente e vivia apenas para cada noite de lua cheia, quando poderia vê-la novamente.

Ele tinha apenas horas para esperar, percebeu quando olhou para o céu tarde da noite, ou o que quer que tenha passado como noite em uma cidade de escuridão eterna. Com um sorriso, ele olhou

para o pergaminho em sua mão. Ele nunca se imaginou um artista, mas talvez lhe faltasse apenas a inspiração certa. Uma imagem detalhada de seu rosto com olhos solenes e boca séria o encarou de volta. Era linda porque era muito menos imperfeita para ser o contrário, mas sua expressão a tornava encantadora. Combinava esperança com desespero, um lembrete pungente de que as alturas de um não poderiam existir sem as profundezas do outro.

Ainda estava aquém da expressão indescritível que ela costumava usar, mas estava perto. Ele iria, sabia, passar o resto de sua vida tentando capturá-lo.

Uma onda de movimento percorreu sua visão periférica. Mãos fortes o agarraram e o colocaram de pé.

Seu pergaminho caiu no chão.

— O que é isso? — uma profunda voz masculina provocou. Gerald, o ferreiro, pegou o pedaço de papel. — É a Icrathari. — Ele jogou o pergaminho de lado e cuspiu nele.

Erich contorceu-se, mas não conseguiu livrar-se do aperto inflexível dos dois homens que o seguravam. — Devolva-me.

— Você é surpreendentemente coerente, para uma escrava de sangue.

Seus olhos estreitaram-se. — Escrava de sangue? — Ele balançou a cabeça, sua negação frenética. — Eu não sou um escravo de sangue.

— O demônio não forçou seu sangue garganta abaixo e te transformou em um zumbi irrefletido e adorador, ou seja? Claro que sim. Por que mais você se casaria com ela?

— Tera não é um demônio.

— Tera? — uma voz feminina interrompeu. Uma jovem de vinte e poucos anos, pouco mais velha do que Erich, passou pelos homens que o cercavam. Uma cascata de cachos cor de fogo emoldurava seu rosto. Seus olhos verdes eram fendas estreitas. — E então tem um nome. Ela sabe o seu? Ela virá quando fizermos você gritar seu nome?

— Yuri —, Erich implorou a prima. — Não faça isso.

— Não fazer o quê? Não revide? É melhor do que se encolher. Melhor do que viver com culpa. Eu não pude protegê-los. — Sua voz falhou de dor. — Eles levaram Jana e Jack mês passado. Eles levaram meus bebês.

— Oh, Yuri... — Seu coração partiu-se por ela e por seus gêmeos de rosto brilhante que tinham acabado de fazer cinco anos.

— Os vampiros e o Icrathari... eles vão pagar. Eu vou fazê-los. — Seus lábios torceram-se em uma careta. — E você vai me ajudar.

Contra Tera?

Sua afeição por sua prima, pela família, guerreou contra sua

necessidade instintiva de proteger sua musa. Tera não era humana, mas também não era um demônio. Ela não era o monstro que acreditavam que era. A agitação correu por ele. Ele balançou sua cabeça. — Não.

Um sorriso de escárnio cruzou o rosto de Yuri. Seu queixo ergueu-se e ela olhou para Gerald. — Você lida com Erich. Vou me certificar de que os outros estejam prontos.

Erich viu de relance vários homens segurando uma rede, seus cantos carregados de pedras.

Uma imagem de Tera, enrolada indefesa sob uma rede, passou por sua mente. O medo aumentou a adrenalina através dele. — Yuri, não! — Ele lançou-se para frente, libertando-se, mas os companheiros de Gerald o puxaram de volta e apertaram seus braços.

O ferreiro riu dele. — Yuri não foi muito específica sobre o que *não* fazer com você. Quando terminarmos, você estará cantando tudo o que dissermos.

Ele cerrou os dentes. O inferno que faria.

Gerald recuou a mão pesada e deu um tapa em Erich. Os ossos quebraram com o impacto. A dor explodiu em seu rosto. Ele engasgou. Lágrimas inundaram seus olhos, embaçando sua visão contra seus algozes.

Se ao menos fosse tão fácil escapar da agonia que se seguiu. Ele não gritou quando Gerald cravou os punhos enormes em seu rosto e estômago, ou quando os golpes repetidos o derrubaram de cara no chão. A voz do ferreiro ecoou em sua cabeça dolorida. — Você não é mais tão bonito. Continue, Erich. Grite pelo demônio. Talvez venha para salvá-lo.

Não, não venha. Ele mordeu o lábio até que sangrasse.

Gerald zombou. — Estique os braços. Ambos.

Atordoadado pela dor, Erich olhou para o chão enquanto a sombra enorme de Gerald pairava sobre ele. Um rato cinza correu pela calçada, disparando da luz para a escuridão. As sombras assumiram a forma distinta de um grande martelo. Gerald balançou o martelo sobre a cabeça. — Sua última chance, Erich. Ligue para ela ou você nunca mais vai escrever, nunca mais vai segurar nada, nunca mais.

Erich fechou os olhos. O sangue escorria de seu nariz e boca manchando a rua. Os paralelepípedos pareciam lisos e frios sob a ponta de seus dedos. Sua voz tremia, mas ele falou sem hesitar. — Vá para o inferno.

O martelo desceu. O ferro chocou-se contra a pedra, esmagando ossos frágeis entre eles.

A angústia, crua e brutal, o retalhou. Erich gritou então, apenas uma vez. Ele estava extremamente consciente quando Gerald desceu o martelo em sua outra mão. Seus olhos abriram-se. Como se

estivesse em um sonho, ele olhou para a polpa ensanguentada e mutilada onde suas mãos estiveram. *Oh Deus. Não...*

Seu olhar viajou além de suas mãos arruinadas para travar no pacote jogado descuidadamente no chão. Pequenos respingos de sangue marcavam as bordas do pergaminho, mas seu precioso desenho do rosto de Tera o encarava solenemente. Desespero e esperança. Naquele momento, apenas o desespero estava presente. *Não venha. É uma armadilha. Não venha me salvar.*

Um grito de guerra desumano, parte sereia, parte harpia - perfurou a noite. As pessoas encolheram-se reflexivamente em bolas fetais. Quatro Icrathari de cabelos prateados, pálidos contra as paredes escuras de Malum Turris, entraram na praça da cidade. Suas asas negras agitaram o ar em um vórtice vicioso. Garras e presas rasgaram os humanos. Sangue jorrava. A água da fonte ficou vermelha.

Seu povo, sangrando e morrendo, desapareceu em sua visão periférica. Seus gritos tornaram-se ruídos em branco. Erich rastejou para frente, arrastando o corpo ferido uma dolorosa polegada de cada vez pelos paralelepípedos. Ele tinha que proteger o retrato de Tera. Era tudo o que lhe restava, a última obra que produziria.

Ele colocou a mão estilhaçada nas pontas do pergaminho e o segurou no lugar contra o pânico e o terror que inundavam a praça da cidade. Pesados pés com botas pisotearam seu corpo na pressa desesperada para escapar da fúria dos vampiros e Icrathari. Frequentemente, um suspiro agonizante anunciava o baque surdo de outro corpo caindo sem vida nas ruas manchadas de sangue.

Erich fechou um mundo que pulsava de dor e retirou-se para um lugar em sua mente onde pudesse compartilhar a noite, tranquila e pacífica, com Tera. Eles não trocaram palavras, mas nenhuma foi necessária. Eles estavam unidos pelo amor pela beleza em sua miríade de formas - tanto humana quanto Icrathari. Era o único mundo que entendia, o único mundo que ansiava.

Ele permaneceu naquele estado de sonho quando mãos delicadas, porém fortes, o viraram e o pegaram. O toque foi gentil, mas ele lutou, estendendo a mão para o retrato no chão. Outra mão pálida pegou o pergaminho, dobrou-o e enfiou-o na camisa. Com um suspiro silencioso, ele pressionou as mãos esmagadas contra a camisa, contra o retrato de Tera, e fechou os olhos.

— Erich —, a voz de Tera chamou-o. — Concentre-se na minha voz.

Ela estava carregando-o, cada passo rápido sacudindo partes de dor por seu corpo quebrado.

Ele não queria se mover. Ele só queria ficar com ela até o fim. Não demoraria muito.

Um calafrio, mais frio do que qualquer coisa que ele

experimentou, passou através de seu corpo. O ritmo constante das botas de Tera batendo no aço, não na pedra. Ele forçou seus olhos a se abrirem e encarou sem compreender as paredes pretas fechando-se ao seu redor. Linhas retas de corredores fluíram em curvas perfeitas de cantos antes de endireitar mais uma vez. Construção perfeita. Superfícies lisas e perfeitas.

Ele estava em Malum Turreis? Era como nenhum lugar que já tivesse visto. O uso de aço, sua construção impossivelmente perfeita e sua aparência estéril e diferente colocavam a torre além da habilidade e do conhecimento humano, além de seu tempo, talvez até mesmo além de seu mundo.

Tera ultrapassou a soleira. Aço sussurrou contra aço. Na frente dela, o chão abriu-se. O ar quente correu pela abertura e engrossou em vapor ao colidir com o ar frio dentro da torre.

Indiferente, ela entrou no vazio. Momentos depois, ele estava caindo, embora ainda aninhado nos braços de Tera. Suas asas se alargaram, controlando a velocidade de sua descida. Um calor desconfortável o envolveu. Até o ar tinha um cheiro diferente. Arrepiou em seus pulmões, como se infundido com um milhão de minúsculas partículas.

Seus lábios tremiam enquanto ele tentava formar palavras, mas a lesão e a exaustão roubaram sua voz. *Para onde você está me levando?*

O sopro abrasador de ar aquecido tornou-se quase insuportável e ele fechou os olhos.

Inferno. Você está me levando para o inferno.

Mas o calor passou. Quando ele abriu os olhos, ele estava deitado em solo ressecado. Tera inclinou-se sobre ele, seu lindo rosto mergulhado nas sombras pela enorme estrutura em forma de cúpula que pairava várias centenas de metros acima do solo, carregada por poderosas rajadas de ar. Dentro da curva da cúpula, ele podia ver a catedral, a prefeitura e os edifícios de Aeternae Noctis. Abaixo do ápice da cúpula, aparentemente ancorando a cúpula em sua plataforma estava Malum Turreis.

Sua mente vacilou. Era impossível! Aeternae Noctis foi construída no terreno. Quantas vezes ele se pressionou contra a curva da cúpula e olhou para o esplendor imutável do mundo fora da cúpula. As montanhas eternas, a cascata infinita da cachoeira sobre pinhais e campos exuberantes?

Erich fechou os olhos lentamente, deliberadamente, e desejou que seus sentidos voltassem. Ele desejou que o pesadelo fosse embora.

Quando abriu os olhos, a cidade abobadada da noite eterna estava ainda mais longe, fugindo do brilho distante no horizonte.

Mas como? E porque?

Ele lembrou-se do olhar culpado de Tera para o anel de luz que

emergia dos andares superiores da torre negra. O mundo perfeito e imutável fora da cúpula era um castelo de ilusão sustentado por Malum Turris.

Não respondeu à pergunta por quê.

Ele olhou de volta para Tera. Seus lábios moldaram a palavra que ele não tinha mais forças para pronunciar em voz alta. *Por quê?*

— Confie em mim, — ela murmurou. Ela virou o rosto dele para o lado, expondo o comprimento de seu pescoço. Com um deslizar de osso contra carne, suas unhas peroladas se estenderam em garras curvas, e ela puxou sua ponta afiada contra sua carne tenra, cortando sua veia jugular.

O sangue jorrou dele e desapareceu, afundando na terra sedenta, deixando manchas escuras. Um arrepio profundo se espalhou de um lugar bem fundo dentro dele e espalhou-se para suas extremidades. Sua visão encolheu quando a escuridão aproximou-se. O som de seu batimento cardíaco lento bateu em seus ouvidos, o intervalo entre cada batida mais longo, cada batida mais suave.

Ele morreria em seus braços. *Não há lugar melhor.* Erich estava fraco demais para sorrir, mas afundou-se de gratidão em seu abraço e fechou os olhos.

Ele não estava preparado para o fluxo de líquido espesso em sua boca, como vinho com mel, mas mais rico e muito mais intoxicante. Fluiu sem resistência por sua garganta, afastando o frio e a escuridão.

Seus olhos abriram-se quando Tera afastou-se. Sangue, cor de ouro, escorria de um corte em seu pulso. Enquanto ele observava, sua pele pálida fechou-se perfeitamente sobre o corte. Seu olhar parecia tão preocupado.

Seus lábios formaram um sussurro silencioso. — Viver. Viver para sempre.

Luzes brilhantes passaram por sua cabeça, cegando-o. O menor som parecia ecoar em seu crânio e ressoar em seus ossos. Tera falava de vida, mas o cheiro da terra, pungente de morte, subiu para encher suas narinas.

Seus sentidos cambalearam com a sobrecarga desconcertante e deslumbrante, levando sua mente ao pânico.

O que está acontecendo comigo?

Ela virou-se.

Não, Tera. Por favor, não vá. Não me deixe.

Seu corpo suave e tremia. Tudo... muito alto, muito claro. Demais.

Tera voltou. Desesperado, ele a alcançou, a âncora de sua sanidade dissolvida. Sua presença manteve o terror, o medo sob controle. Sua voz mental soluçou de alívio. *Você voltou. Eu sabia que*

você iria.

Gentilmente, ela o pegou e depositou em uma abertura rasa que ela cavou no solo. Demorou um pouco para perceber que era uma sepultura.

Por um momento, a mão dela permaneceu em seu rosto antes que ela se afastasse. A dor violenta em seus olhos endureceu em resolução.

Ela levantou-se e deu um passo para trás. A sujeira voou em seu rosto. Cobriu seu corpo, enterrando-o.

Uma voz animalesca, desprovida de sanidade, enlouquecida de terror, cortou a noite.

Sua voz, ele percebeu atordoado. Não não não! Não me deixe! Eu preciso de você!

Seus gritos não ouvidos continuaram, agitando seu crânio, mesmo enquanto o mundo ao seu redor ficava em silêncio.

Minutos se passaram. Horas. Talvez até dias.

O tempo tinha pouco significado sob a terra. Quando Erich finalmente encontrou forças para empurrar a sujeira para o lado e se arrastar de sua cova rasa, ele subiu para um mundo que não era nada como o mundo que ele tinha visto de dentro da segurança da cúpula. Nenhuma montanha elevada agraciada por quedas d'água. Nenhuma floresta de pinheiros ou campos abençoados com uma abundância de flores silvestres.

Em vez disso, um deserto árido o acolheu - um mundo sem água. A terra seca se rachou em linhas irregulares que se alargaram em fendas.

A verdade do mundo além do santuário abobadado de Aeternae Noctis, uma cidade de recursos limitados, onde as crianças eram regularmente sacrificadas para o bem da sobrevivência da comunidade, era como uma estaca em seu coração. Acima dele, estrelas cintilavam em um céu sem nuvens, crescendo a luz com o amanhecer iminente.

Ele olhou para o brilho crescente no horizonte. O medo se apoderou de seu estômago. Ele era uma criatura da noite, ele tinha sido até mesmo como um humano, mas ele nunca temeu a luz antes.

Agora temia, seu terror instintivo, primitivo.

Paralisado, observou a faixa de luz do sol consumir tudo em seu caminho, arrancando lamentáveis gotas de umidade do solo e incendiando qualquer coisa que ainda pudesse queimar.

Sua única salvação estava na cidade abobadada de Aeternae Noctis, que correu pela noite eterna, mas não estava à vista.

O dia aproximou-se, trazendo a morte em seu rastro.

Erich respirou fundo, estremecendo. O desespero destruiu a esperança. A luz do sol pela qual seu povo ansiava era a fonte da

morte. O paraíso além da cúpula com que seu povo havia sonhado era o inferno.

Sua musa o amaldiçoou e o abandonou para a vida eterna no inferno.

Seu grito de gelar o sangue subiu aos céus, mas não conseguiu abafar o som de seu coração partido. Erich Dale, uma vez humano, agora um vampiro, virou e saiu correndo, fugindo da luz do dia. Não havia mais nada a fazer, nada mais que ele pudesse fazer, exceto lamentar a noite eterna que Tera havia roubado dele.



CAPÍTULO 2

Nos Dias de Hoje...

Vozes distorcidas soavam para Tera, saltando fora das paredes de granito curvas da caverna, turvando como ondas.

— Por aqui, — Yuri parecia irritada.

— Não, isso *fora*, — foi a resposta *despreocupada* de Talon.

A irritação agitou as asas de Tera. Yuri, a vampira, e Talon, o vampiro mais velho, faziam questão de nunca concordar com nada. Infelizmente para Tera, ela havia escolhido os dois para acompanhá-la às cavernas Daeva, uma decisão da qual se arrependeu desde então. Suas asas de couro preto ondularam, desdobrando-se em sua envergadura de três metros. As pontas dos ossos revestidos de aço batiam nas paredes da caverna. Um músculo contraiu-se em sua bochecha; o dom da imortalidade não incluía imunidade à enxaqueca.

Yuri e Talon ainda estavam discutindo como crianças rabugentas quando Tera passou por eles. Ela balançou a longa trança por cima do ombro e respirou fundo. O ar úmido, pungente de podridão, ocultava odores mais sutis que poderiam ter fornecido pistas sobre a localização dos Daevas.

Ou de um imortali.

As ordens da rainha Icrathari Ashra foram claras. Termine a guerra milenar com os Daevas encontrando alguém com poderes para negociar uma trégua.

Tera ainda não tinha certeza de como aquele alguém acabou sendo o imortali Erich Dale.

Até algumas semanas antes, ela não sabia que ele havia

sobrevivido à transformação. Seu reencontro mostrou tanto as presas quanto as garras. Erich nutria um rancor de duzentos e cinquenta anos e estava louco. Ela mal havia vencido - mesmo com força, velocidade e vôo a seu lado.

A potente combinação de insanidade e ódio foi, afinal, o grande equalizador.

Ashra queria negociações de paz exaustivas.

Francamente, Tera teria se conformado com um “olá”.

— Bem? — Perguntou Talon.

Só então Tera percebeu que Yuri e Talon estavam olhando para ela, esperando sua decisão. Ela franziu o cenho. Seus sentidos sobrenaturais não favoreciam um caminho em detrimento do outro. — Este aqui, — ela disse, escolhendo o caminho de Yuri, apenas para torcer o nariz de Talon.

Yuri, uma vez a líder de uma rebelião humana e agora uma vampira senhora da guerra, sorriu para Talon. Ela também usava o cabelo ruivo em uma longa trança. Ela o jogou por cima do ombro, certificando-se de que acertou o rosto de Talon, antes de passar por ele para entrar no túnel escuro.

A atenção de Talon permaneceu nas nádegas bem torneadas e revestidas de couro de Yuri, seu sorriso apreciativo. O sorriso transformou-se em uma careta impenitente quando percebeu que Tera estava olhando.

Tera deu uma risadinha. Talon era o único dos três vampiros mais velhos criados antes do apocalipse mil anos antes. Sua veia brincalhona e irreverente o distinguia de Jaden Hunter e Rafael Varens, os quais, na opinião de Tera, levavam a vida muito a sério.

Mas, novamente, ter nascido na noite eterna em uma luta sem fim pela sobrevivência poderia obscurecer permanentemente a perspectiva de um homem.

Talon girou os ombros enquanto seguia Yuri. — Esta aventura está se revelando uma espécie de missão tola.

— Estamos em uma missão, não em uma escapada, — Yuri corrigiu friamente. — Talvez o problema esteja apenas na sua cabeça. Estamos no fundo do território inimigo e você o está tratando como o país das maravilhas.

— Se estamos tão profundamente em território inimigo, onde estão eles? — Perguntou Talon. — Cinco dias e nem mesmo um único Daeva para animar as coisas.

— Nós vimos seus assentamentos.

— Assentamentos abandonados. Trapos. Utensílios crus. Ferramentas de pedra. — O vampiro mais velho bufou. — Não é bem o bastião da civilização.

Yuri arqueou uma sobrancelha. — Os Daevas não mantiveram

você cativo por quinhentos anos?

Para crédito de Talon, ele nem mesmo vacilou. — A grande pedra que eles rolaram na entrada de suas celas patéticas não definia a prisão. É o labirinto de cavernas além. Não penso em movimento em três dimensões; provavelmente porque eu não tenho asas, mas nessas cavernas, há pelo menos tantos caminhos para cima e para baixo quanto em cada lado.

— Você sempre tem uma boa desculpa, não é? — Yuri zombou.

Ele sorriu para ela. — Isso vem de ser mais velho, mais inteligente e mais sábio do que você.

Yuri riu. — Um em cada três não é ruim. — Ela continuou a descer o túnel, sua espada desembainhada em um aperto relaxado. As cavernas, que teriam sido escuras para um humano, eram separadas em tons de cinza para olhos de vampiro.

— Por quanto tempo mais vamos ficar nas cavernas? — Talon dirigiu a pergunta a ninguém em particular.

— Até ficarmos com sono ou ficarmos sem comida —, disse Tera com rispidez.

Ele franziu a testa. — Mas não dormimos nem precisamos de comida.

— Ficaremos aqui por um longo tempo, então.

Talon bufou. — E eles disseram que você não tem senso de humor.

Tera encolheu os ombros. Ela era uma senhora da guerra e a protetora de Aeternae Noctis. O senso de humor não fazia parte dos requisitos do trabalho.

Desenvolver uma paixão por um humano estava definitivamente fora do escopo de minhas responsabilidades.

Transformando-o sem prepará-lo adequadamente, essa culpa é só minha.

— Nós sabemos onde estamos? — Yuri perguntou.

— Bem aqui. — Talon sorriu.

— Estamos indo para o norte, — Tera interrompeu em uma tentativa de interromper a brincadeira entre Yuri e Talon.

— Como você sabe? — Perguntou Talon.

— Você não consegue sentir isso?

— Sentir o quê? Os pólos magnéticos?

— Sim.

Talon encolheu os ombros. — Obviamente, não sou tão superior quanto um Icrathari. Não consigo sentir nada. — Ele olhou para Yuri. — Você pode? O que você usa para navegar?

— A ponta do meu nariz. — Yuri o ergueu com suprema altivez. Ela ficou rígida. Sua cabeça se inclinou. — Você está ouvindo?

Tera ergueu a mão pedindo silêncio. — Água. Provavelmente é

outro rio subterrâneo.

Os olhos de Yuri se estreitaram. — Temos que atravessar a nado também?

Talon riu. — Você tem medo de molhar seus lindos sapatinhos? — ele perguntou. — Ah, espere. Acabei de me lembrar. Você é tão graciosa quanto um pombo na água.

Tera estava muito cansada das brincadeiras intermináveis de Talon para revirar os olhos. — Talon, afirmações como essa são o motivo pelo qual as mulheres matam os homens.

— Oooh... — Ele zombou de um estremecimento. — Eu estou assustado.

Tera olhou para trás por cima do ombro.

Yuri e Talon se agacharam em batalha. As garras de Talon se estenderam com um familiar rastejar de unhas contra a carne.

Tera franziu a testa. Ela tinha apenas imaginado aquele suave sopro de ar deslocando-se acima dela?

Nada mudou.

Talon lançou-lhe um olhar. A inclinação de suas sobrancelhas confirmou que ele também não ouviu nada e não sentiu nada.

Tera sacudiu a cabeça, uma ordem para continuar.

O leve sussurro de água corrente expandiu-se em um rugido enquanto os túneis se abriam em uma vasta caverna subterrânea. Um rio, não um riacho calmo, mas com corredeiras de cume branco, espirrava e tombava pela caverna, batendo contra pedras lisas pelo impacto e pelo tempo.

A curta vida de Yuri, um pouco mais de duzentos e cinquenta anos vividos em Aeternae Noctis, não incluiu essa visão. Tanto Talon quanto Tera também não viam tanta água há muito tempo. Mil anos antes, a última guerra humana e o apocalipse que se seguiu danificaram a atmosfera, tornando a Terra insuportável. O único santuário era na noite eterna. A cidade de Aeternae Noctis, carregada por enormes motores, abrigou os Icrathari, seu exército de vampiros e os restos da humanidade.

No entanto, a vida existia fora da cúpula. Os Daevas eram prova disso. Dentro da caverna, Tera seguiu uma antiga trilha de odores até aglomerados de rochas alinhadas simetricamente demais para serem acidentais. Ferramentas de pedra grosseiras dentro das ruínas marcavam-no como outra habitação Daeva, mas nenhuma daquelas criaturas foi encontrada.

Ela franziu a testa, suas sobrancelhas juntando-se. A tensão desenrolou-se e ondulou suas asas. Certa vez, ela vira hordas de Daevas bloquearem a lua cheia. Para onde eles foram?

Eles sabiam que ela os caçava?

Provavelmente.

Ela ficou rígida. Lá estava ele novamente. Não exatamente uma lufada de ar, mas algo mais - um aperto entre as lâminas do sapato, o instinto de um predador de que ela era observada.

Caçada.

Ela virou-se, seu olhar viajando sobre cada fenda sombria. *Eu sei que você está aqui, Erich. Saia. Estou pronta para você.*



Uma sensação desconhecida puxou o canto de sua boca. Momentos se passaram antes que sua mente identificasse como um sorriso, um meio sorriso, distorcido e mais do que um pouco amargo.

Já fazia muito tempo que Erich Dale não tinha nenhuma ocasião ou motivo para sorrir.

Ele não conseguia imaginar por que estaria sorrindo agora. Tera movia-se entre as rochas com uma graça leve, como se estivesse pairando em vez de andar. Sua curva lenta não poderia ter sido mais equilibrada e elegante se ela estivesse dançando.

No entanto, ela era uma guerreira e seu corpo sua arma. Com Icrathari assim como com Daevas, a velocidade e a força aumentavam com a idade, e Tera tinha milhares de anos. Poucos poderiam competir com ela em uma luta um contra um. As pontas das asas, envoltas em aço, e as tachas de metal pontiagudas em suas roupas de couro, botas e luvas sem dedos forneciam a única proteção de que ela precisava.

Ela caminhou quase diretamente sob seu esconderijo e virou-se, como se soubesse que estava sendo observada. Fios de cabelo prateado se soltaram de sua trança para emoldurar seu rosto em formato de coração, suavizando sua aparência. Seus grandes olhos cinzentos, ele sempre pensou que eram inadequados para uma senhora da guerra, não duros, frios e cansados como ele imaginou que seriam. Sua beleza poderia ter levado os anjos às lágrimas de inveja.

Os dedos deformados de Erich contraíram-se.

Ele queria pintá-la, e uma vez que o fez.

Essa pintura não era nada além de poeira; o papel, manchado com seu sangue, finalmente sucumbindo à decadência do tempo.

A imagem, entretanto, congelou em sua mente. No entanto, agora, mais uma vez diante de Tera em pessoa, ele percebeu o quanto havia perdido.

O movimento lento e descendente de seus longos cílios. As leves contrações de seus lábios perfeitos enquanto ela refletia sobre um povoado Daeva abandonado. A ligeira inclinação de sua cabeça enquanto ouvia os sons que não poderiam ser audíveis com o rugido amplificado da água corrente.

Se ele tivesse caneta e papel...

Ele a imortalizaria mais uma vez e depois a mataria.

Ele pouparia o mundo do tormento pelo qual passou, confundindo sua beleza angelical com bondade.

Quanto a seus companheiros...

Erich reconheceu o macho, o vampiro uma vez mantido em cativeiro pelos Daevas. Quanto à mulher...

A mente de Erich procurou um nome, mas não encontrou nada nos fragmentos de suas memórias. Sua transformação infernal foi o ponto crucial em sua vida. Tudo antes dele, exceto Tera, havia se quebrado em pedaços pequenos demais para serem recolhidos, fragmentos muito importantes para se preocupar.

No entanto, algo sobre a vampira parecia familiar. Ela era uma cabeça mais alta do que Tera e usava o cabelo e a armadura em um estilo semelhante. *Imitação servil*, ele zombou.

Mas, novamente, a Icrathari tinha um jeito de inspirar afeto, adulação e até amor. Ele também já havia caído no feitiço de Tera.

Uma voz gutural sussurrou em seu ouvido: — Você está pronto?

Emoções confusas engoliram seus pensamentos. *Estou pronto desde o dia em que me tirei da cova em que ela me enterrou*. Ele ergueu a mão, os dedos abertos. *Assim que ela morrer, toda essa loucura em mim irá embora e eu finalmente estarei em paz*.

Sua voz mental tremeu. *É o que eu quero. É o que sempre quis*.

Seus dedos se fecharam em um punho fechado. Atrás dele, o estrondo de asas batendo abafou o rugido do rio subterrâneo.

Daevas, centenas deles, caiu através do telhado da caverna e correu em direção às três figuras solitárias abaixo.



CAPÍTULO 3

O ar vibrou; o chão tremeu. Tera já estava em movimento quando o teto da caverna espatifou-se. Fragmentos de rocha espirraram no rio, mas o som mal foi ouvido por causa do estrondoso bater de asas contra o ar. Talon e Yuri, ambos primorosamente treinados, ficaram costas com costas em uma caverna para canalizar seus atacantes em uma abordagem estreita.

Tera respirou fundo e gritou. A primeira onda de Daevas recuou com seu grito de batalha, comprando-lhe os poucos segundos preciosos que ela precisava para alcançar Yuri e Talon. Suas unhas se estenderam, curvando-se em garras. Seus incisivos se alongaram.

Os Daevas, não mais altos ou maiores do que ela, avançaram, mas suas asas não tinham pontas de metal nem eram livres para manobrar como ela. Ela não teve que se conter por medo de machucar um aliado aéreo.

Tera mergulhou no aglomerado de asas negras e fez um giro completo. O corte das pontas de suas asas de metal na pele escura e semelhante a crepe das Daevas respingou sangue dourado no chão. O alargamento de suas asas abriu um amplo espaço sobre o campo de batalha, protegendo Yuri e Talon de ataques aéreos imediatos.

Yuri lutou com espadas gêmeas e Talon com garras e presas. Tera simplesmente arrancou Daevas do ar. As criaturas aparentemente demoníacas que atacaram em massa eram jovens, não mais do que algumas centenas de anos, e não eram páreo para uma Icrathari de quatro mil anos. Com crueldade metódica e precisão aprimorada através de milhares de anos de treinamento, ela socou seus estômagos e arrancou suas gargantas.

Era a única maneira de matar o Fae.

Arrastando intestinos, os daevas despencavam do céu, seus ossos quebrando no momento do impacto com o solo.

Talon rosnou quando o mergulho mortal final de um Daeva por pouco não o acertou. — Com licença, estou trabalhando aqui. — Ele evitou o ataque de salto de outro Daeva e agarrou-o pela parte de trás

de sua garganta esquelética. Afundando suas garras em seu estômago, ele puxou seu conteúdo antes de quebrar seu pescoço. Desdenhosamente, ele o soltou. Estava morto antes de atingir o solo.

Ao lado dele, Yuri teceu os passos coreografados de uma dança mortal. Atacar. Desviar-se. Desviar-se. Em seguida, dois cortes horizontais com suas espadas, um alto na garganta e outro baixo no estômago, em direções opostas, como os laços de uma bolsa. Outro Daeva caiu, sangue dourado escorrendo de sua garganta e estômago cortados.

No ar, Tera abateu um Daeva e o deixou cair. Dois outros tomaram seu lugar. Seu olhar varreu a propagação de asas escuras. Onde estava Erich?

Duas grandes figuras voaram de uma abertura no teto da caverna. Uma terceira figura, mais alta do que as duas primeiras, deu uma cambalhota no ar para aterrissar agachado em batalha.

Erich.

Ele estava mais magro do que ela se lembrava, seu cabelo loiro claro agora um castanho com mechas sujas. Suas roupas eram trapos mal ajustados, roubados de vampiros massacrados pelos Daevas. Ele estava muito distante para ela ver seus olhos, mas ela o teria reconhecido em qualquer lugar - suas mãos deformadas se fecharam em punhos enquanto ele se endireitava.

Ela lembrou-se de seu último vislumbre dele antes de cobri-lo com sujeira. Suas mãos quebradas e ensangüentadas agarraram um papel no qual ele havia desenhado a imagem dela. Por um momento, ela considerou tirá-lo dele - uma lembrança caso ele não sobrevivesse à transformação dolorosa de humano em vampiro mais velho - mas ele o segurou contra seu coração como se fosse a única coisa que importava.

No final, ele precisava disso mais do que ela, fosse o que fosse. Seu corpo havia sobrevivido à transformação, mas sua mente não. Ele se tornou um imortal, um vampiro ancião enlouquecido pelo questionável dom da imortalidade.

Ele não havia voltado para Aeternae Noctis. Ele não voltou para ela.

Do outro lado da distância que os separava, Erich gesticulou para os dois Daevas pairando ao lado dele. Ao diminuir a distância para Tera, os outros Daevas recuaram. Seus olhos amarelos se estreitaram em reconhecimento. O aceno quase imperceptível de suas cabeças foi quase um reconhecimento.

Tera olhou para eles, tentando alinhar as memórias dos Icrathari de pele clara que haviam sido como os Daevas escurecidos pelo sol em que se tornaram. — Daryun? Canya?

Canya concordou. Seus lábios se torceram em um sorriso

zombeteiro. Seu olhar correu para Yuri e Talon, que estavam defendendo-se contra os Daevas mais jovens.

Canya mergulhou na direção deles. Tera desceu para interceptá-la. Suas asas agitavam o ar em um redemoinho enquanto elas circulavam, cortando e fugindo. As feridas com ponta de aço de Tera rasgaram a pele endurecida pelo sol de Canya. Riachos de sangue dourado percorriam o ar.

Por baixo, não somos tão diferentes.

Os olhos de Canya brilharam de ódio. Ela rosnou uma palavra arcantana.

Tera não tinha usado Arcanta, a antiga língua da fae, em milhares de anos, desde que os seres humanos tornaram-se a espécie dominante na Terra, mas sua memória não tinha enferrujado.

— *Apóstata.*

A palavra atingiu como uma lança arremessada. Tera e Canya já foram irmãs de luta, senhoras da guerra de uma raça que tendia para atividades intelectuais e sociais. Quando o apocalipse evaporou a atmosfera, Tera seguiu Ashra até Aeternae Noctis. Canya não a acompanhou.

As enormes asas de Tera abaixaram-se, mantendo-a distante enquanto ela convocava palavras de uma língua morta. — *Nós fazemos escolhas. Vivemos com as consequências.*

— *Traidora vil* — Um rosnado acompanhou a resposta de Canya. — *Você traiu todos nós. Traiu a Grande Mãe. Traiu as vidas que juramos proteger.* — Ela se lançou contra Tera.

Tera girou para o lado e bateu as asas para frente, as pontas de aço atingindo Canya em seu rosto.

— *Pare! Vocês duas estão loucas?* — Daryun mergulhou no espaço estreito entre Canya e Tera. — *Já não morrerão muitos de nós por causa de decisões que não podem ser desfeitas?*

— *Eles ainda estão tomando essas decisões!* — Canya sibilou. — *Eis as abominações! Vampiros, nem humanos, nem faes. Eles nunca deveriam existir!* — Ela disparou sob a proteção das asas de Daryun e mergulhou em direção a Yuri, suas garras estendidas como um predador preparado para atacar.

Suas garras teriam rasgado as costas de Yuri se Talon não tivesse se lançado pelo ar. Seu salto voador chocou-se contra Canya. Ele passou os braços ao redor da cintura de Canya, seu peso superior a derrubando no chão. — Espada! — Ele gritou.

Yuri jogou sua lâmina para ele. Talon o agarrou no ar e em um movimento rápido, tão preciso como se eles tivessem planejado, ele mergulhou a lâmina no ombro de Canya.

— Outra! — Talon gritou acima do grito de agonia de Canya.

Yuri jogou a Talon sua segunda lâmina em uma fração de

segundo antes do golpe de Erich atingir seu rosto. Ela cambaleou. Erich estava sobre ela antes que pudesse recuperar o equilíbrio, suas garras cortando e rasgando.

O pânico passou pelo rosto de Talon. Ele enfiou a espada no outro ombro de Canya, então se lançou contra Erich. O vampiro mais velho e o imortal caíram no chão seco. Uma nuvem de poeira turvou sua batalha em rosnados e uivos. Sangue, a cor de um pôr do sol há muito esquecido, regou a sujeira.

Tera levou apenas um momento para separar a cadência dos gritos de guerra entre os que soavam mais com raiva e os que soavam mais com dor.

Talon estava perdendo.

Para o inferno com o pedido de paz nos olhos de Daryun. Tera devia sua lealdade aos vampiros mais velhos que lutaram e morreram para proteger os humanos em Aeternae Noctis. Ela se afastou de Daryun e mergulhou na nuvem de poeira.

Sua visão Icrathari dava bastante sentido ao enlouquecido emaranhado de membros. Ela arrancou Erich de Talon, mas antes que ela pudesse rasgar a garganta de Erich, ele se desvencilhou de seu aperto e fugiu para a escuridão.

Tera virou-se. Daryun, carregando uma Canya ferida, também recuou, flanqueado por hordas de Daevas. O som de muitas asas desapareceu no silêncio. O ar parou de tremer.

Talon lentamente ficou de pé, seus ombros curvados contra os tremores profundos que sacudiram seu corpo musculoso. Sua perna esquerda dobrada desajeitadamente, fragmentos de seu fêmur quebrado contra sua carne dilacerada. Ele olhou para Tera. — Não sou fã do seu plano de levar esses monstros vivos.

Ignorando-o, Tera ajoelhou-se ao lado de Yuri. Os olhos verdes da vampira focaram brevemente em Tera antes de brilhar; sua pele já pálida estava mais pálida pela perda de sangue. Tera enfiou as presas no pulso e baixou a veia gotejante até os lábios de Yuri.

Talon olhou por cima de seu ombro. — Ela vai ficar bem?

— Pelo menos ela não está lutando desta vez.

— Eles sempre lutam na primeira vez.

Nem sempre. Erich não lutou com ela. Talvez ele devesse. Talvez ela tivesse parado antes que ele consumisse o suficiente de seu sangue para transformá-lo, para deixá-lo louco. Ela olhou para Talon. — Você precisa disso?

Ele balançou a cabeça lentamente, a prova de admissão relutante de que ele estava gravemente ferido. Talon, o primogênito entre os vampiros mais velhos, relutava em admitir fraqueza de qualquer forma. — Mas eu posso esperar. Ela precisa do seu sangue mais do que eu.

Tera arqueou uma sobrançelha. Bem, isso era uma admissão de amor, se é que ela já tinha ouvido uma. — Deve haver o suficiente para todos. — Vampiros e vampiros mais velhos precisavam de sangue apenas para curar e, nessas circunstâncias, quanto mais antigo o sangue, mais rápida a cura. Seu sangue mais do que adequadamente curaria Yuri e Talon, mas a deixaria drenada e enfraquecida por vários dias. *Perigoso demais.* — Estamos voltando para Aeternae Noctis.

Um músculo se contraiu na mandíbula de Talon.

As sobrançelhas de Tera arquearam-se. Ele estava pensando seriamente em discordar dela?

Seu olhar permaneceu no rosto de Yuri e ele assentiu. — Você está certa. — Movendo-se com cuidado, ele pegou as lâminas gêmeas de Yuri e limpou o sangue dourado de Canya. O remorso impregnou sua voz. — Eu tirei seu único meio de se defender.

— As armas dela poderiam não ter feito nenhuma diferença contra Erich —, observou Tera. — A insanidade lhe dá força.

— Por que os Daevas o toleram? — Perguntou Talon. — Se ele fosse louco, não seria uma ameaça para eles tanto quanto é para nós?

— Quem pode dizer por que eles escolhem dessa forma?

— O que a Daeva disse a você?

As asas de Tera se agitaram. — Nada importante. — Ela virou-se e estendeu o pulso para ele. — É sua vez.

Talon deu a ela um olhar suspeito, mas não disse mais nada enquanto levantava seu pulso sangrento aos lábios. Tera fez uma careta e se preparou enquanto ele tirava seu sangue dela. A sensação de seu sangue correndo em suas veias era algo que ela não sentia desde...

Desde Erich. Ele foi o primeiro e único humano que ela transformou.

E veja como acabou.

Eu criei nosso pior inimigo.

Talon afastou seus lábios de seu pulso. A ferida aberta fechou rapidamente, a carne se fechando. A fina linha vermelha em sua pele desapareceu em minutos.

Tera desenhou uma respiração profunda, preparando-se contra a tontura de um mundo que oscilava à beira da vertigem.

Talon olhou para Tera criticamente enquanto ajudava Yuri a se levantar. A vampira ainda estava instável, mas ela podia ficar de pé sem apoio e suas mãos só tremiam levemente enquanto agarravam os cabos de suas lâminas. Talon também parecia em estado deplorável, mas não sangrava mais. A carne se espalhou rapidamente sobre seu fêmur recém-reparado.

Eles não podiam se dar ao luxo de demorar. Eles não estavam em posição de lutar contra outro ataque como o anterior. Tera bateu

no transmissor implantado sob sua orelha direita e ficou satisfeita ao sentir o zumbido familiar, confirmando que seu sinal para Aeternae Noctis havia sido recebido. — Vamos embora —, disse ela.

— Voltar à superfície? — Yuri perguntou. — Qual caminho?

Talon deu uma risadinha, seu sorriso malicioso era mais uma careta do



que um sorriso. — *Isso mesmo.*

Tera varreu as asas para frente, protegendo-se do vento gelado que gritava sobre a superfície árida da Terra. Montes de cidades em ruínas surgiam como cadeias de montanhas, colunas retorcidas de aço projetando-se do solo como a antena de insetos gigantes.

Uma fina faixa de luz apareceu no horizonte. O sol, uma morte implacável que queimou a Terra do amanhecer ao anoitecer, estava perto de nascer.

Qualquer pessoa inteligente, qualquer pessoa sã, fugiria do sol e se abrigaria no subsolo, ou esperaria, como ela, Talon e Yuri fizeram, pela segurança de Aeternae Noctis.

O ar retumbou, vibrando com batidas constantes, antes da chegada da cidade abobadada. Dez milhas de diâmetro, carregada por motores enormes, Aeternae Noctis foi gerada pelo gênio tecnológico do príncipe Icrathari, Rohkeus, pouco antes de ser assassinado. Por mil anos, a cidade protegeu os remanescentes da humanidade correndo pela noite.

Já não fazia isso mais.

Um ataque Daeva em Aeternae Noctis encalhou a cidade no caminho da aproximação do amanhecer. O verdadeiro plano de Rohkeus para a cidade desdobrou-se no momento de calamidade absoluta.

A cúpula de vidro de paládio de Aeternae Noctis refletia o calor insuportável do sol.

Ele nunca pretendeu que a cidade, ou a humanidade, passasse a eternidade nas trevas.

O grande plano de Rohkeus continuou a se desenvolver. Por um milênio, os Icrathari e os vampiros administraram a população da cidade sacrificando crianças e colocando-as em hibernação em caixões de vidro de paládio.

As crianças foram acordadas, seus caixões derretidos e se transformaram em cúpulas para quatro novas cidades no que antes era o Colorado. A população humana de Aeternae Noctis havia se transferido para essas cidades, mas Aeternae Noctis continuou a viajar

pelo planeta.

A cidade abobadada assomava agora - uma maravilha do gênio Icrathari e do trabalho vampírico, bloqueando o sol nascente. O ar quente saía dos motores enormes que marcavam sua superfície inferior. Uma escotilha na parte inferior da cidade abriu-se e uma figura alada voou em direção a Tera. Seu vestido branco transparente e suas longas tranças prateadas davam-lhe a aparência de um anjo, apesar de suas grandes asas de morcego. As pontas de suas asas com chifres eram douradas em ouro.

Ashra, a rainha Icrathari, deu ao trio desgrenhado um olhar crítico. — Você venceu ou não estaria viva, mas parece que foi uma luta acirrada.

— Perto demais —, murmurou Tera. — Você pode pegá-los?

Ashra envolveu seus braços ao redor de Talon e Yuri. Suas asas baixaram, levando-os para cima. Tera seguiu Ashra através da escotilha e para os níveis inferiores do Aeternae Noctis, que continha grandes salas de máquinas e botijões de combustível movidos a energia solar. As paredes se curvavam em círculos concêntricos em direção ao eixo oco no coração da torre negra.

Os vampiros usaram o elevador para percorrer a altura da torre, mas o poço fornecia acesso fácil aos três Icrathari. Aparentemente aliviada pelo peso extra, Ashra carregou Talon e Yuri até o nível mais alto de Malum Turrus. Tera disparou atrás deles; juntos, eles chegaram ao último andar.

O centro administrativo de Aeternae Noctis brilhava com o auge da tecnologia humana antes do apocalipse. Monitores grandes e consoles em rede produziam relatórios mais automatizados do que Tera gostaria de entender. O que diabos Siri fez com todos eles? O que eles poderiam dizer a ela depois de mil anos de monotonia, distinguidos apenas por quantos ataques Daeva eles sofreram naquele mês?

Siri, que estava revisando um de seus relatórios intermináveis, olhou para cima. Suas asas tremeram e suas sobranceiras se juntaram. — Você precisa de um... banho.

Tera fez uma careta. Siri era tecnicamente o gênio residente, mas às vezes ela questionava os poderes de observação de Siri.

Ashra bateu no comunicador para transmitir uma mensagem através da torre. — Rafael, Jaden, precisamos de você na câmara, agora.

Menos de um minuto depois, Jaden Hunter, o vampiro mais velho, entrou na câmara. Anteriormente humano, com mais de um metro e oitenta de altura, ele não se parecia em nada com Rohkeus, o príncipe Icrathari. Ele possuía, no entanto, a alma de Rohkeus. Seu conflito com, e eventualmente, seu amor por Ashra desencadeou o

ponto de viragem para Aeternae Noctis.

Ele também fora humano recentemente para se preocupar com ferimentos. Seu olhar passou rapidamente por Talon e Yuri; preocupação saltou em seus olhos verdes. — Você está bem?

— Tera nos remendou, — Talon disse. — Mas eu recomendo fortemente repensar nossa política de trazer os Daevas vivos para a mesa de negociações. Eles não estão interessados em conversar.

Um leve som sinalizou a chegada do elevador. Rafael Varens, o vampiro mais velho de Siri, desceu. De cabelos e olhos castanhos, Rafael parecia comum, até que sorriu. Ele não possuía a boa aparência de Jaden ou o estilo extravagante de Talon, mas seu ar de competência silenciosa inspirava confiança.

— Posso examinar você? — Ele perguntou a Yuri com a cortesia de um curandeiro profissional.

Seu exame demorou menos de um minuto. — É provável que sua vacinação preventiva com acônito salvou suas vidas.

— Porque é difícil ser envenenado quando você já está envenenado? — Talon perguntou sarcasticamente.

— É venenoso apenas para humanos. Para Icrathari e vampiros, o acônito é um reagente transformador, mas somente depois de atingir uma concentração crítica. Fora isso, você pode muito bem ser envenenado. — Rafael encolheu os ombros. — Se vamos continuar lutando contra eles, você precisa estar preparado.

— Sim, sobre isso... — A voz de Talon foi sumindo.

— Precisamos de paz —, disse Ashra. — Pelo bem das quatro cidades, se nada mais. Podemos ser capazes de lutar contra os ataques Daeva indefinidamente, mas com um deslize, podemos perder cidades inteiras, toda a humanidade.

— Você não deveria ter deixado eles saírem de Aeternae Noctis, — Talon disse.

— A população humana não tinha espaço para crescer em Aeternae Noctis. Assim, podemos libertar todas as crianças dormindo dentro da arca.

Siri falou. — Talon está certo, até certo ponto. Nós só adiamos o problema, não resolvemos. Em algum ponto, os humanos vão começar a aumentar os limites populacionais de suas cidades com cúpulas, e depois?

— Vamos resolver isso quando chegarmos a ele, mas os Daevas são um problema para o aqui e agora —, disse Ashra. — Você viu o imortali?

Tera respirou fundo. — Sim.

— E ele atacou você?

— Ele feriu Yuri e Talon.

Talon rosnou. — Eu também consegui alguns bons golpes.

— Mas ele fugiu correndo —, acrescentou Tera. — Considerando que Yuri e Talon não estavam em condições de fugir. Ashra franziu a testa. — Você disse alguma coisa para ele? — Não, mas falei com Canya e Daryun. Os olhos dourados de Ashra se arregalaram. — Eles ainda estão vivos?

Tera concordou. — Os dois últimos dos quatro Icrathari que optaram por não entrar na Aeternae Noctis. — Os outros dois estavam mortos, Megun, morta por Ashra durante o ataque a Aeternae Noctis, e Elken, morto por Rafael em uma batalha mais recente com os Daevas.

— Como eles se parecem?

Talon deu uma risadinha. — Excessivamente bronzeados.

O olhar de Ashra acalmou Talon com mais eficácia do que qualquer outra pessoa poderia ter dito. — Tera?

Tera encolheu os ombros. — Eles pareciam Daevas. Não somos mais a mesma espécie, não depois de mil anos de evolução em ambientes muito diferentes. — Ela sentou-se em uma cadeira; para o inferno com a necessidade de parecer que ela poderia enfrentar Ashra. A necessidade de postura estava há muito tempo esquecida. — Nós falamos.

A sobancelha de Ashra ergueu-se.

— Canya me chamou de traidora. Disse que traímos nosso propósito.

— O que? — As asas de Ashra abriram-se. O couro se agitou contra o ar, o som sinistro.

Talon deu um passo cuidadoso para longe da rainha Icrathari; Tera reprimiu uma risada. Não estava muito longe de supor que a única pessoa de quem Talon tinha medo era Ashra.

Tera continuou. — Daryun parecia razoável. Ele tentou impedir que Canya e eu brigássemos, mas então Canya foi atrás de Yuri, Erich se envolveu e a conversa parecia redundante naquele ponto.

— Então Daryun é a chave, não Erich?

Tera encolheu os ombros. — O que você quer, Ashra? Um chapéu amigável com uma xícara de chá? Você não vai conseguir isso. Os Daevas têm pelo menos três líderes, Canya, Daryun e o imortal, Erich. Pelo menos dois deles nos odeiam, *me* odeiam pessoalmente. Não sou a pessoa certa para liderar as caçadas, mas sou a única que pode - o que nos deixa em um beco sem saída.

— Não enviei a senhora da guerra para negociar a paz? — Ashra perguntou. — O que você quer, Tera?

Acabar com a loucura e a dor de Erich. Tera cerrou os dentes. — Quero segurança para Aeternae Noctis e nossos quatro assentamentos.

— Segurança, não paz?

Tera riu sem humor. Claro que Ashra notaria sua escolha de palavras. — A segurança é obrigatória; paz opcional. Podemos negociar com os Daevas ou podemos destruí-los. De qualquer forma, estaria bom para mim.

— Há milhares deles. Mesmo se transformarmos todos os humanos em vampiros, nunca seríamos capazes de igualá-los na batalha.

— Poderíamos, se arrastássemos toda a tecnologia do século XXI que a Siri escondeu no porão.

Siri balançou a cabeça. — E arriscar cair nas mãos dos Daevas como? Absolutamente não.

— E se a alternativa fosse nós perdermos, um vampiro por vez, uma batalha por vez? Não temos números para vencer de forma decisiva e, sempre que lutamos, é no terreno deles. Não há como vencer isso.

— A menos que negociemos a paz —, disse Ashra.

Tera encolheu os ombros. — Ou a menos que matemos seus líderes. O caos nos comprará algumas décadas de paz. A luta pelo poder vai acabar com mais Daevas do que jamais conseguiríamos.

Ashra franziu a testa, virando-se para andar lentamente pela sala. Suas asas se agitaram. — Nós os conhecemos uma vez. Megun. Elken. Canya. Daryun. Nós eramos amigos.

— Mil anos atrás. — *E tempo demais para guardar lembranças de amizade.* — Eles desafiaram Rohkeus quando ele ordenou que entrassem em Aeternae Noctis. Tenho certeza de que viveram para se arrepender de sua decisão.

— Mas por que Canya chamou você de traidora quando foi ela quem desobedeceu Rohkeus?

— Ela não disse. Nós pulamos a maioria das sutilezas sociais e rapidamente entramos na luta.

Ashra franziu a testa. — Vocês treinaram juntas.

Tera concordou. — A muito tempo atrás. — Ela tamborilou com os dedos no apoio de braço. — O que você quer, Ashra? Um bate-papo não tão amigável que pode levar a absolutamente nada, ou uma briga.

— Isso também não levaria a absolutamente nada? — O tom de Ashra era gelado. — Eu quero soluções.

— Não existem soluções fáceis.

Ashra acenou com a cabeça pensativamente. — Você é a único lá fora, nas profundezas do território Daeva. Você tem que fazer a ligação.

Você tem que fazer a ligação.

Maravilhoso. Tera fez uma careta. Jogue a decisão e a responsabilidade sobre mim.

Mas, novamente, a responsabilidade era dela. Ela havia criado Erich.

Pelo menos, ela devia a Ashra acabar com a ameaça que Erich representava. Depois de seu ataque incapacitante a Yuri e Talon, ficou claro que Erich era uma ameaça maior do que Canya ou Daryun.

Elimine Erich. Retire Canya. Talvez então, Daryun negocie.

Ou talvez as perdas levem Daryun ao limite, além da negociação.

Tera suspirou ao se encostar na varanda. Sua suíte dava para a vila na base de Malum Turrus. Rafael morava lá, com seu filho, Stefan e Siri, em uma pequena cabana cercada por ervas e flores.

Naquele momento, Stefan brincou pelo jardim de seu pai com o abandono descuidado de uma criança de cinco anos. Khiarra, meia-irmã de Jaden, era alguns anos mais velha, mas ainda era jovem o suficiente para desfrutar de um jogo de pega-pega .

O jogo, no entanto, parecia totalmente desequilibrado. Dois de seus quatro jogadores voaram no alto, carregados por asas negras. Megun, a criança meio-Icrathari, meio-Daeva com o nome de sua mãe, era tão bonita quanto qualquer Icrathari, seu cabelo era tão dourado quanto seus olhos. Aisling, filha de Ashra e Jaden, combinava o físico fay e as asas do Icrathari com a imprudente marca da beleza humana.

As quatro crianças dançavam e brincavam no jardim, aparentemente indiferentes às diferenças físicas entre elas.

Haveria espaço em sua amizade inocente para um Daeva ou um imortali?

A paz é brilhante, como um conceito, mas às vezes, é tudo o que é - um conceito.

Amo muito.

Tera endireitou-se; suas asas alargaram-se ao máximo, esticando-se contra a rigidez de suas costas e músculos dos ombros. *No final, temos nossos papéis e responsabilidades. E meu papel, como senhora da guerra e protetora de Aeternae Noctis, é acabar com a ameaça de Erich Dale.*

O console do terminal em seu quarto apitou um alarme. Franzindo a testa, ela examinou a paisagem capturada por uma das muitas câmeras externas. Uma figura solitária estava em uma crista próxima. Era alto, não alado. Não é um Daeva. *Erich?*

Ele estava sozinho, não protegido por seu exército Daeva. Ela não encontraria uma oportunidade mais perfeita do que agora.

Por um momento, Tera pensou em convocar Yuri e Talon, mas os dois ainda estavam se recuperando. Ela poderia convidar Jaden e

Rafael em sua caça, mas o fato permanecia, Erich era seu problema. Ela o havia criado; ela era responsável por acabar com ele.

Cara a cara, mesmo levemente enfraquecida pela perda de sangue, ela era mais do que capaz de derrubá-lo. Afinal, ela era uma Icrathari e ele era apenas... Erich.

Artista. Poeta.

Imortali.



CAPÍTULO 4

O ar da noite fria acolheu Tera na volta para mundo duro fora de Aeternae Noctis. Sua visão sobrenatural separou a escuridão da noite sem lua em tons de cinza, distintos o suficiente para identificar a figura distante no cume enquanto se virava.

Suas asas bateram, fechando a distância rapidamente, mas quando ela chegou onde ele estava, não havia sinal dele.

Ela fez uma careta. Ele não poderia simplesmente ter desaparecido. A crista oferecia poucos locais para se esconder, e o único lugar lógico que teria ido era no subsolo. Uma busca rápida em torno de pequenos montes de pedras revelou um túnel grande o suficiente para um humano. O ar que emanava do poço era rico com o perfume de Erich.

A caçada havia começado.

O estreito túnel serpenteava profundamente na terra e se expandia em vastas cavernas. A água fluía por muitas cavernas, os pequenos riachos se fundindo em grandes rios. Mais de uma vez, Tera teve que voar sobre as águas turbulentas que se agitavam e borbulhavam enquanto desciam por um redemoinho, mergulhando para profundidades ainda maiores.

O mundo abaixo da Terra era maior do que o acima.

E não estava vazio.

O cheiro de Erich era pouco mais do que um sopro, enterrado sob o aroma úmido de vida delgada e podridão abrangente. Cogumelos e samambaias brotaram na beira da água, o solo úmido coberto pelos fungos enrugados que o precederam. A luz branco-azulada, emanando do musgo fino como uma bolacha que cobria as paredes da caverna, expurgou a escuridão daquele mundo subterrâneo.

Tera respirou fundo, impregnada de vida, tudo isso estava crescendo e prosperando.

Quem diria que tal beleza existia sob a terra?

Por capricho, ela escolheu um caminho que serpenteava por cavernas de calcário. Estalactites e estalagmites se fundiram em

colunas que brilhavam em rosa, amarelo e azul, talvez por bioluminescência ou fosforescência. Siri provavelmente saberia a diferença; Tera simplesmente gostou da vista. As pontas dos dedos dela roçaram os pingentes de calcário; o contato explodiu em explosões de cor, como se a pedra estivesse viva.

O mundo em que os Daevas habitavam não era tão escuro e sombrio como ela havia imaginado. Ela franziu a testa, suas sobrancelhas franzindo-se. O que mais ela não sabia sobre eles?

Um sussurro de som, pouco mais que uma lufada de ar, passou por ela. Ela olhou bruscamente por cima do ombro. Suas asas bateram, levando-a para os limites superiores da enorme caverna. Tera subiu em uma saliência estreita e puxou as asas ao redor dela, escondendo sua trança prateada e feições pálidas nas sombras.

O sussurro de repente se transformou em uma risada infantil. Minúsculos Daevas, pouco maiores do que galinhas da primavera, caíram na caverna. Suas asas pareciam absurdamente grandes em comparação com seus corpos minúsculos; eles batiam as asas de uma forma descoordenada, com a mesma probabilidade de impulsionar os filhotes Daevas no ar e jogá-los no chão.

Daevas adultas, atrás dos bebês risonhos, murmuravam em voz baixa. Frequentemente, eles riam, amigos curtindo a companhia um do outro. Sem medo. Sem agressão.

No entanto, essas mesmas criaturas atacaram Aeternae Noctis em incontáveis hordas, suas asas negras bloqueando a luz da lua.

Uma das Daevas parou bruscamente e ergueu a mão pedindo silêncio, mas as risadas e risos das crianças continuaram a ecoar pela caverna. Perplexa, a Daeva olhou ao redor, até ergueu os olhos.

Tera prendeu a respiração.

Depois de um momento, ainda com a testa franzida, a Daeva deu de ombros e continuou seu caminho. O som da risada acabou se transformando em silêncio. Só então Tera voou de seu poleiro, disparando em torno das estalactites, para circundar a caverna. Uma abertura de tamanho humano no tamanho distante da caverna chamou sua atenção, e ela desceu para pousar na frente dela.

Erich. Ela o cheirou - não o cheiro quente associado com sua presença imediata, mas um aroma mais profundo e persistente de sua passagem repetida por aquela pequena abertura. Com suas asas dobradas ao seu redor, ela mergulhou na caverna.

Um brilho pálido emanando de uma rocha calcária espalhou luz sobre as paredes lisas. Seus passos não fizeram nenhum som enquanto ela caminhava ao redor da caverna. Cores, provavelmente pigmentos vegetais, combinadas por uma mão experiente, se espalharam em um afresco deslumbrante em uma tela de calcário branco.

As pontas dos dedos dela tocaram o mural de Malum Turris e da vila escura esparramada em sua base. Além, uma vista magnífica de montanhas cobertas de neve, cachoeiras e florestas de pinheiros. Quase invisível, entre o inferno e o paraíso, uma mão trêmula pintou a curva da cúpula.

A grande mentira de Aeternae Noctis...

Tera olhou por cima do ombro para as outras pinturas na parede. Como uma estonteante sala de espelhos, seu rosto a encarou de volta, sua trança icônica pendurada no ombro, sua expressão solene, os olhos arregalados e pouco reveladores.

Pelo menos, foi isso que ela pôde ver sob os arranhões ferozes, como se a artista tivesse tentado raspar cada imagem, deixando apenas fragmentos de seu rosto. Quão profundos eram sua raiva e ódio?

Um grande peso pressionado contra seu peito. Erich teve que ser destruído pela ameaça que representava para Aeternae Noctis, mas se ela tivesse um desejo, seria pedir desculpas a Erich. Ela o criou e o destruiu. Ela finalmente acabaria com sua dor e loucura para sempre.

Mas ela nunca teve a intenção de machucá-lo.

≈

— O que você está esperando? — Uma voz sibilou no ouvido de Erich.

Ele ergueu a mão, sua atenção focada na forma esguia da Icrathari caminhando ao redor de sua caverna, seus dedos roçando a arte que ele havia criado e destruído.

O bustiê de couro cravejado de aço, as calças e as botas até o joelho de Tera deveriam tê-la feito parecer a senhora da guerra que era. Naquela momento, porém, sozinha e quase pensativa, ela o lembrou de como ele a havia visto, compelido pelo dever a ser competente e implacável na batalha, mas, na verdade, atraído pela beleza.

Quantas noites ela se sentou com ele na praça da cidade, observando-o esboçar aldeões e paisagens? Eles raramente falavam, embora a loucura e os gritos ecoassem ao redor deles. Envolvidos em perfeita união, ele não era humano e ela não era Icrathari. Eles eram apenas Erich e Tera, dois seres unidos pelo amor à beleza em suas muitas formas; dela por sua arte, e dele por ela.

Duzentos e cinquenta anos depois, sua humanidade há muito abandonada, Erich viu mais com seus olhos de vampiro, a tensão sutil nos ombros de Tera enquanto ela caminhava, o leve estreitamento de seus olhos contra uma dor de coração mais profunda do que sua expressão calma revelava.

Impulsionado pela necessidade.

Tera, mais do que os outros Icrathari, foi movida pela necessidade de proteger a cidade, custe o que custar. Ela tinha feito isso, quebrando as costas da rebelião humana duzentos e cinquenta anos antes. Ela tinha feito isso, enterrando-o fora da grande cúpula, para manter as pessoas seguras.

O que ele ainda não entendia era por que ela não o deixou morrer. Seria apenas um instante de dor agonizante e tudo teria acabado para sempre.

Em vez disso, ela deu a ele o para sempre, e então o condenou a viver no inferno.

Se ele tivesse um desejo antes de matar Tera, seria perguntar a ela por quê. A resposta dela seria seu último pensamento consciente enquanto caminhava para o sol e para a morte de que ninguém, nem mesmo um imortali, poderia escapar. Tera era sua única tarefa não realizada; quando ela se fosse, não haveria mais razão para ele viver.

E ainda...

Ela foi a razão pela qual ele sobreviveu à transformação dolorosa e perturbadora de humano em imortali. Manter a imagem dela o atormentou enquanto sua mente se despedaçava e se reformava, enquanto seu corpo morria e renascia. A absoluta certeza de que sua musa nunca o machucaria havia embalado sua alma durante aquela noite incrivelmente escura, enterrada profundamente no solo.

Mentiras. Todas as mentiras.

Ela o salvou, tão certo quanto o havia condenado.

Por quê? Por quê? Por quê?

A voz de Canya sibilou. — Não podemos deixar essa oportunidade passar. Tera defende a cidade. Matá-la é a chave para pegar Aeternae Noctis.

Daryun fez uma careta. Ele balançou sua cabeça. — Mais morte não é a resposta.

Canya rosou para seu amante. — Por Megun. Por Elken.

— Ela não matou Elken —, disse Daryun. — O vampiro mais velho, Rafael, fez. E não sabemos quem matou Megun.

— Eu não me importo quem desferiu o golpe mortal. Foi um deles, para todos eles. Eles abandonaram sua vocação, o encargo colocado sobre nós pela Grande Mãe. Por mil anos, eles se esconderam sob a proteção de sua cúpula, fechando os olhos e ignorando a devastação da Terra e seu povo. Os Icrathari são sem coração, sem misericórdia...

— Todos nós já fomos Icrathari.

— Chega de orgulhar-se disso. — Ela endireitou-se e virou-se para Erich. — Não se deixe enganar pelo que você vê, ou por antigos mitos de anjos e demônios. — Ela estendeu as mãos, sua pele

escureceu e enrugou. Qualquer cabelo que ela tivesse tinha sido queimado, e seus olhos brilharam amarelos em seu rosto enrugado. — Este é o preço que pagamos por salvar a humanidade. O Icrathari escolheu preservar sua beleza e perfeição. — Ela gesticulou para Tera, de cabelos prateados e pele de porcelana, enquanto vagava pela caverna, estudando a arte de Erich. — O que você vê é o egoísmo total deles.

— Eles salvaram humanos também —, disse Erich.

— Viver vidas constrangidas e cheias de terror sob o controle eterno dos Icrathari? Enaltecendo os egos daqueles, demônios egocêntricos? Ter seus filhos arrancados de seu abraço por capricho deles? — Canya sibilou. — Isso não é vida. Isso é escravidão.

Daryun pousou a mão no ombro de Erich. — A confusão que você sente é normal. O sangue de um Icrathari é poderoso. O fundo que ele cria dura para sempre. Mas você viu por si mesmo o que é real e o que não é. Este, o mundo fora de Aeternae Noctis, é real. *Este* é o mundo que lutamos para recriar e precisamos do que há dentro de Aeternae Noctis. Os Icrathari, no entanto, não têm interesse neste mundo.

— Mesmo assim, eles estabeleceram assentamentos humanos —, disse Erich.

— As quatro cidades com cúpulas no vale? Eles estão se cansando dos poucos humanos sob sua responsabilidade. Eles estão abandonando-os. — Canya balançou a cabeça. — Você conhece os Icrathari, Erich; eles são imprudentes e irresponsáveis. Tera transformou você e deixou-o para morrer. Por quê?

Tenho me feito essa mesma pergunta nos últimos dois séculos.

— Eles são criaturas de apetites caprichosos e inconstantes. Eles têm o luxo de amar e parar quando quiserem, mas aqueles que os amam não têm o privilégio dessa escolha. — A mandíbula de Canya apertou. — Ela escolheu isso para você, Erich, mas você se libertou dela.

Me libertei?

Ou minha obsessão em matá-la é uma prova de que ainda sou estupefato, odiando-a e amando-a em igual medida. Nenhuma paz será encontrada até que ela morra, e eu também.

Erich olhou para Tera, linda, perfeita e ainda sua musa, por mais distorcido e destrutivo que seu relacionamento tivesse se tornado.

O que é um artista sem sua musa?

Nada.

Seu olhar pousou em seus dedos mutilados e mãos tortas. *Não sou mais um artista. Ela se certificou disso.*

Vários momentos se passaram antes que ele finalmente olhasse

para os dois Daevas. Os olhos de Daryun tinham um brilho de compaixão, mas os olhos de Canya eram fendas estreitas. *Como quando nos conhecemos...* Quanto tempo ele gastou ganhando a confiança dela e ganhando o respeito dos Daevas? *Demasiado longo.* Se hesitasse, se permitisse que seu julgamento fosse obscurecido por suas emoções confusas por Tera, sacrificaria parte, ou todo o capital político que acumulara até então.

Qualquer perda de posição era perigosa. A hierarquia de múltiplas camadas da sociedade Daeva não oferecia nenhuma segunda chance para aqueles que haviam caído em desgraça.

Perder tudo pelo que lutou porque não conseguia controlar suas emoções... Um músculo se contraiu na bochecha de Erich. — Vamos matar Tera.

Canya mostrou os dentes pontiagudos em um sorriso malicioso, mas Daryun interrompeu, sua voz firme. — Não. A matança tem que parar em algum lugar, algum dia, antes que todos nós estejamos mortos. — Ele deu a Canya, sua companheira de vida, um olhar suplicante. — Já fomos todos Icrathari. Já fomos todos amigos.

O olhar de pedra de Canya se suavizou. — Talvez, mas ainda teremos que tomá-la na batalha. Quando ela estiver subjugada, talvez possamos conversar. — Ela olhou para Erich, esperando seu consentimento, sua palavra final.

Erich acenou com a cabeça. — Ataque.

Suas palavras desencadearam a tempestade. Ele rugiu pelos túneis, o ar vibrando como se estivesse vivo, golpeado pelo bater de muitas asas. Dentro da caverna, Tera balançou a trança por cima do ombro. Sua expressão não traiu surpresa nem desânimo. Sua perambulação aparentemente sem rumo pela caverna obviamente tinha servido a um propósito mais pragmático; ela havia avaliado seus pontos de entrada e suas capacidades defensivas.

Ela se posicionou próximo à única entrada da caverna, pequena demais para permitir que mais de um Daeva passasse por vez. O primeiro Daeva passou correndo pela entrada. Ela puxou sua cabeça para trás e cortou sua garganta com as garras. Ele ainda estava se contorcendo, seus pés chutando fracamente quando ela o deixou cair no chão e agarrou o próximo demônio.

Eric respirou fundo; os músculos de sua bochecha doíam com o sorriso inesperado de apreciação. Tera era sua musa, pensativa e, sem medo de espaços silenciosos, mas também era uma senhora da guerra; a personificação da morte com asas negras.

Mais Daevas correram para a entrada, para a morte certa. A pilha de corpos se contorcendo cresceu. A poça de sangue dourado acumulando-se aos pés de Tera inchou.

Daryun ficou de pé. O pânico invadiu sua voz. — Os pequenos

estão morrendo. Ligue de volta. Temos que parar a luta! — Ele desceu o labirinto de túneis que levavam à caverna de Erich.

Canya gritou: — Não, espere! Ela é muito forte para você. — Ela correu atrás de Daryun.

Erich seguiu os dois Daevas; ele se lançou através dos túneis familiares que traziam o cheiro recente de Tera, bem como a fragrância crescente de sangue fresco. Ele estava perto o suficiente para ver Daryun ordenar aos jovens Daevas que recuassem; perto o suficiente para testemunhar Daryun empurrar através do bloqueio de corpos fracamente contorcidos para salvar outros; perto o suficiente para ouvir o grito de Daryun interrompido abruptamente.

Não!

Erich empurrou a barricada viva. Ele congelou. Tera, com as roupas e a pele salpicadas de sangue dourado, parou diante da carnificina. Seu rosto estava totalmente inexpressivo quando ela retirou o punho direito do estomago de Daryun. Suas entranhas se enredaram entre os dedos dela, que se curvaram como as garras de uma ave de rapina. A cabeça de Daryun tombou, o pescoço preso aos ombros apenas por uma dobra de pele robusta. O sangue escorreu por seu corpo, brilhando dourado contra a escuridão; a vida fugindo.

O grito de angústia de Canya se transformou em um grito de guerra. A Daeva jogou-se em Tera. Tanto Icrathari quanto Daeva caíram no chão como um alvoroço. Erich embalou o corpo quebrado de Daryun; os olhos de seu amigo estavam bem abertos, sua boca congelada em um grito silencioso de negação.

Tera lutou sem hesitação e matou sem piedade. Mesmo assim, Daryun claramente não esperava morrer, não nas mãos de Tera.

A mente de Erich o bombardeou com fragmentos de memória das mãos de Tera suaves e frias contra seu rosto enquanto seu corpo queimava por dentro. O sangue dela correndo em suas veias já estava tomando conta. Ela roçou os dedos na bochecha dele em uma carícia prolongada.

Ele se lembrava pouco de sua vida humana na cúpula, mas nunca se esqueceu da última lembrança do rosto de Tera, de suas mãos, das lágrimas em seus olhos. Muito depois que ela o enterrou e o abandonou, ele ainda podia sentir seu toque, seu último como humano, o primeiro como um imortal.

Suas memórias mentiram para ele. As mãos de Tera não eram gentis. Suas mãos eram garras, armas de guerra, instrumentos de morte.

Megun. Elken. Daryun.

Tera havia assassinado seus amigos.

O peso sufocante nos pulmões de Erich se desfez, se transformando em uma névoa que se ergueu, inundando sua mente.

Pensamentos turvos. Emoções misturadas. Onde o amor terminava, onde o ódio começava, ele não sabia. O lábio superior de Erich puxou para trás para revelar os incisivos brilhantes.

Aqui. Agora. Tera morre.

Com um grunhido, ele se jogou no emaranhado da batalha, mas asas poderosas o golpearam de volta. As tachas de aço abriram cortes em sua bochecha.

Canya gritou de dor ao sair da luta. Ela se curvou, sangrando pelos cortes profundos em seu torso.

A poeira baixou. Tera levantou-se lentamente, endireitando-se de sua posição de batalha. O ouro que decorava sua armadura era sangue Daeva; a senhora da guerra Icrathari não foi tocada. Ela usava suas cores, armadura de couro preta, cabelo prateado e pele clara, como uma bandeira de guerra. Sangue dourado escorria de suas garras.

A respiração de Erich prendeu-se.

Como ele poderia não tê-la amado?

Como ele poderia não odiá-la?

Ele a encarou; não há necessidade de postura ou círculo para uma abertura. Erich olhou para o rosto do anjo, o *demônio*, que ele amava. A dor em seu peito era familiar; ele sentia isso há centenas de anos. Isso o sustentou durante a loucura de sua transformação de humano em imortali.

Isso o aprisionou na negação por centenas de anos. Como Daryun, ele não podia acreditar que Tera o machucaria, muito menos o destruiria.

Mas ela tinha.

A dor não era menos vívida do que aquela primeira hora de sua noite eterna.

Cara a cara, Erich não podia negar o poder que Tera ainda tinha sobre ele. *Amor. Quanto mais devo mergulhar na loucura?*

Eu sou um imortali. Eu destruo as coisas que amo.

Ele se lançou sobre ela.

Ela evitou; sua asa foi arrancada. As tachas de metal abriram cortes em seu ombro. Seu sangue, vermelho-dourado, escorria da ferida.

O olhar de Tera se desviou para seu ferimento; algo brilhou em seus olhos cinzentos, mas passou rapidamente. Ele deve ter imaginado. Ela não era capaz de ter compaixão ou empatia.

Erich atacou. Ela saltou para cima, o bater de suas asas para baixo levando-a sobre sua cabeça. Suas asas varreram, envolvendo-se em torno dela para deixá-la cair atrás dele. Ela puxou sua cabeça para trás; as garras dela posicionadas em sua garganta exposta.

Ele se torceu, mas não conseguiu se livrar do aperto dela.

O medo prendeu sua respiração. Tinha acabado. Ambos sabiam disso.

Sua bochecha pressionada contra a dele. Fios de seu cabelo prateado flutuaram contra seu rosto, mais gentil do que uma lufada de vento.

Se fechasse os olhos, quase poderia se imaginar na superfície da Terra, a luz do vento noturno contra sua pele, a presença constante de Tera atrás dele, apoiando-o.

Uma vez, ela rasgou seu pulso, alimentando-o com seu sangue dourado. Hoje, essa mesma mão rasgaria sua jugular, acabando com sua vida.

A vida e a morte fecham um círculo, como sempre foi feito para ser.

Seus lábios se moveram contra sua orelha. A voz dela murmurou palavras destinadas apenas a ele. — Sinto muito.

Desculpe...?

Seus olhos brilharam abertos. Seu mundo inteiro condensou-se na espessura de um fio de cabelo entre ele e Tera. *Desculpe...*

Pelo quê...?

Seu aperto era inflexível; ele não conseguia pronunciar as palavras nem se mover, mas seu olhar se desviou para o lado.

A mão dela já estava se movendo, as unhas afiadas rasgando sua jugular, mas então seus olhos se encontraram.

Ela hesitou.

Ele viu nos olhos dela a mesma coisa que vira antes. De perto, isso o surpreendeu, lindo de uma forma que nenhuma palavra poderia expressar. O que foi isso?

Tera endureceu de repente, a dor transparecendo em seu rosto. Seu aperto afrouxou quando ela cambaleou sobre um joelho. Sua mão pressionou contra o corte cruel em seu pescoço. O sangue correu em riachos por seu braço para formar uma poça na terra.

Canya se ergueu sobre Tera, seus olhos se estreitaram e suas presas à mostra. O sangue de Tera escorria de suas garras. A antecipação brilhou como o gume de uma lâmina reluzente quando Canya puxou o braço para trás para o golpe fatal.



CAPÍTULO 5

Palavras flutuavam como um véu diáfano na frente de Tera, muito fino para entender, muito frágil para partir. Uma, duas vezes, ela ouviu algo que quase entendeu, mas não conseguia concentrar seus pensamentos o suficiente para desvendar o emaranhado de palavras.

Vozes emergiram através do véu, gradualmente se tornando distintas. Uma das vozes, profunda e sonora, ressoou como uma memória.

A praça de uma aldeia banhada pelo luar. Um homem alto e magro sentado perto da fonte, a lasca de carvão em sua mão disparando sobre um pergaminho.

Ele criou a beleza do nada.

Erich.

Sua voz era uma âncora em um oceano de angústia. As profundezas deram lugar a rasas conforme ela apertava o braço; a névoa se dissipou o suficiente para que a dor se localizasse em seu pescoço e estômago.

Arrancar a vida da garganta. A alma do estômago.

Ela estava morrendo.

Memórias vagas filtradas pela névoa de seus ferimentos. O ataque de Canya fez Tera cair de joelhos. O choque da ferida a deixou incapaz de se defender contra o segundo ataque que cortou seu abdômen.

Teria ela ouvido ou apenas imaginado a voz de Erich, tão distante quanto um sonho, gritar: — Não! Ashra nunca abrirá as portas de Aeternae Noctis para você se matar Tera.

Outra voz sibilou: — Ashra nunca abrirá as portas de Aeternae Noctis, nem mesmo se a vida de Tera depender de uma única mecha de seu cabelo prateado. Esses demônios impiedosos, não se importam com nada nem com ninguém. Ela matou Daryun, o mais gentil de nós!

Daryun?

Será que ele se juntou ao ataque interminável de Daevas, um entre o bater indistinguível de asas negras?

Ela o matou?

Não... Mas as palavras sussurraram não mais alto do que os limites da mente de Tera, presa pela dor e ferimentos. O remorso

vibrava e bicava como um assassino de corvos de asas negras atacando um pardal aleijado.

Sinto muito... nunca tive a intenção de machucar Daryun.

Nunca quis que tantas coisas acontecessem...

A voz de Canya falhou. — Daryun jurou que poderíamos encontrar um terreno comum com os Icratharis. Ele sacrificou sua vida por nada!

— Nós a atacamos.

— Você está defendendo ela? — A voz de Canya aumentou em indignação. — Nós escolhemos com quem vamos lutar e matar. Ela também.

— Se você matá-la...

— Se? Eu vou matá-la na frente de todos os Daevas, para que saibam que não há nada a temer dos demônios da cidade abobadada. Meus Daevas saberão que os Icrathari e os vampiros não controlam o dia e a noite, que podem ser derrotados e massacrados.

— Canya...

— E você... — O escárnio encharcou seu tom. — Sua visão está turva; sua lealdade é incerta.

— Eu já agradei por me salvar.

— Mas só depois que você desviou meu golpe mortal.

— Você derrotou Tera. O que mais você precisa? — Erich perguntou.

— Eu preciso que ela morra!

— A morte dela não trará Daryun de volta. Não vai te dar Aeternae Noctis.

— Isso vai vingar meu companheiro de vida. Isso vai me dar paz —, disse Canya. — E isso vai te dar paz.

Erich respondeu com silêncio.

O rosnado de Canya gerou um eco ondulante. Ele ricocheteou nas paredes da caverna para soar dentro do crânio de Tera. Ela teria se encolhido, mas não conseguia encontrar forças para se mover.

A voz de Canya irritou. — Você não se lembra de quem te salvou do sol, que te ensinou a encontrar refúgio no subsolo? Somos seus amigos, sua família. Nós o recebemos quando ela o expulsou.

— E eu sou grato.

— Nem de longe grato o suficiente. Tenha cuidado, Erich. Não pense que sua posição está mais segura porque há menos líderes entre as Daevas. Você conduz, você vive no meu capricho. Desafie-me mais uma vez e você morrerá.

Erich ficou brevemente em silêncio antes de responder. — Compreendo.

O movimento dançou como sombras na visão periférica de Tera. A voz de Canya pairou sobre ela. — Os Daevas serão reunidos

em várias horas. Termina então, para ela.

Um golpe contra a coluna de Tera explodiu cacos de dor incandescente de seu estômago. Sua visão torceu e o véu caiu sobre ela mais uma vez.



Erich caminhou pela curta largura da caverna, parando antes de cada curva para olhar Tera. A Icrathari caiu no chão, inconsciente e imóvel. Os cortes profundos em seu pescoço e estômago não haviam fechado, o impacto duplo oprimindo a capacidade de cura de seu corpo.

A menos que ela recebesse uma infusão de sangue, ela não se curaria.

A menos que ela se curasse, ela morreria.

À distância, a voz de Canya, suas palavras indistintas e abafadas pelos túneis curvos, soaram com autoridade. Milhares de Daevas se reuniram nas vastas cavernas, cada um sendo chamado para testemunhar a execução do inimigo mais temido dos Daevas - a senhora da guerra icrathari, Tera.

Mesmo que, em todos os casos, tenhamos atacado primeiro.

Erich fechou os olhos. Suas mãos cerradas em punhos.

É para terminar aqui. Deixe isso acabar.

Em sua mente, Tera ergueu o rosto para a curva da cúpula, para a bela vista que ele acreditava estar fora de Aeternae Noctis. Além da cúpula, as estrelas se espalham pelo céu noturno. Os céus permaneceram inalterados, intocados pela humanidade. Tera alguma vez sonhou em voar alto por aqueles céus?

Onde seu espírito aumentaria quando ela morresse?

Sem espíritos, sem almas. Somos criaturas condenadas à escuridão eterna. Envie-a para o preto.

Seu olhar pousou em seu corpo. Sua trança de prata estava listrada de ouro com o sangue que jorrou do ferimento no pescoço. Seu rosto tinha linhas calmas e pacíficas.

Tera ficou gravemente ferida. Estava morrendo.

A execução planejada apenas formalizou um processo iniciado.

Meu anjo de luz. Ela vai voar pelo céu para sempre?

A dor deu um nó em seu peito, a agonia tão aguda que ele pensou que tinha sido perfurado. *Minha musa...*

Erich ajoelhou-se, aninhando-a no braço esquerdo. Ele colocou a mão direita sobre o ferimento horrível em seu estômago.

Meus amigos, minha família... Ele passou as presas pelos lábios e espalhou sangue. *Eu sinto muito. Me perdoem.*

Erich roçou os lábios nos de Tera. Seu sangue se derramou em sua boca. *Não sou nada sem minha musa.*

Os momentos se passaram; a vida oscilava em sua respiração compartilhada. A esperança, já magra, se estreitou em um filete. O pequeno corte em sua boca sarou lentamente, mas ela começou a sugar.

Erich ficou tenso, mas a segurou contra ele. A sucção constante contra seu lábio cortado evitou que a ferida fechasse; a vida fluía dele para ela. Sob sua mão direita, sua carne se contraiu sobre uma ferida em cura.

A perda de gordura torceu sua visão em uma espiral assimétrica. O rosto de Tera ficou fora de foco, mas sua respiração se estabilizou contra sua bochecha.

Ele poderia ficar lá para sempre. Só ele e ela. Segurando um ao outro. Musa e artista...

O som de asas batendo o arrancou de seu devaneio onírico. Erich interrompeu o beijo e se levantou com dificuldade. Ele estava parado do outro lado da pequena caverna quando quatro Daevas apareceram na entrada.

Seus narizes se enrugaram enquanto farejavam o ar. Os olhos se estreitaram, eles encararam seus escritos sem mácula. Finalmente, um dos Daevas deu de ombros. Juntos, eles meio carregaram, meio arrastaram a inconsciente Tera para fora da caverna.

Pare, ele queria gritar. Deixe-me carregá-la.

Mas ele não poderia. Qualquer demonstração de preocupação danificaria os dois.

Um músculo se contraiu em sua bochecha. Canya não era tola. Ela saberia o que ele fez. Ele se condenou. A única questão que restava, a única questão que importava, era se ele havia conseguido salvar Tera.



CAPÍTULO 6

Emoção empurrando agonia através de Tera, mas que aos poucos foi diminuindo debaixo de sua crescente consciência. Asas farfalharam ao redor dela. *Daevas*. Para onde a estavam levando?

Os fragmentos de dor afiados como navalhas em volta do pescoço e estômago desvaneceram-se em uma pulsação baixa, não totalmente curada, mas não mais crítica. *Mas como?* Ela sentiu o gosto de sangue na boca. *Erich?*

Não, não pode ser. Ele a odiava.

O estreito túnel se abriu em uma vasta caverna, o teto subindo tão alto e o chão mergulhando tão baixo que ambos se perderam na escuridão. *Daevas* empoleiravam-se nas saliências ao longo da parede, olhando para o amplo afloramento onde Canya esperava.

Os quatro *Daevas* carregando Tera a largaram aos pés de Canya antes de voar para tomar seu lugar entre os outros espectadores. Os barulhos de asas aumentaram como uma onda. A maioria dos *Daevas* nunca tinha visto um *Icrathari* e, como é de se esperar, Tera pensou cnicamente, se viam, geralmente era a última coisa que viam.

A voz de Canya interrompeu a conversa. — Olha para ela. Ela é Tera, a senhora da guerra *Icrathari*. Ela comanda o exército de vampiros de *Aeternae Noctis*. Suas garras cortaram seus pais, e muitos outros, irmãos, irmãs, e mataram aqueles que querem apenas viver em paz.

Os olhos de Tera se estreitaram. Os fungos nas cavernas deviam estar espalhando esporos alucinógenos. Quão mais iludida poderia Canya estar? Por mil anos, *Aeternae Noctis* se contentou em circundar a Terra. As batalhas ocorreram apenas quando os *Daevas* emergiram de seus paraísos subterrâneos para atacar a cidade.

Um lampejo de movimento chamou sua atenção. Tera virou a cabeça lentamente para não chamar a atenção de Canya.

Erich ficou em pé no topo. Seus olhos se encontraram. Deliberadamente, ele virou a cabeça para olhar para um ponto na parede da caverna, várias centenas de metros acima deles. Ela seguiu seu olhar e não viu nada além de escuridão, mas ele continuou

olhando para ela como se esperasse que algo acontecesse.

— Olhe para ela —, Canya continuou. — Já fomos como ela, mas preferimos o caminho da coragem. Os Icratharis fugiram como covardes do calor escaldante do sol, embora houvesse muito mais vidas para salvar, vidas que a Grande Mãe nos encarregou de proteger. — A grande Daevas lançou os braços para o ar. — Pagamos o preço, sacrificando a beleza exterior em prol de nossa grande missão. Ainda pagamos o preço todos os dias enquanto os Icratharis se aglomeram, isolados, em sua grande cidade com cúpula. Mas não mais! Tera é a primeira a cair. Outros virão e nós tomaremos Aeternae Noctis!

O rugido dos Daevas abafou a fala de Canya, rolando pelas cavernas em ecos intermináveis, o som se amplificando até ficar quase insuportável.

No entanto, cada voz, sozinha, estava quieta. Até Canya dependia da acústica da caverna para amplificar suas palavras. Um milênio vivendo no subsolo alterou os atributos físicos dos Daevas. Eles possuíam audição mais nítida e vozes mais fracas - os olhos de Tera se estreitaram - pontos fortes a serem explorados como fraquezas.

Ela mudou seu peso lentamente, trazendo seus braços e pernas sob a abertura de suas asas. O alarme espalhou-se ao longo de sua espinha, mas sua frequência cardíaca se estabilizou e sua respiração desacelerou - a calma sobrenatural antes da batalha. *Quase lá...*

Canya ergueu seu braço pedindo silêncio. — A Terra morreu quando os Icrathari deram as costas a ela. É apropriado que o primeiro passo em direção a uma Terra restaurada comece com a morte de um Icrathari.

Agora! Tera se lançou no ar. O movimento de suas asas jogou Canya para trás. Tera ficou vermelha para cima em círculos largos, respirou fundo e gritou.

Seu grito de batalha rolou como um trovão, o impacto quebrando contra as paredes da caverna até que tremeram. Tera varreu os Daevas encolhidos. Grandes e pequenos, eles tremeram com o ataque auditivo. O túnel de cavernas absorveu as vibrações de seu grito e balançou como dentes soltos. Rocha fissurada, areia chovendo das rachaduras. Daevas alarmadas voaram de seus poleiros enquanto as saliências desmoronavam. A terra retumbou, convulsionando sobre si mesma.

O instinto, ou fé, a direcionou para aquele ponto escuro na parede da caverna para o qual Erich havia olhado tão fixamente. Era uma pequena abertura, apenas grande o suficiente para ela. Rachaduras se formaram ao redor dele. Pequenas pedras e seixos se quebraram e caíram na escuridão.

Atrás dela, o ar agitou-se em uma agitação enquanto Daevas corriam atrás dela. *Fora do tempo. Sem opções.* Tera disparou para a

abertura. Suas asas a envolveram, ela girou e gritou. O túnel direcionou sua voz como um megafone; seu grito de batalha foi arremessado para frente como uma lança. Os Daevas recuaram no ar, suas asas batendo forte para mantê-los no ar.

A vibração estremeceu através do pequeno túnel em que ela se refugiou. Pedras esculpidas no telhado; poeira cedendo a pequenos seixos e, em seguida, pedras grandes. Rachaduras ziguezaguearam pelo túnel. A terra gemeu; o som retumbou sob os pés de Tera quando o teto do túnel desabou, mergulhando-a na escuridão.



CAPÍTULO 7

Terra e rochas caíam como chuva. Com a respiração ofegante, Erich pressionou a parede da caverna, que estremeceu, convulsionando com os tremores que anunciaram um terremoto. Os Daevas fugiram, a rajada negra de suas asas varrendo para a superfície. Seus gritos agudos aumentaram de alarme enquanto eles desviavam para evitar a cascata de pedras.

A aglomeração tornava a fuga impossível. Grandes pedras atingiram os Daevas, batendo em suas costas, rasgando suas asas de couro. Eles gritaram, mergulhando para a morte.

As cavernas tremeram. O afloramento rachado e inclinado. Erich caiu para frente. Ele agarrou-se a uma pedra, mas ela também se soltou. Seus pés escorregaram pela borda. Erich pendurou-se na lateral da saliência. O nada infinito bocejou abaixo dele.

Lascas de luz, luz amarela brilhante, apareceram acima.

Os olhos de Erich se estreitaram. *Não... não pode ser. Sim, é* A terra rachou, pedras caindo como uma cachoeira. O teto descascou. A luz do sol derramou nas cavernas. Daevas gritaram, girando como pássaros, presos entre a morte na luz e a morte na escuridão.

O sol encharcou um mundo subterrâneo que não via luz desde a criação da Terra. O calor percorreu o ar frio, esquentando-o. As mãos de Erich chiaram, sua pele escamando enquanto queimava.

Daevas mergulharam na escuridão, asas em chamas. Canya, mais velha e mais forte que os outros Daevas, enfrentou a luz do sol, circulando acima e gritando comandos que mal podiam ser ouvidos em meio ao pânico e terror.

Com os dentes cerrados, Erich se arrastou pela encosta íngreme em direção à segurança questionável das paredes da caverna. Sua pele descascou; carne crua defumada com raios de sol. Ele não poderia ter sentido mais dor se estivesse envolto em lençóis de fogo.

Quase lá.

Ele olhou para o próximo apoio para a mão, pouco mais do que uma marca de pústula no chão. Ele não conseguia alcançá-lo, não sem liberar seu aperto precário na saliência de ângulo agudo.

Erich puxou o ar aquecido para os pulmões, soltou-o e saltou para frente. Seus dedos mutilados agarraram a alça, mas naquele

instante, as garras cravaram em seus ombros e o puxaram no ar.

Os olhos amarelos de Canya se fixaram nele. — O que é que você fez? Veja! Ela o sacudiu com tanta força que seus dentes bateram.

Segundos preciosos se passaram antes que sua visão confusa se concentrasse no vôo dos Daevas girando loucamente pelo espaço cavernoso. Alguns Daevas, com as asas em chamas, bateram às cegas em outros. No emaranhado de asas movido pelo pânico, o fogo se espalhou.

Gritos de terror subiram das profundezas da caverna. Protegido dos impiedosos raios de sol, era, no entanto, um território desconhecido, mais profundo do que os Daevas ousaram se aventurar, um mundo hostil cheio de ar venenoso e poças de lava e ácido.

Morra rapidamente ou morra lentamente. Essas eram as únicas opções. O terremoto selou a maioria dos túneis que conduziam à caverna, bloqueando as rotas de fuga.

— Ela fez isso! — A voz de Canya se contraiu de angústia enquanto Daevas morriam ao seu redor. — *Você fez isso! Tera desceu aqui procurando por você!*

Ela desceu?

Canya o jogou no chão. O ombro de Erich bateu no afloramento já inclinado. A saliência soltou um gemido baixo, mas o som foi engolido por um estalo agudo. O afloramento se separou da parede da caverna, a pedra fissurando lenta, mas inevitavelmente.

Erich escalou a inclinação quase vertical, saltando de um suporte para outro, confiando no impulso em vez da gravidade. A saliência se separou da parede. Pedras desmoronando sob suas mãos, ele saltou para frente, atirando-se sobre o espaço vazio, e se chocou contra a parede da caverna. O impacto lançou flashes de luz branca em seu crânio e tirou o ar de seus pulmões, mas ele lutou para segurar a parede entalhada.

A saliência na qual ele estivera mergulhou na escuridão, quebrando-se em cascatas de pedras ao quebrar revoadas de Daevas.

Um punho gelado apertou em torno de seu coração. *Meus amigos. Minha família.*

Eu os traí por... minha musa.

Ele ergueu os olhos, enfrentando os raios de sol para ver o túnel para o qual dirigira o olhar de Tera. A pequena entrada, como muitas outras, fora selada por um deslizamento de pedras. Não há como saber se ela estava viva ou morta.

Eu os traí por... nada.

O que eu fiz?

A dor se contraiu em seu peito quando Erich o arrastou ao longo das paredes da caverna, para longe da luz penetrante, de volta

às sombras. O calor ofuscante diminuiu o suficiente para torná-lo ciente de quanta agonia ele estava passando. Qualquer pele exposta que não tivesse se desprendido tinha escurecido até ficar crocante. Qualquer carne que não tivesse queimado havia murchado.

A respiração soprava dentro e fora de seus pulmões escaldados, bombeando dor por todo o corpo, enquanto ele se puxava para dentro de uma alcova. Erich se encolheu em posição fetal e rezou para que o sol passasse sobre ele ou que a morte o levasse. Nada mais importava.



Horas se passaram antes que Erich erguesse lentamente a cabeça. Manchas de pele nova apareceram em suas mãos e braços. Seu rosto parecia sensível em vez de ferido. A dor em queimação havia diminuído para uma dor persistente que duraria dias enquanto seu corpo reparava os danos internos de quase queimar vivo.

Ele teve sorte de não estar morto.

Muitos Daevas não tiveram a mesma sorte.

Erich olhou para a vasta caverna, agora vazia e brilhando ao luar. Os daevas haviam se espalhado no labirinto de túneis mais profundos na terra, a maioria deles desconhecidos. Os daevas levariam dias, talvez semanas, para se reagrupar.

Isso lhe daria tempo para fugir.

Seu olhar procurou o terreno antes familiar. Alguns túneis surgiam como fendas escuras contra a carícia da lua. Os deslizamentos de rochas poderiam ter selado os túneis mais adiante, mas era um risco que ele teria que correr. O início inevitável do amanhecer não lhe deu muito tempo.

Pressionado contra a parede de rocha como uma aranha, ele caminhou até um túnel que era quase pequeno demais para ele. Ele se dobrou e se contorceu passando pelas rochas baixas, rasgando suas roupas e arranhando sua pele. O lento rastreamento através do túnel se estendeu por quilômetros. A terra se fechou em torno dele, enterrando-o. O terror cresceu em torno de sua mente, ligando-o a seus medos, seu pânico, sua certeza de que estava abandonado, de que iria morrer...

Não. Ele mordeu a língua. A pontada de dor e o jorro de sangue fortaleceram seu tênue controle da realidade. Ele já foi contado entre os mortos; Tera cuidou disso. Ele tinha sido abandonado; ela também cuidara disso.

Tudo o que restava era sobreviver - engatinhando alguns centímetros de cada vez, grato pelo pouco espaço que via à sua frente, tentando não pensar muito sobre o que poderia acontecer se ele chegasse a um beco sem saída. Erich reprimiu a risada irônica. Ele era

provavelmente o único vampiro com medo de espaços escuros e fechados.

Seu lento caminho se estendeu para sempre. Não precisando dormir nem comer, ele engatinhou sem parar para descansar. Seus pensamentos se turvaram de fadiga. Ele empurrou para frente, impulsionado pela sobrevivência que deixou seu corpo no piloto automático.

O túnel se alargou imperceptivelmente, a princípio, antes de se expandir gradualmente em uma caverna grande o suficiente para ficar de pé. Seus músculos protestando contra cada movimento, Erich levantou-se e olhou em volta. Sua pele esticou enquanto ele mexia os dedos das mãos e dos pés. Nada rachou. Nada se rasgou.

Ainda.

Sua risada divertida desapareceu em contemplação pensativa enquanto ele mentalmente mapeava as curvas do estreito túnel da caverna onde ele havia começado. Se suas estimativas estivessem corretas, ele poderia seguir para Haven. O refúgio ficava a centenas de quilômetros de distância, mas era o único lugar ainda aberto para ele.

Erich girou os ombros e começou a andar rápido, antes de acelerar para uma corrida. Ele correu por cavernas familiares, encontrando seu caminho infalivelmente através de túneis tortuosos.

Um súbito sussurro de ar roçou seu rosto, quase como o arauto de asas batendo.

Ele parou bruscamente, mas não conseguiu captar nenhum som ou movimento incomum. Talvez um Daeva se tenha perdido nos túneis de interconexão - o que não é difícil, considerando seu senso de direção geralmente pobre. Por centenas de anos, ele explorou e mapeou os túneis em nome dos Daevas e serviu como seu rastreador e guia. Quando a virada das estações assou Haven na luz infinita do verão, seu conhecimento exclusivo de caminhos subterrâneos manteve o refúgio seguro.

Contanto que ele fosse cuidadoso, nenhum dos Daevas iria rastreá-lo até Haven. Enquanto ele mantivesse seu ritmo rápido, ninguém o alcançaria. Em espaços bidimensionais, ele era tão capaz quanto eles.

No entanto, o som intermitente de asas batendo o perseguiu pelos túneis, embora não fosse frequente nem consistente o suficiente para ele localizá-lo. Uma vez, apenas uma vez, ele sentiu o cheiro de flores desabrochando à noite. Ele fez uma pausa, girando lentamente em um círculo, mas o cheiro havia desaparecido.

Erich suspirou, cansado demais para franzir a testa. Se já não estivesse louco, teria concluído que sua mente exausta estava desabando. Por que outro motivo ele teria evocado a memória da fragrância sutil de Tera?

Traidor. Assassino.

Minha musa perfeita.

Pare com isso. Pare de pensar nela. Apertando os dedos deformados no cabelo, Erich caiu de joelhos. Ele cravou as unhas no couro cabeludo. A dor o ancorou, lembrou-o de que ele ainda doía. Ele estava, em algum nível obscuro, ainda vivo.

E insano. Bastante insano.

Quando ela era forte, ele queria matá-la.

Quando ela sofria, ele ansiava por protegê-la.

Quando ela se ergueu, suas asas chamejaram como uma bandeira de guerra, olhando para ele com aquela expressão enigmática e idiota em seu rosto, ele queria arrancar seus olhos e queria imortalizá-la em sua arte.

Se sua compulsão de matá-la e mantê-la viva não era prova de insanidade, ele não tinha certeza do que mais era.

A respiração de Erich sussurrou para fora dele em um suspiro. A insanidade não era o problema. Insanidade *eterna* era o verdadeiro problema. Não havia fim à vista para ela, ou para ele, até que um ou ambos morressem. Qual deles morreu provavelmente seria o quão louco ele estava se sentindo naquele momento.

No final das contas, é tudo mero acaso e sorte estúpida. Mera chance de que ele se sentasse na fonte da aldeia noite após noite, esperando por um vislumbre dela. Sorte estúpida por ela ter descido para falar com ele.

Se ele se esforçasse o suficiente, teria apenas a si mesmo para continuar.

Não, isso nunca daria certo. Sua risada soou amarga, mesmo para seus próprios ouvidos. Ela o condenou ao inferno por nenhuma outra razão além do fato de que ele a adorava. *Que deusa faz isso?*

Não é uma deusa. Apenas um demônio.

Apenas minha musa.

Pare com isso. Pare com isso. Pare com isso. Ele cravou as unhas mais fundo. O sangue escorreu pelo lado de sua cabeça, manchando seu cabelo loiro sujo. Ele fechou os olhos com força e balançou para frente e para trás. *Vá embora.*

Deusa. Demônio. Musa.

Cale-se. Cale-se. Erich gemeu baixo em sua garganta para abafar as vozes infinitas em sua cabeça. Ele balançou e choramingou - o movimento repetitivo e o som reconstruindo as paredes finas em sua cabeça que o salvou de distração total e disfunção completa.

Mesmo assim, longos momentos se passaram antes que ele estivesse pronto para se levantar. Erich cedeu contra a parede da caverna, sua respiração engatando a cada estremecimento de seus ombros. *Não posso desmoronar agora. Não até que eu a mate. Ou possa*

pintá-la.

Ele endureceu de repente com o cheiro inesperado de flores desabrochando à noite. Por que ele não conseguia parar de pensar em Tera? Por que sua mente sempre enganava seus sentidos fazendo-o acreditar que ela estava perto?

De novo não. Agora não. Não quando ele tinha acabado de se recompor mentalmente. Nada a fazer a não ser correr como naquela primeira noite na Terra, no inferno. *Não olhe para trás. Apenas corra para frente.*

A fragrância de Tera - o perfume sutil de flores desabrochando à noite, o perseguiu. Através das curvas nos túneis, passando por pequenas fendas e vastas cavernas, ao longo de rios subterrâneos, ela o perseguiu por todo o caminho até o poço que levava a Haven.

Ela o alcançou poucos momentos depois que a rocha de granito sob seus pés deu lugar ao aço manchado de sujeira. Ela bateu em seus ombros, fazendo-o cair para frente. Atordoado, exausto, ele escorregou, esparramando-se no chão. Luzes dançaram em sua visão.

Ele não conseguia pensar, não conseguia se concentrar além do cheiro que evocava memórias que ele não conseguia nomear. O barulho em sua mente gritava um balbucio sem sentido. *Tera. Tera. Tera.*

Droga. Por que não parava?

Erich levantou-se cambaleando e se virou.

Sua mente ficou em branco.

Tera?

Ela se endireitou, suas asas parcialmente abertas. Os botões de sua armadura de couro brilharam sob o brilho das luzes fluorescentes. Sua trança prateada brilhou.

A respiração escapou, despercebida, de seus pulmões.

Ele nunca a tinha visto em plena luz. Seus encontros sempre foram na lua cheia ou na escuridão das cavernas subterrâneas. Em plena luz, a realidade esmagou todas as noções românticas de uma criatura fada, meio demônio, meio anjo. Suas asas mal importavam. No final, tudo o que restou foi a própria Tera, olhos cinzentos melancólicos que buscavam a beleza em todas as coisas e a expressão não reveladora de uma princesa guerreira. Ela era tão misteriosa durante o dia quanto à noite.

Suas garras se estenderam com o deslizamento de osso contra carne. Suas asas alargaram-se ao máximo; uma bandeira levantada.

Erich sorriu fracamente quando ela saltou para matar. Sua morte iria exceder todas as suas expectativas.



CAPÍTULO 8

Eu comecei isso. Eu vou acabar com isso.

Tera atacou, suas garras rasgando os antebraços de Erich.

Ele gritou, cambaleando para trás. Encharcado de sangue da cor de um pôr do sol dourado, manchando suas roupas esfarrapadas. Ele olhou para as mangas como se estivesse hipnotizado pela propagação da cor. Ele não parecia perceber que estava cambaleando lentamente, seu corpo tomado pela exaustão ou pelo início de uma concussão.

Seu lábio superior puxou para trás em um rosnado. Tera o agarrou pelo pescoço e o jogou contra a parede.

Só então seus olhos se encontraram.

Sua respiração ficou presa.

Por um instante, desprovido de raiva insana e ódio reprimido, os lindos e surpreendentes olhos azuis de Erich viram tudo e não julgaram nada.

Eles eram mais uma vez os olhos do homem por quem ela se apaixonou.

Certamente, ele deve ter sentido as pontas afiadas de suas garras pressionando contra sua jugular, mas ele não fez nada. Ele a encarou como se não pudesse tirar os olhos dela, como se não pudesse vê-la o suficiente.

Como se não houvesse duzentos e cinquenta anos de tudo dando errado entre eles.

Como se eles pudessem, juntos, fazer as coisas darem certo.

A respiração de Tera tremia, mas seu aperto não diminuiu.

Não! Ela tinha esta *única* oportunidade de fazer *direito*, para ele, para ela, e para Aeternae Noctis. Ela puxou a outra mão, suas garras peroladas brilhando sob as luzes fluorescentes.

Um único golpe rasgaria sua jugular. Um segundo golpe cortaria seu estômago.

É hora de terminar o que comecei.

Hora de acabar com sua paixão tola.

Seus dedos se curvaram em garras, tensos e prontos para um golpe preciso.

Pés batiam contra o aço, ficando mais altos e parando

abruptamente. Um cheiro forte e novo entrou na sala - um cheiro distintamente *humano*.

Tera olhou sem palavras para a criança que a encarava boquiaberta, uma criança *humana*, sua pele quase tão pálida quanto a dela. Suas roupas feitas em casa e não tingidas pendiam frouxamente em seu corpo magro.

Erich engasgou com palavras em uma língua que ela não entendeu, mas tirou o menino de seu estado de choque. A criança fugiu, tropeçando e gritando. Uma porta bateu; seus gritos se transformaram em silêncio.

Tera soltou Erich e recuou. Suas garras não recuaram. — Quem era aquele?

Erich pressionou a mão contra a garganta. — Era o Anders.

— O que você disse a ele?

— Para correr. Para não voltar.

A testa de Tera franziu. — Você está protegendo ele?

Erich encolheu os ombros. O aceno de sua mão foi igualmente indiferente, mas seu tom calmo o traiu. — Por que não? Eu estava aqui quando ele nasceu. — Um sorriso cansado apareceu em seus lábios. — Seus pais não gostariam que nada acontecesse com ele.

— Existem humanos fora de Aeternae Noctis... — Tera permitiu que seu olhar vagasse sobre o espaço claramente feito pelo homem. Era pouco mais que uma alcova, uma entrada para um edifício maior, mas era bem conservado. — Onde é este lugar?

— Chama-se Haven.

Tera olhou para Erich. Ele caiu contra a parede, os ombros curvados contra a dor dos ferimentos. Ele não olhou para ela. Na verdade, ele mal parecia se importar se ela continuava falando ou se ela o atacava e matava.

Erich era um imortali. Ele estava louco. Ela tinha testemunhado os espasmos de sua loucura nas cavernas, como ele balançava e gemia. Ele havia se machucado, cravando as garras no couro cabeludo, espalhando sangue no cabelo, mas conhecia as pessoas neste lugar. Ele os protegeu.

Quais eram as chances de ele atacá-la no momento em que ela baixou a guarda? Absurdamente alto, e ainda...

A compaixão, mesmo a empatia, não era uma proteção contra a insanidade, mas o humanizou.

Ela endireitou-se uma defesa contra a vibração de alívio na boca do estômago, e respirou fundo. — Erich.

Um longo e silencioso momento se passou antes que ele erguesse o olhar para ela.

O cansaço manchou seus olhos; o desespero os escureceu.

Ela ousaria confiar nele?

Ela limpou a garganta e tropeçou em dois erros antes de dizer: — Você vai me mostrar Haven?

A garganta de Erich funcionou. Seus ombros enrijeceram, mas ele concordou. Lentamente, ele caminhou até a porta de aço e a abriu.

Um bando de pessoas caiu para frente em uma pilha desleigante.

Erich riu, o som impregnado de ironia suave e bom humor. Ele disse algo para os humanos quando eles se levantaram e se sacudiram com a pouca dignidade que puderam resgatar depois de espionar a porta. — Tera — disse ele, dirigindo os olhares arregalados das pessoas para ela. — Este é Jorgen, o pai de Anders. — Ele apresentou cada um dos outros pelo nome.

Por sua vez, os humanos inclinaram a cabeça para Tera, sua polidez afetada por cautela.

— Eles viram Daevas —, acrescentou Erich. — Criaturas aladas com presas e garras não estão fora de seu alcance normal, mas eles nunca encontraram um Icrathari. Perdoe seus olhares.

— Os Daevas estiveram aqui?

Ele assentiu. — Os Daevas são seus salvadores e protetores, mas até que eu encontrasse o caminho subterrâneo para Haven, os Daevas só poderiam visitar Haven no inverno.

— Por quê? — Tera murmurou. Ela seguiu os humanos por um vasto espaço e parou para traçar as letras desbotadas na parede de aço. — Svalbard Global Seed Vault. — Ela prendeu a respiração. — No inverno, está escuro o suficiente, mesmo durante o dia, para os Daevas viajarem com segurança acima do solo, mas no verão, na terra do sol da meia-noite, a abóbada de sementes é inalcançável. — Ela olhou para Jorgen. — Você sempre esteve aqui?

Erich traduziu as palavras dela e depois a resposta hesitante de Jorgen. — Suas histórias antigas dizem que anjos com asas escuras vieram aos seus ancestrais e alertaram sobre um apocalipse em todo o planeta. Os anjos os ajudaram a preparar Haven e selaram as portas quando o apocalipse aproximou-se.

— Então, eles nunca estiveram fora?

— Sim, no inverno. Não agora, quando o sol brilha dia e noite. Haven foi construída no fundo de uma montanha. Painéis planos na lateral da montanha coletam a energia do sol para resfriar as abóbadas.

— Vaults?

— Sementes. — Erich apontou para três portas grandes. — Duas dessas sementes armazenam; a terceira foi adaptada como espaço de vida para as pessoas. — Um estalo agudo o interrompeu. Ele franziu a testa e latiu uma pergunta para Jorgen.

Com a testa profundamente franzida, Jorgen conduziu Erich e

Tera para o cofre. Uma rachadura profunda e espessa estragou o piso de concreto liso. Rachaduras menores irradiavam como raízes se estendendo por todo o comprimento da sala.

Erich se ajoelhou e passou a mão pela fenda. Ele fez uma careta. — Está muito pior do que no ano passado. Jorgen diz que atravessa as outras duas salas também.

Algo estalou, um grito ensurdecedor de metal estalando, e o chão se inclinou sob seus pés. Caixas caíram das prateleiras, derramando recipientes selados no chão.

— O que está acontecendo? — Tera exigiu.

— Isso acontece todos os anos quando a montanha esquenta ou esfria.

— Água... — ela murmurou. — A água penetra na montanha e, quando congela em gelo, separa a terra, quebrando pedras, destruindo estruturas feitas pelo homem, não imediatamente, mas com o tempo.

A terra gemia, estrondeando, convulsionando.

E estamos sem tempo.



Tera recuou enquanto os humanos se reuniam em torno de Erich. Eles não sabiam que ele era um imortali? O que quer que soubessem ou não, eles não tinham medo, debatendo ferozmente com Erich tanto com palavras quanto com gestos. Os olhares preocupados para a fenda cada vez maior na parede confirmaram o assunto.

O que eles esperavam que Erich fizesse? Ele era um artista, não um engenheiro.

Siri, no entanto...

A conversa entre Erich e os humanos continuou. As cabeças concordaram. Com a mesma frequência, as cabeças balançaram. Aparentemente, ninguém sabia o melhor caminho a seguir, mas chegaram a um consenso. Erich, muito mais forte do que os humanos, empurrou as prateleiras de metal em uma estrutura de suporte para o teto inclinado.

Tera avaliou a correção ad-hoc com os olhos semicerrados. Na melhor das hipóteses, isso retardaria o colapso, não o deteria.

As pessoas esboçaram sorrisos fracos, sua ansiedade amenizada por uma pitada de alívio. O garotinho, Anders, correu até Erich e tagarelou uma pergunta para o imortali. Erich balançou a cabeça e acariciou o cabelo claro de Ander. Seus dedos mutilados pareciam ainda mais distorcidos na luz implacável da sala.

Um imortali permaneceu entre os humanos, e ninguém se importou.

Anders continuou falando. Tera não entendeu nenhuma palavra, mas a expressão preocupada do menino e a súplica alegre em

sua voz não precisaram de tradução. Ela tinha visto e ele ardia o mesmo dos filhos de Aeternae Noctis. *Nós vamos morrer?*

Erich balançou a cabeça com um fervor ainda maior.

Naquele momento, a terra gemeu e balançou.

Os olhos de Tera se estreitaram. — Diga ao povo para se preparar para a evacuação.

Erich franziu a testa. — Não há como escapar. Eles não podem carregar comida suficiente para sustentá-los nas cavernas e, no verão, lá fora está a morte.

— Faça. — As asas de Tera baixaram, levando-a até o topo do teto. Ela pressionou a mão contra o implante em sua orelha. *Vamos. Abrir. Faça alguma coisa.*

Não zumbiu. Sua mandíbula ficou tensa. O cofre de sementes estava enterrado no fundo de uma montanha. O sinal dela não conseguiu penetrar na rocha espessa. A única maneira de enviar o pedido de socorro era de fora do cofre.

Lá fora está a morte.

E vida. — Eu preciso sair da montanha. Onde é a saída?

— O que? — Erich caminhou até ela. — Você não pode ir lá. O sol não se põe. Você morrerá.

— Onde é a saída?

Ele se colocou na frente dela. — Não.

Algo rachou com uma réplica afiada. O chão se inclinou.

— Essas pessoas morrerão a menos que eu os ajude, e não posso fazer isso de dentro da montanha. Onde está a porta?

Ele olhou para ela, as sobrancelhas franzidas. Um músculo se contraiu em sua bochecha. — Por aqui.

Erich a conduziu por um longo corredor. A temperatura esquentou irremediavelmente e as portas duplas no final do corredor estavam quentes ao toque. Ela estendeu a mão para abri-los, mas ele o fez, dando um passo para trás quando um raio de sol irradiou no corredor, separando-os em casulos individuais de sombras.

— Não demore muito —, disse ele.

Tera esboçou um sorriso fraco e disparou para a luz. Suas asas se alargaram em seu comprimento total enquanto ela voava ao redor do lado escuro da montanha. A luz do sol brilhou ao seu redor enquanto ela permanecia na sombra. A terra, uma vez bloqueada por neve perpétua, era estéril, mas carecia da aparência desidratada do equador. O alívio oferecido por seus invernos de seis meses o protegeu de uma devastação total.

Tera tocou no ponto sensível onde sua mandíbula se encontrava com a orelha, mas o chip implantado não emitiu um zumbido sutil para indicar que estava transmitindo sua localização. Ela reprimiu uma maldição enquanto olhava para a montanha. Se

Aeternae Noctis estivesse do outro lado da montanha, seu sinal não alcançaria a cidade com cúpula. Ela e Erich sobreviveriam facilmente sob o solo, mas os humanos não. Sua única esperança estava em Aeternae Noctis.

Sua única esperança estava em alertar a cidade.

E isso significava voar para o sol.

Suas asas se abriram. Ela respirou fundo, endireitou os ombros e se lançou no ar.

Tera saiu de trás da cobertura da montanha e disparou para o céu aberto. O sol brilhou forte e implacável. A fumaça flutuava em gavinhas cinzentas de suas asas. Sua pele pálida escureceu e chiou. Ela inclinou-se para a curva enquanto circundava a montanha, disparando da luz para o alívio bem-vindo das sombras. Ela olhou para suas asas; pequenos orifícios marcavam a superfície anteriormente lisa.

O transmissor perto de seu ouvido ainda não zumbia.

Mais uma vez.

Ela voou da escuridão para a luz. O calor a envelheceu, tão espesso que obstruiu seus pulmões, quase a sufocando. A força de vontade a impulsionou para frente enquanto ela voava pelo lado claro da montanha. *Droga, Siri. Me encontre!*

A luz se transformou em sombra enquanto ela se lançava na sombra lançada pela montanha. Pairando no ar, ela bateu a asa esquerda contra a rocha para extinguir o minúsculo rio de chamas que chiava nas bordas.

Ainda não havia sinal de Aeternae Noctis, nenhuma confirmação de que sua presença havia sido detectada.

Tera não conseguiu gastar energia para praguejar em voz alta. Ela precisava de tudo isso para sua fuga desesperada. Ela não podia simplesmente circundar a montanha. Ela precisava de mais tempo ao ar livre, mais tempo para o sinal disparar, mais tempo para o sinal ser captado.

Mais tempo para queimar.

Suas asas bateram, levando-a ao topo da montanha. Tera saltou sobre o pico e em voltas apertadas, circulou pela encosta da montanha, ficando apenas dentro da luz. Uma fumaça acre a assaltou. Uma chama vermelha brilhante espalhou-se por suas asas.

Mais rápido. Superior. Não pare.

Ela voou para cima, mas suas asas, grandes manchas queimadas, não podiam mais carregá-la. Eles batiam as asas desesperadamente, o vento passando por elas, enquanto ela despencava no chão. As rochas irregulares na base da montanha apontavam para seu coração.

Segundos após o impacto, Erich saltou das rochas mais baixas como uma gazela, jogando-se no ar para pegá-la. O impulso os fez

avancar, além dos dentes pontiagudos e famintos da montanha.

Eles caíram no chão, o impacto tirando o ar de seus pulmões. Antes que ele pudesse se mover, Erich a agarrou e correu pelas portas de aço abertas de Haven.

A luz passou para a escuridão. As portas se fecharam atrás deles, mas Tera só percebeu Erich rolando-a no chão, as mãos apagando as chamas em suas capas, asas e cabelos.

Pés apressados correram até ela; algo pesado cobriu seu corpo, apagando o fogo.

A voz de Erich emergiu em meio ao murmúrio baixo de vozes. — Que raio foi aquilo?

Ela se sentou lentamente, os restos de sua armadura esfolando contra sua pele crua. Ela tocou a orelha direita, mas a sensação de zumbido havia desaparecido. Ela tinha imaginado isso?

Erich olhou para ela. — Você precisa... Aqui. — Ele fez um corte no pulso e ofereceu a ela.

Seu sangue derramado em riachos, vermelho-ouro, o perfume rico e profundo.

Sua cabeça girou, sua visão vidrada. Ela precisava disso, mas não o suficiente...

— Está tudo bem, — ele murmurou. Sua risada estava tingida de ironia. — Não está envenenado com acônito.

Não envenenado. Além disso, o sangue era quase dela. Ela tinha infundido o ouro da imortalidade na transitoriedade carmesim de seu sangue. Tera levou o pulso sangrento dele aos lábios e aspirou profundamente de sua veia cortada.

Erich ficou tenso e estremeceu; seus olhos se fecharam. Ele encostou a cabeça na parede, o pescoço à mostra. Uma expressão igualmente de agonia e êxtase impregnou seu rosto. Ela o encarou por vários momentos antes que memórias antigas a abalassem, de amantes alados enlaçados ao luar, corpos intimamente unidos física e simultaneamente, na troca de sangue.

Nos mil anos de Aeternae Noctis, a sobrevivência superou o amor. A troca de sangue era um processo pragmático necessário para criar e curar vampiros. O sangue foi transfundido por meio de máquinas, e Tera havia se esquecido de como a experiência poderia ser primitiva e íntima ou de como a intenção e as emoções do doador e do receptor de sangue moldaram a troca.

A vívida exibição no rosto de Erich a paralisou. Agonia e êxtase. Ódio e amor. Inferno e céu.

O que ela sentiria se permitisse que seu sangue a atraísse?

Ela ousaria?

E por que seu sangue tinha um gosto tão familiar, como se...

Ela ficou rígida. *Não é a primeira vez.* Seu sangue curou suas

feridas críticas depois de sua batalha com Canya.

Tera passou os dedos pela lateral do pescoço e abdome. Ela mal podia sentir as cicatrizes. Mesmo agora, seu corpo estava se curando, a pele queimada descascando em crostas para revelar uma nova pele.

Não é a primeira vez.

Ela franziu a testa quando outra memória a cutucou. Seu olhar lento e decidido para a alcova escura - sua fuga de uma caverna cheia de daevas. Também não foi um acidente.

Ele a salvou. No entanto, uma e outra vez, ele a atacou. O que ela deveria fazer com isso?

Um nó apertado em seu peito se desfez. *Isso importa?*

Um suspiro sussurrou de Erich. A tensão diminuiu de seus ombros e, por um momento, ele pareceu à vontade - um homem em paz consigo mesmo e com o mundo. Seus cílios se abriram. — Seu cabelo. — Ele estendeu a mão, sem tocá-la bem. — Está escuro agora.

Ela olhou para sua trança, enegrecida pelo sol. Talvez com o tempo aclarasse, talvez não...

A terra retumbou sob eles. Tremores vibraram no piso de aço.

De qualquer forma, a vaidade era um luxo que ela não podia pagar. — Eles estão prontos para evacuar?

— Onde? — Erich levantou-se de um salto, sua indignação prejudicada apenas por sua oscilação instável enquanto o chão tremia novamente. — Lá fora? Você quase morreu e é imortal. Temos que ir para a clandestinidade.

— Eles vão morrer no subsolo. Sua única esperança está em Aeternae Noctis.

O rosnado de Erich mostrou presas alongadas. — Não Aeternae Noctis. *Nunca* Aeternae Noctis. Não vou deixar você escravizá-los.

— Você prefere que eles morram? — ela perguntou incisivamente.

— Eles vivem aqui há centenas de anos.

— Mil anos, mas qualquer habilidade em manter o cofre desapareceu gerações atrás. Eu nem acho que Siri pode salvá-lo agora. A terra irá recuperá-lo, como reivindicou tantas outras estruturas humanas. Diga às pessoas para se reunirem aqui. Não pegue nada; eles precisarão de toda a sua velocidade.

— Você está louca. A fé que você tem em suas irmãs Icratharis irá condenar a todos. As pessoas nunca irão te seguir até a cúpula.

Tera ficou olhando para ele. Ele estava certo. — Mas eles vão seguir você. Você fala com autoridade aqui, como faz com os Daevas. Diga a eles. Convença-os.

Ele cuspiu. — Não estou convencido. Não há vida que valha a pena viver em Aeternae Noctis. Crianças de cinco anos assassinadas. O

melhor e mais digno entre vocês escolhido. Os inúteis... — Ele olhou para as mãos. — descartados como lixo fora da cúpula. Não, isso *não* é vida. Isso é escravidão.

Um som agudo de estalo atravessou o prédio, tão alto quanto uma explosão. A fissura escura e recortada no solo se ramificou e cresceu se estivesse viva. Painéis de piso de aço dobrados e retorcidos como se fossem tão maleáveis quanto plástico quente. Rebites de metal na parede saltaram, e as paredes se abriram para revelar o coração de granito da montanha.

Erich olhou para Tera, sua expressão se retorcendo de angústia. Ele gritou uma ordem, e as pessoas fugiram da entrada e para os cofres de sementes.

— Não! — Suas asas chamejaram. Ela o jogou contra a parede; tremia com o impacto. — Por que você os condenaria até a morte só porque você está condenado?

Seus lábios se torceram em um sorriso malicioso. A risada dançou em seus olhos. — Não é por isso que você me amaldiçoou? Eu estava contente em te adorar de longe. Você poderia ter me ignorado pelo resto da minha patética vida mortal. Mas eu desenhei você. Ousei capturar a semelhança de minha musa, minha deusa, no papel. Não foi bom o suficiente para você? Revelou um lado seu que você não queria mostrar ao mundo?

Olhos pensativos, quase melancólicos. Expressão enigmática. Uma senhora da guerra em paz.

Ele a tinha visto como ninguém mais. Mas... — Não é por isso...

— Você arrancou minha humanidade e me expulsou como uma punição por meus pecados? Foi um jogo para você? Veja o quanto você poderia me fazer suportar antes que minha mente e meu corpo entrassem em colapso? — Erich rosnou. — Eu não era ninguém. Um artista inútil. Um poeta ainda pior. Mas tudo de que eu precisava para ficar feliz era vê-la voando sobre Aeternae Noctis na noite de lua cheia. Era tão pouco para pedir. — Sua voz falhou. — E mesmo isso, você tirou-me. Por que... despeito? Quanto ódio turva em você para me fazer sofrer para sempre por ousar colocar carvão no papel? Esse foi meu único crime, Tera; Eu não merecia o que você fez para mim. — As lágrimas quebraram sua voz tão seguramente quanto a água estava destruindo o santuário humano de Haven. — Arte, amar a beleza, foi meu único crime.

Não, não foi. Tera engoliu em seco contra o aperto sufocante na garganta. *Fazer com que eu me apaixonasse por você foi seu único crime.*

Passos bateram no casulo de dor silenciosa que envolveu Tera e Erich. Os humanos correram para o corredor, seus braços carregados com fardos de pano. Eles estavam de volta? Mas...

A terra tremeu. Gritos de alarme encheram o espaço estreito, enquanto as pessoas se pressionavam contra as portas de aço, portas que se abririam para a morte.

As rachaduras na terra aumentaram. O aço se quebrou sob o poder da terra se despedaçando.

Erich envolveu as mãos em torno das maçanetas aquecidas pelo sol e lentamente puxou-a para trás.

A luz se espalhou na escuridão. Tão paranóico quanto vampiros, as pessoas saltaram fora de seu alcance. Anders recuou do sol e gritou ao perder o equilíbrio. Ele caiu de cabeça no abismo que dividia o corredor.

A fenda mal tinha largura suficiente para o vôo, mas fornecia espaço mais do que suficiente para a criança cair nas profundezas da Terra. Tera mergulhou na abertura estreita, as asas pressionadas com força contra as costas. Ela acelerou passando pela criança e fez uma curva fechada.

Suas asas bateram, raspando contra as rochas de granito, quando ela disparou, pegando Anders em seus braços e carregando-o de volta para a superfície. Ela entregou o menino aos pais chorosos. Suas asas a ergueram sobre a multidão enquanto se amontoavam entre a porta e o abismo, entre a morte e a morte.

A terra estalou. Tera poderia jurar que soou como um grito. O abismo se abriu, como se o próprio inferno tivesse chegado para engolir as pessoas inteiras. Erich gritou, e as pessoas correram em direção à porta, em direção à luz do dia, em direção a morte certa.

A escuridão de repente se curvou sobre a luz. O som profundo e estrondoso que se intrometeu na consciência de Tera era persistente, forte e familiar.

As pessoas correram para fora de Haven e para a sombra maciça lançada por uma cidade em cúpula carregada por motores poderosos. Os humanos olharam, boquiabertos, quando uma grande escotilha sob a cidade se abriu e os vampiros pularam para fora. Eles agarraram as pessoas, duas de cada vez, e pularam na Aeternae Noctis, antes de fazer outra viagem para baixo para outras pessoas.

A rachadura dentro de Haven empurrou para fora, determinada a consumir os humanos que escapavam de suas garras. O eventual colapso destruiria não apenas o cofre de sementes, mas também a área ao redor e as cavernas abaixo.

Os vampiros se apressaram na evacuação, agarrando os humanos restantes e carregando-os para Aeternae Noctis.

Apenas Tera e Erich permaneceram na superfície.

Ela estava na metade do caminho quando percebeu que ele não a seguiria.

Erich ficou sozinho na entrada do agora abandonado Haven. As

rachaduras se alargaram ao redor dele, mas ele não pareceu notar. Ele olhou para ela, como se não pudesse tirar os olhos dela. Um sorriso tocou seus lábios. Não se desesperando. Não renunciou. Nem triste. Nem agridoce.

Era o sorriso de um artista, amando a beleza novamente.

— Erich! — Ela gritou para ser ouvida acima do rugido dos motores e do gemido da terra. — Vamos.

Ele balançou sua cabeça. Seus lábios se moveram; ela não conseguia ouvi-lo, mas quase conseguia entender as palavras. Ela o ouviu em seu coração. — Eu não posso voltar.

O chão se abriu sob seus pés. Ele poderia ter fugido, seus reflexos como um imortali teriam permitido feitos ainda maiores - mas ele deixou que isso o consumisse.

Maldições incoerentes se enredaram na mente de Tera e ficaram presas na garganta. Ela desceu. Ele não lutou contra ela quando o agarrou. Ela era mais forte; ambos sabiam disso.

Ele balançou sua cabeça. — Me deixa ir. As pessoas estão seguras. Trate-os com gentileza. Por favor —, ele acrescentou, quase como uma reflexão tardia, a palavra desconhecida tremendo em seus lábios. — Deixe-me morrer.

E ele morreria, aqui, sob o sol forte, as cavernas subterrâneas isoladas e nenhum refúgio à vista.

— Por favor, — Erich sussurrou uma única palavra. Ele estendeu a mão, sua mão tão perto de sua bochecha que ela quase podia sentir seu toque. Se ele estendesse suas garras, ele poderia ter rasgado seu pescoço, mas suas unhas permaneceram embainhadas.

Ele queria morrer.

Ela não podia permitir.

Tera voou para Aeternae Noctis, carregando Erich com ela. Seu olhar permaneceu preso no chão enquanto ele desabava sob eles, dobrando-se como um pano. Por um momento, um único momento precioso, houve água na Terra novamente. Os rios subterrâneos agora revelados brilhavam em um azul brilhante antes de evaporar com um chiado alto. O vapor subiu para o céu, a umidade suave e bem-vinda contra a pele de Tera.

Então ele se foi; o breve vislumbre de vida e esperança foi sugado pelo sol que tudo consumia.

Ela olhou para Erich. Não havia terror ou pânico em seus olhos; ele estava cansado demais para isso, mas o desespero sombrio teria quebrado seu coração se ela não tivesse se preparado para isso.

Ele estava nas mãos de inimigos que havia lutado, derrotado e torturado. A morte era a única misericórdia, mas ela negou a ele. O que mais sobrou senão o inferno eterno... não na Terra, mas em Aeternae Noctis?



CAPÍTULO 9

Tera lavou o sangue da batalha e trançou o cabelo antes de entrar na câmara onde Ashra, Siri, Jaden e Rafael já estavam reunidos, junto com três pessoas que Tera não esperava - Jorgen, sua esposa e sua criança, o menino, Anders.

Siri estava falando com eles quase tão fluentemente quanto Erich, a conversa ocasionalmente auxiliada por fotos em uma tela.

Tera riu para Ashra. — Eu deveria saber que nosso gênio residente teria encontrado uma maneira de se comunicar com eles.

— Aparentemente, é norueguês, um pouco alterado ao longo dos anos de isolamento, mas não o suficiente para tornar a comunicação impossível.

Siri riu, o som surpreendentemente alegre. — A história deles corresponde ao que Erich disse. Megun e seus companheiros foram aparentemente responsáveis por salvar e sustentar esta pequena colônia de humanos.

Os olhos de Tera se estreitaram. — Pelo menos explica a litania indignada de Canya sobre o quanto eles sacrificaram enquanto fugíamos para a segurança de Aeternae Noctis.

— Se não fosse pelos humanos, é provável que o cofre de sementes teria desmoronado mais cedo. Eles têm mantido e reparado, mas o poder dos elementos eventualmente os alcançou. — Siri balançou a cabeça. — A água é possivelmente a força mais destrutiva da Terra. O congelamento anual e o derretimento da água nas rochas da montanha ao redor da abóbada de sementes eventualmente a esmagaram. Se tivéssemos chegado antes, poderíamos ter organizado uma evacuação muito mais completa, mas ainda assim, as pessoas estão vivas e temos uma recompensa pela qual passar.

Tera seguiu o aceno da mão de Siri até a enorme pilha de panos embrulhados empilhados em um canto da câmara. — O que são aqueles?

— Os pacotes de sementes que Erich disse a eles para carregar do cofre.

— Ele disse?

Siri franziu a testa. — Você não sabia?

Tera balançou a cabeça. Erich estava lúcido o suficiente para

ordenar aos humanos para salvar o que pudessem do precioso esconderijo dentro do cofre de sementes. Como ela poderia ter pensado que ele estava, em sua loucura e ódio, ordenando ao povo que fugisse da segurança de Aeternae Noctis?

Porque eu não esperava que ele fosse nada além de louco e movido pelo ódio.

Tera respirou fundo. — Quanto está aí?

Siri falou com Jorgen antes de traduzir sua resposta. — Uma grande porcentagem do que estava no cofre. Eles sabiam há muito tempo que o cofre estava à beira de desabar. Anos antes, Erich os havia instruído a pegar um pacote de cada um dos depósitos de sementes e embrulhá-lo em panos. Não saberemos se os pacotes de sementes são viáveis sem plantá-los, mas não há falha na lógica de sua decisão. — As asas de Siri chamejaram enquanto ela girava em uma dança de alegria. — Você sabe o que isso significa? Poderíamos possivelmente trazer de volta a maioria das espécies de plantas que existiam na Terra antes do apocalipse.

— E colocá-los onde? Dentro da Aeternae Noctis? Dentro das quatro cidades com cúpulas na bacia do Vale do Colorado?

— Onde mais? — Siri perguntou. — Não há água em nenhum outro lugar.

— Há sim. Subterrâneo. Existem vastos rios e oceanos no subsolo.

Siri encolheu os ombros. — As plantas também precisam de luz solar. O único lugar onde água e luz solar coexistem é dentro das cúpulas.

— As cúpulas são limitadas. O y'll ficar sem espaço para as plantas e para as pessoas. Então o que? Começamos o abate de novo? — Tera cruzou os braços sobre o peito. — E os humanos que resgatamos? Eles ficam em Aeternae Noctis?

— Eles ficarão apenas o tempo que levarmos para chegar ao Colorado e reassentá-los em uma das cidades de lá. — Siri franziu a testa enquanto caminhava pela sala. — Vou ter que ficar de olho nas coisas. A população em Svalbard foi consanguínea por muito tempo, e surgiram deficiências genéticas.

As asas de Ashra ondularam. — Não deveríamos misturar as populações, então?

— Não não. Misturar a população é exatamente o que precisamos —, disse Siri. — O isolamento mata; em muitos casos, literalmente. — A Icrathari respirou fundo enquanto olhava para Tera. — Como está Erich?

— Eu o prendi em uma cela no porão.

— Ele não queria vir, não é?

— Você iria? — Tera deu as costas para Siri e Ashra e foi até a

janela. A visão familiar a estabilizou. A pequena cidade espalhada ao pé de Malum Turris agora abrigava os humanos que ela e Erich salvaram de Svalbard. — Ele pensa que está entre os inimigos.

— Não está? — Jaden falou pela primeira vez. — Ele aterrorizou nossos grupos de reconhecimento e matou mais vampiros que eu posso lembrar. Ele torturou Rafael por três anos.

A voz calma de Rafael não tinha ressentimento aparente, mas suas palavras prosaicas eram mais poderosas por esse motivo. — Erich Dale é um imortali. Existe algum retorno disso?

Uma agitação agitou Tera. — Eu não sei, — ela sussurrou. — Existe? — *Ele é um imortali? Ele é maluco?*

— Conte-nos o que aconteceu —, disse Ashra. — Como você e ele pousaram em Svalbard?

Tera endireitou os ombros e ofereceu seu relatório conciso, sem omitir nada.

— As ações de Erich não seguem um processo de tomada de decisão lógico e consistente —, supôs Siri. — Ele é quase insano, embora haja outras possibilidades.

Ashra acenou para eles se afastarem. — Então, Daryun está morto e possivelmente muitos Daevas também. E quanto a Canya?

— Não sei —, disse Tera. — Erich pode.

A rainha Icrathari franziu a testa. — E você não sabe por que as Daevas querem tanto Aeternae Noctis?

— Não, mas, mais uma vez, Erich sabe.

Ashra franziu a testa. — Parece que Erich, louco ou não, tem as respostas de que precisamos. — Ela se virou para Jaden e Rafael. — Pegue-as dele.

Tera esperou até que os dois vampiros mais velhos se separassem, levando a família de Jorgen com eles. — Eu poderia ter conseguido a informação dele —, disse ela.

— Você poderia ter? — Ashra perguntou incisivamente. — Você sente isso, não é, o vínculo da alma?

Os ombros de Tera caíram no sussurro de um suspiro. — Eu sinto algo. Confusão, principalmente. Parece que não conseguimos decidir se matamos um ao outro ou nos salvamos, mas uma coisa eu sei. Ninguém mais conhece os lugares subterrâneos como ele. Ele tem mais influência sobre os Daevas do que qualquer um de nós poderia esperar exercer. Se existe uma chave para a paz, é Erich.

Siri fez uma careta. — Se ele está louco, ele não é uma chave utilizável.

Tera olhou por cima do ombro. — Você disse algo sobre outras possibilidades.

A outra Icrathari encolheu os ombros. — Talvez ele só esteja com raiva. Doe. Os humanos não são muito racionais para começar, e

as emoções podem levá-los ao limite.

— Por quanto tempo?

— Um momento. Às vezes, um momento dura a vida toda.

Tera olhou feio para Siri. — Você não é reconfortante.

Siri encolheu os ombros, suas asas ondulando com o movimento. — Fornecer garantia está além do meu escopo de trabalho. — Ela olhou para seus monitores. — Às vezes, você vive para os momentos - como quando a terra desabou sob a abóbada de sementes, revelando o lago subterrâneo. Por um instante, vi a propagação aparentemente infinita de água que nunca pensei que veria novamente. — Um sorriso sonhador curvou seus lábios. — Foi lindo... deslumbrante.

— E sumiu em um instante —, disse Tera, e quase instantaneamente lamentou por ter estourado o momento de alegria de Siri.

Siri acenou com a cabeça. — Se o calor fosse menos brutal, se o sol estivesse apenas nascendo, a água poderia ter evaporado, aumentado e esfriado até se tornar uma cobertura de nuvens.

Ashra inclinou a cabeça. — Não temos isso desde o apocalipse. As nuvens forneceriam sombra contra o sol, permitindo que as pessoas vivessem fora dos domos.

— Em teoria, sim. As moléculas de água ascendentes também carregariam com elas as moléculas de nitrogênio e oxigênio - abundantes aqui na superfície - de volta às camadas superiores para restaurar a atmosfera. Na realidade, porém, as coberturas de nuvem nem estão na lista de desejos. As condições não são ideais para criá-las. Precisariamos de uma grande quantidade de água para iniciar o processo...

— Há muita água sob a Terra —, disse Tera. — Precisamos encontrar uma maneira de trazê-lo à superfície.

— Um desafio em si —, acrescentou Siri. — E então precisaríamos apenas de calor suficiente para evaporar a água e de frio suficiente na alta atmosfera para condensá-los em nuvens—. Siri encolheu os ombros. — Há uma janela de um minuto, talvez menos, quando as condições são absolutamente perfeitas. Não é o suficiente para um milagre.

Não é? Tera olhou para a cidade na base de Malum Turrus. Ele agitou-se mais uma vez com vida enquanto as pessoas se acomodavam em casas e vagavam por ruas de paralelepípedos, campos e florestas. Conversas animadas balbuciavam pela cúpula. Pessoas que conheceram apenas uma Terra árida além das paredes de aço de seu Haven tiveram seu primeiro vislumbre do incrível potencial da vida.

— Todos os milagres precisam de um momento —, murmurou Tera. — Às vezes, um momento dura para sempre e, às vezes, menos

de um minuto. — Ela olhou para Siri. — Se alguém pode encontrar uma maneira de fazer esse milagre acontecer, é você.

— O que você espera de mim? — Siri parecia curiosa em vez de defensiva.

Ashra sorriu lentamente. Ela acenou com a cabeça para Tera e, naquele instante, Tera soube que sua visão havia afetado Ashra também. A rainha falou. — Estamos pedindo vida, Siri, além das restrições de nossas cidades com cúpulas. Erich sabe onde encontrar água no subsolo. Carregamos a semente do planeta aqui mesmo na câmara. Aeternae Noctis contém o auge da tecnologia humana pré-apocalíptica, e você incorpora seu conhecimento. Se houver um caminho, ele começa aqui.

Tera respirou fundo. Ashra tinha falado. *Tudo começa aqui. E começa agora.*



Quatro passos levaram Erich por toda a extensão de sua cela. Outros quatro o carregaram por toda a extensão. O teto de aço se estendia 60 centímetros acima de sua cabeça.

Ele fechou os olhos com força, mas a escuridão não conseguiu esconder o encolhimento do espaço ao seu redor. Ele respirou fundo, mas seu pulso acelerado se recusou a se estabilizar. Se sua cela fosse menor, seria um túmulo.

Ela está me enterrando de novo - desta vez, nas entranhas da cidade.

Suas unhas alongadas perfuraram as palmas das mãos. Afundando de joelhos, ele olhou para o lento gotejar de sangue ao longo de seu pulso e antebraço, traçando padrões como os rios subterrâneos. *Olhar fixamente. Concentrado. Foco.*

Seu mundo disparou sobre o carmesim dourado de seu sangue. Por um momento precioso, a sensação sufocante e esmagadora aliviada. *Um rio de sangue. Vida líquida.*

Uma memória empurrada para o primeiro plano. Uma vez ele olhou, paralisado, para o sangue dourado de Tera. Morrendo, o mundo esfriou ao seu redor; sua visão turvou na escuridão. Quando ela levou o pulso ensanguentado aos lábios, ele permitiu que o néctar inebriante corresse por sua garganta.

Se ele soubesse então o que sabe agora sobre demônios usando disfarces de anjos...

Vida líquida ou morte, dependendo do seu ponto de vista.

A risada de ironia dissipou seu casulo de distração. A ansiedade transformou sua risada baixa em uma risadinha aguda. O som ricocheteou nas paredes de aço, pulsando em seus ouvidos como uma cacofonia de sinos.

Se eu já não estivesse bravo...

A porta deslizou silenciosamente, e dois vampiros mais velhos entraram na sala. O espaço já claustrofóbico entrou em colapso até que Erich ofegou, lutando para respirar. Ele cravou as unhas na lateral da cabeça, manchando o rosto com o sangue. *Está tudo bem. Eu não preciso de ar, tecnicamente. Eu não posso morrer. Eu já estou morto.*

Seus pulmões, entretanto, pareciam alheios à lógica. Eles queimaram e gritaram. Seu coração batia forte no peito. A cada refeição, os vasos sangüíneos em sua cabeça latejavam tão violentamente que ele achou que iriam explodir.

Alguma parte de sua mente racional gritou com ele. Respirar fundo que ele não precisava não foi mais difícil só porque outros dois haviam entrado na pequena cela.

Lógica. Lógica maldita. Lógica inútil.

Erich torceu as mãos para cravar as unhas no couro cabeludo. Os múltiplos golpes de dor lhe deram algo em que se agarrar. Ele se dobrou sobre si mesmo, caindo de joelhos e se enrolando em uma bola. Se ocupasse menos espaço, se houvesse mais ar ao seu redor, talvez fosse mais fácil respirar.

Seu peito arfou. Seus pensamentos deslizaram, chocando-se uns contra os outros como bolas de gude balançando em um bolso minúsculo. A sensação de esmagamento contra seu peito aumentou, afogando-o.

Ela explodiu para fora dele em um longo grito. O som fino e desesperador atravessou a teia envolvente, rasgando-a, abrindo espaço apenas para ele sugar uma lufada de ar desesperada.

A névoa vermelha em sua visão se dissipou lentamente.

Jaden e Rafael ainda estavam parados na porta, olhando para ele. Jaden parecia chocado, mas havia algo mais em seus olhos que Erich não conseguiu decifrar. A expressão de Rafael, no entanto, estava totalmente além da capacidade de compreensão de Erich.

Rafael era o vampiro mais velho que Erich menos entendia. Jaden tinha sido um guerreiro e Talon um bandido, o que se aproximava muito da mesma coisa. Rafael, por outro lado, era fitoterapeuta. Ele curou ferimentos, até que Erich o capturou e torturou por três anos, sangrando-o quase até a morte, esmagando o que restava de sua humanidade.

— Será que ele consegue entender o que estamos dizendo? — Jaden murmurou. Foi uma pena que Erich ouviu em sua voz? — Ele é completamente louco.

— Ele não é louco —, a voz fria de Rafael era analítica. — Foi um ataque de pânico, bastante dramatizado - ele é um vampiro, afinal - mas apenas um ataque de pânico. — Rafael se agachou em frente a Erich com uma graça fluida que nenhum mero humano poderia

alcançar. — Erich, você pode olhar para mim?

Erich encontrou os olhos castanhos de Rafael com um sorriso de escárnio. — Você acha que pode me enganar com um pretexto de compaixão? O que você quer, vampiro? — Ele pronunciou a palavra com desprezo. O canto de sua boca se ergueu em um sorriso zombeteiro. — Quanto tempo você acha que vai demorar para me quebrar?

— Se você está louco, então você já está quebrado. Se você não está - e eu não acho que você está - então não há necessidade de quebrar você. — Rafael mudou para uma posição confortável de pernas cruzadas. — Como você caiu com os Daevas?

— O que é isso? A tête - à - tête? — Erich riu. — Onde está o chá com torradas?

— Você prefere que eu mande buscar sangue Icrathari antigo e entranhas de aranha cozidas na bile Daeva?

Erich piscou. — Aranhas têm entranhas?

Rafael encolheu os ombros. — É uma iguaria. Você tem que matar muitas aranhas para conseguir até mesmo uma colher de entranhas.

Erich riu; Rafael resmungou.

Não não. Ele é o inimigo. Ele me odeia. Ele está tentando arrancar algo de mim. O humor saiu do rosto de Erich. — Boa tentativa, bastardo, mas você não vai me atingir.

— Não estou tentando chegar até você, mas você é interessante. Eu perguntei a Yuri sobre você...

— Yuri?

— Sua prima, Yuri.

O queixo de Erich caiu. — Eu... tenho uma prima?

Rafael trocou um olhar com Jaden. O outro vampiro mais velho silenciosamente deixou a cela. Rafael se voltou para Erich. — O que você lembra da sua vida em Aeternae Noctis, antes de ser transformado?

— Nada. — Erich fez uma careta. — Vejo rostos e ouço vozes, mas as memórias estão em pedaços, fragmentos. Nada faz sentido.

— E o que você lembra?

— Tera. O rosto dela. Seu sangue - como mel.

— E depois disso?

Os ombros de Erich enrijeceram. — Depois disso, acordei no inferno.

— Por que você não voltou para Aeternae Noctis?

Sua mente ficou em branco. Os pensamentos fracassaram. As palavras ficaram presas em sua garganta. — O que você quer dizer?

— Você deveria ter voltado—, disse Rafael. — A transformação é perigosa, até temerária. A maioria dos humanos só pode aceitar uma

mistura de sangue Icrathari e vampiro; aqueles que sobrevivem à transformação tornam-se vampiros. O sangue Icrathari puro é quase impossível para qualquer ser humano consumir. O processo de transformação destrói a mente e o corpo. Aqueles que consomem sangue Icrathari puro são enterrados fora da cidade. Aqueles que sobrevivem à transformação, suas mentes e corpos refeitos, aperfeiçoados, voltam para Aeternae Noctis. — Rafael fez uma pausa. — Por que você não fez isso?

A respiração de Erich escapou de seus pulmões. — Eu... não sabia.

— Você não sabia como voltar? Você teria sentido a pulsação do ar dos motores da cidade ao longo de centenas de quilômetros. Se nada mais, o vínculo da alma de Tera deveria ter atraído você de volta. Rafael inclinou a cabeça. O tom cuidadosamente profissional de sua voz, exalando curiosidade intelectual em vez de pena, tornava a conversa quase tolerável.

Quase...

— Eu não sabia... — Erich se encolheu mentalmente com o fio quebrado em seu sussurro. — Eu pensei que ela me abandonou. Descartou-me.

A porta abriu-se e Jaden entrou, acompanhada por uma vampira ruiva. Os olhos de Erich se estreitaram. — Você estava com Tera e Talon.

Ela assentiu. Seus olhos eram fendas estreitas e as palmas das mãos repousavam sobre as lâminas gêmeas revestidas com bainhas de couro.

— Você é minha prima?

— Minha mãe era irmã do seu pai.

— E a Icrathari levou você também.

Yuri encolheu os ombros. — Eu era uma encrenqueira. — Ela não parecia amarga; na verdade, seu tom foi tocado por uma diversão irônica. Para sua surpresa, ela de repente franziu a testa. — Os vampiros levaram meus gêmeos quando eles completaram cinco anos. Eu me machuquei tanto, pensei que fosse morrer. Eu não me importava se eu fizesse, contanto que eu matasse alguns vampiros, ou talvez até um Icrathari. Eu levantei a cidade à rebelião. Você era um espectador, acidentalmente envolvido na violência. Você estava tão gravemente ferido que pensei que fosse morrer. — Ela balançou a trança por cima do ombro. — Eu perdi você de vista. Na verdade, por vários dias, eu me perdi de vista.

— Eles transformaram você em um vampiro, — Erich sussurrou. — A vingança final, transformar a líder da rebelião contra seu próprio povo.

Yuri franziu a testa. — Tera viu algo em mim que valia a pena

manter vivo, mesmo que fosse apenas minha disposição de enfrentar a Icrathari. Eu sou sua segundo em comando. Eu lidero os exércitos de vampiros. Eu defendo a população humana de nossas cidades contra os ataques Daeva, contra *você*.

— Yuri, já chega. — Jaden colocou a mão no ombro de Yuri.

Ela mostrou suas presas. — Ele quase matou Talon.

As sobrançelas de Jaden se ergueram. — Na verdade, ele quase matou *você*.

Yuri sacudiu o pulso com desdém. — Eu estava ótima.

Erich não perdeu os olhares divertidos que Jaden e Rafael trocaram. A dor em seu peito, entretanto, o surpreendeu. Ele não esperava aquele nível de camaradagem entre os vampiros - relacionamentos enraizados na amizade em vez de medo. Ele cerrou os dentes e esperou até ter certeza de que sua voz não iria tremer. — Não me lembro de *você*.

Yuri bufou. Ela ergueu o queixo. — É o que Jaden diz. Essa é uma desculpa conveniente.

— O que aconteceu com seus gêmeos?

— Jana e Jack? Eles estão na cidade, brincando com as outras crianças.

A sobrançela de Erich franziu. — Eles estão vivos? Eles são vampiros?

— Não, claro que não. Eles farão seis anos no próximo mês.

Sua mente tropeçou na impossibilidade de tudo isso. — Mas *você* disse que os vampiros os levaram há duzentos e cinquenta anos, quando eles tinham cinco anos.

— Os vampiros os colocaram em hibernação, dormindo, nunca envelhecendo. — Yuri arqueou uma sobrançela. — *Você* não sabia? — Ela olhou para Jaden e Rafael. — O que *vocês*, meninos, têm feito além de trocar histórias de guerra? *Você* não disse nada a ele sobre Aeternae Noctis?

Jaden riu. — Talvez seja melhor se mostrarmos a *você*.

Yuri liderou o caminho, e Jaden e Rafael fecharam na retaguarda. Erich não tinha dúvidas sobre o que os vampiros mais velhos fariam com ele se ele tentasse uma fuga, mas mesmo se ele tentasse fugir, para onde ele iria?

Malum Turris era fria até mesmo para um vampiro que sentia frio. As paredes de aço preto sugavam o calor do ar. Projetados com precisão surpreendente, os corredores curvavam-se em espirais perfeitas em direção ao centro oco da torre, obviamente projetados para o vôo de Icrathari. Próximo a ele, uma plataforma móvel carregava os imortais menos capazes para cima da torre. — Que tipo de magia é essa? — Erich exigiu.

Jaden riu. — A primeira vez que entrei quase tive um ataque

cardíaco. É um elevador; é tecnologia humana pré-apocalíptica.

— Mas como está se movendo?

— É alimentado por energia solar, dos painéis que Siri instalou na cúpula de Aeternae Noctis. — Jaden balançou a cabeça. — Em algum nível, eu entendo, mas é mais fácil confiar que Siri sabe o que está fazendo. — O elevador parou e os quatro saíram da plataforma e entraram em uma grande sala, tão alta e larga que suas paredes se perderam na escuridão.

— Este é... era... o cofre. — A voz de Yuri ecoou por aquela sala estranhamente sombria. — Este é o lugar onde os vampiros mantiveram as crianças que tiraram de nós.

— Eles não mataram as crianças?

— Os humanos certamente pensaram assim, mas os vampiros selecionaram apenas por necessidade. Aeternae Noctis não conseguia sustentar uma população grande e crescente, então algumas crianças foram levadas e colocadas em hibernação, congeladas no sono, dentro de caixões de vidro. — Yuri lançou a Rafael um olhar de soslaio e um sorriso. — Chegou a um ponto crítico quando o filho de Rafael foi levado. Siri ficou altamente motivada para devolver seu filho para ele. Foi quando finalmente percebemos que os caixões eram feitos de vidro de paládio, o mesmo vidro que protege Aeternae Noctis. As crianças foram acordadas e voltaram para seus pais. Os caixões foram derretidos e remodelados nas cúpulas que agora protegem as cidades de Ganimedes, Calisto, Io e Europa.

Erich franziu a testa. — O que acontece quando as cúpulas ficam sem espaço?

O rosto de Yuri se contraiu. — Vamos cruzar essa ponte quando chegarmos a ela.

— Não há um plano? — Sua voz se elevou em indignação. — Megun disse que Aeternae Noctis era a grande arca da humanidade, que tudo que era crítico para a sobrevivência da raça humana e a renovação da Terra foi colocada dentro da cidade em cúpula. — Erich esticou o braço. — Mil anos se passaram e ainda *não há um plano*?

Jaden e Rafael trocaram olhares pensativos antes de Jaden perguntar baixinho: — E você tem um plano?



CAPÍTULO 10

Se ele tem um plano?

Erich era um artista e poeta. Que tipo de plano eles esperavam que ele tivesse?

A questão, entretanto, o perturbou muito depois que Jaden e Rafael o escoltaram de volta para sua cela. Ele caiu em um canto, suas longas pernas puxadas até o peito e apoiou a cabeça nos joelhos.

Água.

Água era a chave. Até ele, que era só um artista, sabia disso. Um fragmento de memória passou por sua mente. A cachoeira que flui de Malum Turris circundou a cidade, irrigando os campos e as florestas.

Além de Aeternae Noctis, as únicas águas que conhecia eram os grandes rios e lagos subterrâneos, alguns pouco maiores do que poças, e outros tão largos que ele não conseguia ver o outro lado.

Um sorriso se espalhou em seus lábios. Ele amava a água. Quanto tempo ele passou vadeando nas águas rasas geladas, maravilhando-se com as ondas batendo contra suas panturrilhas? Ele se surpreendeu nadando, como se sempre soubesse, mas deve ter aprendido quando criança, morando em Aeternae Noctis.

A porta de sua cela se abriu. Ele virou a cabeça sem erguê-la. Uma figura esguia, emoldurada pela abertura de asas, estava perto da porta. Tera falou baixinho. — Você tem um plano?

Ele riu, o som baixo e sem humor. — Você não quer?

Seus ombros se encolheram, suas asas pressionando contra suas costas. — A Terra não estava pronta para um plano; não estávamos prontos para executá-lo. — A porta fechou-se atrás dela; ela não demonstrou preocupação em ficar sozinha na cela com ele. — O desespero pela perda da Terra levou os humanos que salvamos ao suicídio. Quando percebemos que o medo os mantinha vivos, os Icrathari e os vampiros se tornaram inimigos em vez de guias e protetores.

— E você criou a grande mentira de Aeternae Noctis. Uma necessidade maior no trabalho...

Tera franziu. — Sim.

Erich balançou a cabeça. — Eu senti isso.

— Você não tinha medo de nós.

Ele riu. — Você levou nossos guerreiros, nossos curandeiros, nossos pensadores e nossos filhos. Eu era um artista; Não servi a nenhum propósito.

— Todos nós servimos a um propósito, embora não o compreendamos. Talvez a sua fosse saber mais sobre o mundo exterior.

Seu tom frio o arranhou como garras. — Você está me dizendo que meu propósito era sofrer lá no inferno por centenas de anos? — Erich ficou de pé. — Não distorça isso para me tornar como você. Eu não era ninguém. Eu não me importava em ser alguém. Eu só queria desenhar... Não, eu nem queria desenhar. Eu só queria olhar para você. Capturar sua beleza estava além da minha habilidade. Não é o corte das maçãs do rosto, o comprimento dos cílios ou o arco do pescoço. Aquelas eram simples, mas a expressão em seus olhos... escapava à descrição; isso me assombrou. — Ele rosnou. — Ainda está lá em seus olhos, e ainda não há um nome que eu possa atribuir a isso.

— Erich, precisamos de sua ajuda...

— Nós? — Ele cruzou os braços sobre o peito. — Vocês, suas irmãs Icratharis, seu exército de vampiros, seus escravos humanos. *Precisam* de sua ajuda? — Ele bufou uma risada amarga. — Eu *não* sou um de vocês. Você cuidou disso quando me destruiu por ousar olhar para você.

Tera diminuiu a distância para Erich em um instante. Suas pequenas mãos, que poderiam facilmente agarrar seu pescoço, pressionaram contra suas bochechas. Seus lábios encontraram os dele em um beijo.

Os olhos de Erich se arregalaram. Ele enrijeceu, como se estivesse eletrizado, sob seu toque. Sua respiração ficou presa em seu peito, incapaz de inspirar ou expirar.

O tempo congelou em um único momento.

A fragrância das flores noturnas o inundou. Tera tinha gosto de néctar, não, essa única palavra era muito simples para descrever a complexidade de sabores que o inundavam. Sugestões de especiarias perfeitamente combinadas com doçura, adicionando profundidade e riqueza ao redemoinho de seu sabor em constante mudança.

Ele orou para que o tempo nunca mais começasse a se mover.

Seu coração batia forte no ritmo dela; seu pulso se estabilizou para combinar com o dela. Os pensamentos fragmentados e fragmentos de memória que zumbiam constantemente em sua mente como corvos circulando e estalando caíram, o vento soprou sob suas asas.

Por um único e perfeito momento, ele ficou em paz.

Era assim que sempre deveria ser? Sem lutar, sem duvidar se

ela...

A realidade se chocou contra ele.

Claro que não. Por que mais ela o teria punido por sua insolência?

Ele agarrou seus braços e a empurrou. Seu lábio superior se curvou em um sorriso de escárnio. — Seu beijo está perdido em mim. É este o vínculo de alma de que Rafael me falou? Aquele que deveria me manter ao seu lado? — Sua risada amarga ricocheteou nas paredes de aço tão fria quanto sua expressão. — Funciona apenas com tolos, aqueles que nunca souberam o que é ser destruído por um Icrathari.

— Você sente isso. — Sua voz era baixa e áspera. — Eu sei que sente.

— O que você sente são os restos do homem que eu era. Um idiota do poeta, contente em te adorar e venerar de longe, murcho sob o sol. A alma dele está morta onde você o enterrou. Eu sou apenas a casca de suas memórias despedaçadas.

— Eu não acredito em você. Você não é louco.

Os lábios de Erich se curvaram em um sorriso, os músculos da bochecha doendo por causa do treino desconhecido. — Claro que sou. Minhas memórias estão em pedaços. Lugares pequenos e escuros geram um grito, bem aqui. — Ele apertou as mãos contra o estômago. — Ele incha, apertando meus pulmões, bloqueando minha garganta, até que estou morrendo, uma e outra vez.

— Você suportou muito e ainda está sofrendo...

— Eu não quero sua pena! Eu quero minha vida de volta, aquela que você roubou de mim. Se eu não posso ter isso, vou me contentar em acabar com isso e com o seu.

— Você tem coragem de sobreviver, mas não de viver de verdade? — As asas de Tera dobraram-se sobre seus ombros. — Você sobreviveu duzentos e cinquenta anos fora do único lugar habitável na Terra. Você mapeou os labirintos sinuosos; você seguiu filetes de água fluindo de rochas para vastos mares subterrâneos. Você encontrou um caminho para Haven, mesmo no meio do verão. Mas quando o chão desabou ao redor de Haven, você escolheu morrer em vez de viver. Você está seguro agora em Aeternae Noctis, que, de acordo com você, é a chave para restaurar a Terra - mas tudo o que você consegue pensar é em morrer. — Seus olhos se estreitaram em frias fendas cinza. — Você é um covarde, Erich, uma praga no sangue que o criou.

Ele rosnou, suas presas brilhando na luz fraca da cela. — Praga? *Você* é a praga! Seu sangue também me consumiu, me retorceu além do reconhecimento e me cuspiu. Eu ataquei minha prima, quase a *matei*, porque não me lembrava mais dela nem de nada da minha vida. Quantos mais vampiros eu feri e matei? Eu os conhecia? Eles eram meus amigos, minha família? Eu os abati? Você me transformou

em um assassino? — Ele lançou perguntas, seus apelos, como pedras em um lobo perseguindo, tentando manter a criatura à distância. — Essa... *coisa*... dentro de mim me cega e me ensurdece de medo quando a escuridão me envolve. Escuridão, lugares fechados sufocam-me... sepultam-me, e ainda assim as cavernas têm sido meu único santuário por duzentos anos. — Seus olhos encontraram os dela. — Minha mente é minha inimiga. O medo tem sido meu companheiro constante; as vozes em minha cabeça são o único som; minhas memórias quebradas o único estímulo. Se isso não é loucura, então nada mais é.

— Você me obrigou, Tera. — Ele fechou a distância, assustado como sempre com o quão pequena ela parecia quando ele estava perto dela. O topo de sua cabeça mal tocou o queixo dele, mas não havia nada frágil ou fraca na senhora da guerra Icrathari. —Estou vivo por sua causa, — ele soprou as palavras como uma carícia de amante. — O ódio me manteve vivo. A raiva me deu força. Você sabe quanto tempo esperei para fazer isso? — Ele cruzou os dedos ao redor de sua garganta esguia. O pulso dela bateu contra a palma da mão dele. — Eu poderia espremer todos os pedaços quebrados dentro de mim. Eles cortam como vidro, mas pelo menos está saindo, não está mais preso dentro de mim. A dor está voltando para onde pertence.

Seus músculos se contraíram ao longo dos ombros; seus bíceps estavam tensos e seus dedos enrijeceram.

Duzentos e cinquenta anos, ele passou quase dez mil dias no inferno. Finalmente, ele parou na frente da Icrathari que o amaldiçoou. Em sua mente atormentada, ele a matou dez mil vezes... *cem* mil vezes... de todas as maneiras possíveis. Nenhum foi tão íntimo quanto estrangulá-la, cara a cara, as mãos contra o pulso de sua respiração.

A Tera que vivia em sua mente lutou. Suas grandes asas bateram impotentes quando ele a ergueu do chão. Suas pernas estalaram no ar quando ele pressionou contra sua garganta. Sua pele pálida manchada, ficando vermelha e depois roxa. Ele segurou até que as mãos dela caíssem ao lado do corpo, o corpo mole.

Sua imaginação nada tinha sobre a realidade.

As grosseiras paredes da caverna de sua mente se endireitaram e se alisaram em aço frio.

A Tera do mundo real poderia ter cortado sua garganta com o mínimo esforço de uma faca cortando papel. Ela poderia ter cravado as garras em seu estômago e eviscerado com a mesma facilidade com que um açougueiro abate um porco gritando.

Mas Tera não fez nada.

Seus olhos estavam frios. Ela nem parecia preocupada.

O aperto dele em volta do pescoço dela permaneceu tão gentil

quanto o abraço de uma mãe em seu filho recém-nascido.

Tera o condenou ao inferno - mas o inferno não era a Terra superaquecida ou o subterrâneo sufocante.

O inferno era um mundo, uma vida sem ela.

O aperto em torno de seu peito diminuiu; ele expeliu a respiração em um suspiro baixo. Erich correu o polegar calejado sobre a junção sensível onde o sangue dela fluía mais perto da superfície. Ele nunca tinha imaginado que teria permissão para abraçá-la dessa forma.

Os olhos semicerrados de Tera se arregalaram, uma lasca de vulnerabilidade quebrando seu equilíbrio frio. Ela respirou fundo; o sopro profundo e trêmulo de ar quebrou o espaço silencioso entre eles.

Erich ergueu as mãos dela e se afastou, recuando até que suas costas bateram na parede.

Ele não estava a mais de quatro passos dela, mas poderia muito bem estar além da curva da cúpula. Ele esperou, porque era tudo o que podia fazer.

Tera fez a única coisa que Erich nunca vira a senhora da guerra Icrathari fazer.

Ela recuou, suas asas enroladas em torno dela, uma camada de armadura impenetrável.

A porta da cela se fechou atrás dela, sepultando-o novamente. Erich recostou-se na parede e desabou. Ele olhou para as próprias mãos. Com suas garras retraídas e o brilho perolado de suas unhas quase invisível na penumbra, suas mãos pareciam humanas, apesar dos dedos tortos.

Quase humano. Ele riu enquanto relaxava contra a parede e fechava os olhos. Uma ruga apareceu em sua testa antes que sua mente percebesse a diferença. Sua prisão não era menos minúscula, mas a fragrância persistente de Tera manteve a sufocação opressiva sob controle.

Um músculo se contraiu em sua bochecha. Sua vida era um inferno com ela e sem ela, mas isso não mudava os fatos da questão. Ele ainda era um idiota apaixonado, e Tera ainda era a princesa guerreira, punindo aqueles que ousavam chegar perto demais.

— Eu paguei o preço, — ele sussurrou no silêncio de sua cela.
E ainda estou pagando o preço.



CAPÍTULO 11

Rotação e um pulsar constante dos motores da cidade abrandado em um zumbido baixo. Erich sentou-se, alongando lentamente os músculos. Os vampiros não precisavam dormir, mas na cela havia pouco mais para fazer. Tecnicamente, os vampiros também não sentiam frio, mas seus ossos e músculos doíam, tanto pela inatividade quanto pela temperatura fria.

E agora? Fugir não era uma opção; a cela foi projetada para resistir à força sobrenatural de um vampiro mais velho. Mesmo que ele escapasse de sua cela, ele teria que sair de Malum Turris e, em seguida, de Aeternae Noctis. Ele teria que lutar para passar por humanos, vampiros, vampiros mais velhos e Icrathari.

Ou eu poderia apenas perguntar educadamente.

Ele riu e passou as mãos pelos olhos. O tempo para educação já havia passado. *Eu deveria ter matado Tera quando tive a chance.*

Seu estômago se contraiu. Suas mãos se fecharam em punhos, suas unhas se alongando em garras. Sua cabeça e seu coração nunca concordariam, seus pensamentos e emoções nunca se alinham, no tópico de Tera?

A porta se abriu e a fragrância das flores noturnas, que quase se suavizou em uma memória, saltou em nítido relevo. Ele respirou fundo. O canto de sua boca se curvou em um meio sorriso. — Se eu fosse humano, teria morrido de sede e fome.

— A viagem demorou mais do que esperávamos. — Tera entrou na cela. Suas asas se alargaram ligeiramente; as pontas dos ossos revestidos de aço cintilavam na luz fraca da cela. — Nós chegamos. Venha comigo.

Ele não se mexeu. — Onde e por quê?

Seus olhos encontraram os dele - um cinza frio contra um azul vívido, antes dela virar as costas para ele e ir embora. Erich engoliu uma risada, sem saber se deveria se divertir ou se ofender.

A porta da cela permaneceu aberta.

Rangendo os dentes e sentindo o gosto de sangue enquanto suas presas alongadas raspavam contra sua língua, ele a seguiu para fora da cela. — Como estão as pessoas?

— Preparando-se para mudar.

— Eu vi as cidades no vale. — Erich sorriu fracamente. — Existem cavernas nas montanhas próximas. Sentei-me nas falésias à noite e observei as luzes dentro das cúpulas. O povo de Haven se juntará àqueles nos domos?

— Sim, e é por isso que a viagem demorou mais. Siri precisava ter certeza de que nenhuma população se mataria.

— As pessoas de Haven não são violentas e imagino que mil anos de escravidão esmagaram a vontade dos ex-residentes de Aeternae Noctis.

Os ombros de Tera subiam e desciam em um encolher de ombros gracioso. — Não a julgar pelo número de rebeliões que lançamos. Elas eram quase tão regulares quanto o nascer do sol. Na verdade, não estávamos preocupados com brigas. Afinal, temos um exército de vampiros mantendo a paz. Siri estava preocupada com a doença. As populações criadas isoladamente, como em Haven e Aeternae Noctis, desenvolvem um conjunto único de resistência biológica a certos tipos de germes e vírus abundantes em seu ambiente. A exposição a patógenos de outro ambiente, contra o qual eles não têm imunidade, pode exterminar comunidades inteiras.

Erich franziu a testa ligeiramente. — Nunca pensei nisso.

Tera lançou-lhe um olhar de soslaio e um sorriso. — Eu também não. Vampiros e Icrathari não têm essas preocupações, mas é por isso que temos Siri. Problemas como esse ocorrem a ela.

— E ela tem certeza de que é seguro?

— Nada nunca é perfeitamente seguro, mas sua pesquisa sugere que o encontro não resultará na extinção de nenhum dos grupos. — Tera parou por um momento. — Havia outro motivo para o atraso. Os ataques de Daeva têm sido implacáveis e não queríamos levá-los ao vale.

Erich encolheu os ombros. — Os Daevas sabem sobre as quatro cidades.

— Não queríamos sujeitar os humanos ao risco de um ataque durante a transferência.

— Você viu Canya?

— Sim. Ela não chegou perto o suficiente para falar.

— Falar? — Ele bufou para fora. — Os Icrathari não têm interesse em conversar. Você está ganhando agora, não é? Dos quatro que entraram em Aeternae Noctis, você perdeu apenas um - Elsker, que teria negociado com os Daevas.

— *Negociado?* Com as asas se abrindo, Tera girou sobre Erich. — Elsker traiu sua rainha, os Icrathari, os vampiros e todos os humanos em Aeternae Noctis.

— Ele e Megun queriam apenas a tecnologia dentro da cidade para o bem da Terra.

— Não há tecnologia na cidade. — Tera pronunciou as palavras por entre os dentes cerrados. — O orgulho da grande civilização humana consiste em latas de vidro com produtos químicos e restos de metal empilhados na oficina de Siri. Tecnologia não é nada sem o conhecimento de como construí-la e o que fazer com ela. Esse conhecimento não está em nenhum lugar de nossos computadores centrais. Tudo isso está na cabeça de Siri, e Elsker, o idiota, quase a matou.

A mente de Erich girou. *Sem tecnologia, então todas as batalhas eram por... nada?* — Não era sua intenção.

— Sua intenção era livrar-se de Ashra e assumir o controle da cidade. Qualquer coisa a menos não o teria impelido a uma posição de poder. Ele ansiava por isso como os humanos anseiam pela luz solar. — Ela rosnou, as presas à mostra. — Ele era um traidor. Não há redenção, nem futuro para um traidor, não em Aeternae Noctis.

— Sem perdão? — Erich desafiou.

— Ele conduziu Daevas para Aeternae Noctis. Dezenas de vampiros morreram. Centenas de humanos. Siri quase morreu. Jaden fez.

Os olhos de Erich se estreitaram. — E renasceu como um vampiro mais velho.

— Não sem riscos significativos. A destruição de mente e corpo que dura horas leva quase todos os humanos à loucura. Jaden sobreviveu, em parte porque ele havia sido previamente exposto a pequenos volumes do sangue de Ashra e porque ele possuía a alma de um Icrathari. Rafael sobreviveu porque o sangue de Siri estava contaminado com acônito, o que acelerou sua transformação de horas para minutos.

— E Talon?

Tera riu inesperadamente. — Talon foi transformado antes do apocalipse. Os humanos eram um pouco diferentes então, e claro, Talon é a personificação da teimosia.

E eu...? Erich não falou, mas Tera enrijeceu como se seus pensamentos a tivessem conduzido na mesma direção. Ela olhou para ele, mas não disse nada.

Erich quebrou o silêncio rígido. — Por que você não voltou?

— Para a sua cela?

Ele encolheu os ombros. *Por que você não voltou?*

O olhar de Tera se desviou. — Eu não tinha nada a dizer para você.

— Nunca fizemos isso —, murmurou Erich. — Passamos horas perto da fonte da praça da cidade, sem dizer nada um ao outro.

— Você lembra...

— Em fragmentos. Minhas memórias vão voltar?

Tera balançou a cabeça. — Eu não sei. Você é o primeiro... — Ela interrompeu, sem palavras.

— Imortali para manter uma conversa coerente? — Seus lábios se curvaram em um meio sorriso irônico.

— Ou qualquer conversa. Você é a única pessoa que pode se comunicar com os Daevas, o povo de Haven e conosco.

A tensão apertou em torno de seu coração. Seu tom conciso e defensivo lançou um ataque preventivo. — O que você quer de mim?

— Eu quero que você veja as cidades. — Tera bateu em um console brilhante e os painéis do piso se abriram.

Erich foi até a borda e olhou para baixo. Era noite, mas a escuridão brilhava com a luz ambiente. Ele lançou-lhe um olhar estreito antes de saltar de Aeternae Noctis.

Ele mal estava na metade do caminho quando o braço esguio de Tera envolveu sua cintura. Suas asas poderosas levaram o vento pelo rosto dele e ela parou sua queda no ar. — O que... — Ele começou a dizer, mas as palavras foram cortadas.

Seu ponto de vista ofereceu uma vista aérea deslumbrante da bacia do Vale do Colorado. As luzes dentro das quatro cidades brilhavam e cintilavam, atravessando seus domos como faróis de esperança em meio às ruínas da Terra. Aeternae Noctis, não maior do que as quatro cidades com cúpulas, e mal iluminada em comparação, pairava sobre eles como um anjo escuro.

— Aquela é Ganimedes, mais distante no leste, então Calisto, Io e, finalmente, Europa —, disse Tera baixinho, a voz contra seu ouvido. Sua bochecha estava incrivelmente perto da dele, mas eles não se tocaram. — O povo de Haven mudou-se para Callisto. — Ela o carregou pelo ar e circulou a cúpula.

Torres reluzentes agrupadas em torno do centro da cúpula. Prédios atarracados espalhados ao longo de redes de estradas ocupadas por veículos de metal em movimento rápido. Manchas verdes de grama, salpicadas de flores coloridas, proporcionavam um contraste relaxante com a cidade que brilhava com luz prateada.

Erich piscou. — O que... eu nunca... é assim que a Terra era antes da guerra?

Tera concordou. — Uma aproximação das megacidades da Terra. Cada uma das cidades com cúpulas é um pouco diferente; foram desenhados pelos cidadãos, com a orientação de Siri. As cidades já assumiram características únicas. Calisto é mais uma selva urbana do que as outras, uma maravilha de fibra de vidro e aço. Aachamos que poderia fornecer uma transição mais suave de Haven. Claro, uma vez que as pessoas se orientem, elas podem escolher se mudar para outra cidade.

O olhar de Erich percorreu os quilômetros de terra árida entre

os quatro domos. — Como as pessoas se movem entre as cidades?

— Escoltado por vampiros durante a noite de lua cheia, com Aeternae Noctis acima. Não dedicamos mil anos à proteção dos humanos, apenas para expô-los a ataques Daeva. — Sua voz ficou mais aguda. — Os humanos são nossa responsabilidade, o dever confiado a Ashra, Siri e a mim. Eu farei o que for preciso para protegê-los.

Ela desceu em espiral até as portas duplas de aço na base da cúpula. Vários guardas vampiros estavam dentro da cúpula; eles se endireitaram quando Tera aproximou-se. Tera pressionou a palma da mão no console reluzente do lado de fora da porta. O vampiro dentro da mesma forma tocou seu console correspondente.

A porta abriu-se. Tera entrou na cúpula antes de se virar para encarar Erich. — Bem-vindo a Callisto.

Seus olhos estreitaram-se, passando rapidamente sobre cada um dos vampiros. Seus ombros eram tensos e rígidos, suas unhas alongadas em pontas afiadas. Um vampiro de estrutura rígida perguntou. — Quem é ele?

— O nome dele é Erich —, respondeu Tera.

— Mas... ele é um vampiro mais velho.

Naturalmente, um vampiro sentiria a diferença. Seus instintos de predador reconheciam predadores maiores, e os vampiros mais velhos - os primogênitos de sangue puro de um Icrathari - eram superiores aos vampiros e iguais aos Icrathari em tudo, exceto no vôo.

Os olhos do vampiro se estreitaram. — Mas de onde ele...? — Seu queixo caiu. — Imortali!

As asas de Tera se alargaram em seu comprimento total. A única e poderosa rajada de ar enquanto eles se desenrolavam fez os vampiros recuarem.

Os vampiros assustados olharam para Erich por cima da parede das asas de Tera. — Mas todos os imortais são insanos. Não podemos deixá-lo entrar em Callisto.

— Erich! — a voz de uma criança gritou de alegria.

Um garotinho se abaixou sob as asas de Tera e se jogou nos braços de Erich.

— Olá, Anders —, Erich falou na língua de Haven. — Você parece bem. — Ele olhou para além do grupo de vampiros e inclinou a cabeça para Jorgen e sua esposa, Marta, que estava de pé, de braços dados, sorrindo fracamente. Sulcos de preocupação, no entanto, alinhavam suas sobrancelhas.

— Eu não vi você por muito tempo —, a criança tagarelou em tons cadenciados. Ele olhou para Tera. — O anjo disse que você viria, e aqui está você. Você veio ver minha nova casa? É lindo. Eu tenho meu próprio quarto e minha própria cama, e está cheia de brinquedos.

E você pode caminhar ao sol. Não queima mais. Não aqui.

Os vampiros olharam boquiabertos para Erich. O tom e as ações da criança não precisavam de interpretação.

Erich olhou para Tera. — Ele quer que eu veja sua casa.

Os vampiros deram um passo para o lado com o aceno fracionário de Tera. Seus olhares silenciosos o seguiram enquanto ele se afastava, acompanhado por Jorgen, Marta e Anders. Para sua surpresa, Tera ficou para trás.

Ela confiava nele ou era apenas indiferente?

Anders conduziu Erich por um grande parque que parecia como uma via pública e um lugar para se reunir. Os antigos ocupantes de Aeternae Noctis superavam o povo de Haven em pelo menos dez para um, mas a conversa entre os dois grupos progrediu apesar da pronúncia pobre e da gramática igualmente terrível.

Erich captou trechos de conversa ao passar.

— É incrível como você sobreviveu por tanto tempo com tão pouco —, disse uma mulher. — Claro, vivíamos com medo dos Icrathari e dos vampiros, mas nunca nos preocupamos com comida ou nossas casas caindo sobre nossas cabeças.

Outro homem grunhiu. — Você está encobrindo o pior da regra do Terror Noturno. Nós os chamávamos de Terrores da Noite porque eles nos aterrorizavam. Suas razões não são importantes. O fato é que ainda estamos em sua prisão, e os vampiros estão guardando a entrada. Eles ainda nos controlam. — Seus lábios se ergueram em um sorriso de escárnio. — Como sabemos que o mundo lá fora é inóspito? Só porque *eles* dizem isso?

Um homem idoso de Haven acenou para Erich. — Ele fala muito rápido —, disse ele na língua de Haven. — O que ele está dizendo? Você entendeu?

— Ei! — O antagonista de Aeternae Noctis sacudiu o punho na cara de Erich. — Esta é uma conversa para *pessoas*. Não há lugar para vampiros aqui.

Erich encolheu os ombros. — Eu não sou um vampiro. Eu nem sou um vampiro mais velho. Eu sou um imortal.

Eles empalideceram. Soluçando de terror, ele fugiu em direção aos vampiros que estavam na entrada. O povo de Aeternae Noctis olhou boquiaberto para Erich, como se esperasse ser atacado e massacrado. O povo de Haven parecia confuso, mas sem medo.

O que eu sou? Inimigo ou amigo?

Erich olhou por cima do ombro e viu Tera rir. Seus olhos cinza brilharam, um fenômeno que acontecia muito raramente. Seu sorriso sacudiu a memória de um momento privado compartilhado em uma noite de luar. Ela folheou preguiçosamente seu portfólio de arte e, por um instante, aquele sorriso tocou seus lábios.

Depois que ela saiu, ele procurou em seu portfólio o desenho que inspirou seu sorriso. Um parecia provável, um desenho a carvão de duas crianças, um menino e uma menina, de mãos dadas, olhando para um rio, mas por que algo tão simples moveria a senhora da guerra Icrathari?

Porque não é tudo que ela é.

Erich fez uma careta. Com esforço, ele voltou a concentrar sua atenção no menino animado ao lado dele. A nova casa de Anders ficava em um prédio alto. A engenhoca maravilhosa, o elevador, os levou até um dos andares mais altos e abriu em um corredor de portas fechadas. Uma dessas portas levava a um apartamento com uma grande sala de estar com vista para o parque. Durante o dia, a luz do sol entrava na cúpula e inundava o apartamento com luz.

— É um espaço maravilhoso —, disse Erich.

— Isto é. — Jorgen lançou um olhar rápido para Marta. — Quanto custou?

Erich ficou tenso com a ansiedade repentina na voz de Jorgen. — Eu não entendo.

— Depois que saímos de Haven, os Daevas atacaram a cidade com cúpula - aquela que se move.

— Aeternae Noctis?

Jorgen acenou com a cabeça. — Eles vieram, de novo e de novo, mas o Icrathari e os vampiros os expulsaram. Os Daevas estavam procurando por nós? Eles estavam tentando nos salvar do Icrathari?

Erich hesitou. — Eu não sei.

Marta apertou suas mãos. — Os Icrathari foram gentis conosco, mas os Daevas nos protegeram por gerações, desde a última guerra. A vida não era fácil em Haven, mas pelo menos entendíamos que nosso inimigo era o calor do sol. Aqui, estamos no meio de uma guerra; somos peões em um conflito que não entendemos. O que está acontecendo, Erich? Nos digam.

Ele se virou para andar pela sala de estar, cheio de confortos que não vira em Aeternae Noctis nem em Haven. Erich lutou para encontrar as palavras certas. — Os Icrathari e os Daevas acreditam que seu chamado era salvar a humanidade.

Jorgen franziu a testa. — Se eles compartilham um chamado, por que estão em desacordo?

— Provavelmente porque eles não concordam sobre como alcançá-lo.

Anders puxou a camisa de Erich. — Canya vai morrer?

A pergunta inocente da criança cravou as garras na espinha de Erich. — O que você quer dizer?

— Ouvimos o anjo com a longa trança dizer que agora que

todas as pessoas estavam aqui em Callisto e que você também estava, Canya viria nos buscar.

O queixo de Erich caiu. — O que?

Jorgen acenou com a cabeça. — Eu ouvi Tera dizer isso também. Algo sobre prender Canya entre a terra e o céu.

— Mas... A testa de Erich franziu. — Entre a terra e o céu... entre as duas cúpulas, Callisto no solo e Aeternae Noctis no ar. Eles vão queimá-la viva no ar superaquecido que impulsiona Aeternae Noctis.

— Mas por que? — Marta exigiu. — Canya é nossa protetora.

— Canya é o inimigo de Tera e a última dos líderes Daeva. Se ela morrer, a sociedade Daeva desmoronará.

— O que isso significa? — Perguntou Jorgen.

— Que o Icrathari governará, absoluta.

— Mas o que isso significa para nós?

— Não sei, mas a armadilha... Tera... — *A armadilha não funcionará. Tera não tem ideia de quantos Daevas Canya pode desencadear.* — Devo avisar Canya. Eu não posso deixá-la desencadear a armadilha.

Jorgen agarrou o braço de Erich. — Mas você vai trair a Icrathari, Tera. Você... — ele vacilou de repente, seu rosto empalidecendo enquanto olhava para as presas alongadas de Erich.

— Eu... o quê?

Jorgen desviou o rosto. — Eu sinto muito. Não é meu lugar, mas a maneira como você olhou para ela, pensei...

Erich engoliu dolorosamente com o aperto na garganta. Será que seus instintos de luta se inflamaram ao pensar em seus amigos Daeva perdendo a vida ou em Tera perdendo a dela? Os pensamentos se chocaram uns com os outros como pássaros aterrorizados para o voo. *Não sei o que estou fazendo, nem por quê. Não sei quem estou tentando salvar. Nada na minha cabeça ou coração faz sentido...*

Mas tenho que fazer algo. — Você conhece alguma saída de Callisto, além da entrada principal?

Jorgen balançou a cabeça. — Não. Como você vai passar pelos vampiros?

Erich olhou para baixo, para a cidade banhada pelo luar, e depois para o céu. — Tera disse que na noite de lua cheia, os cidadãos estão autorizados a viajar para outras cidades, escoltados por vampiros. Você tem uma capa com capuz?

Jorgen riu baixinho. — Eu tenho uma jaqueta com capuz.

Jaqueta? Erich ignorou a palavra desconhecida. — Vai esconder meu rosto?

Jorgen correu para o quarto e voltou com um casaco curto de estilo questionável, mas cabia em Erich, e ele puxou o capuz para

esconder a maior parte do rosto.

Ele estava prestes a sair pela porta quando Jorgen falou baixinho. — Você tem certeza do que está prestes a fazer? Você vai quebrar a confiança dela.

— Tera?

Jorgen acenou com a cabeça. — Quaisquer que sejam as razões dela para transformá-lo, ela está mostrando seu favor agora, convidando você para Callisto como um convidado de honra em vez de um prisioneiro. Se você a trair...

Erich lutou contra a memória do veneno e da fúria na voz de Tera enquanto ela protestava contra a traição de Elsker. Ela levou a traição para o lado pessoal. Ela não perdoou levemente. O pouco respeito que ela poderia ter conquistado por ele em seu resgate conjunto do povo de Haven, ele iria demolir com a escolha que estava prestes a fazer.

Ele falou devagar, baixinho. — Canya e os Daevas me salvaram quando Tera me abandonou para morrer. Eles me receberam bem e me deram um lar nas cavernas sem motivo ou demanda. Eles protegeram você sem escravizá-lo. A escolha é óbvia. — Ele respirou fundo através da dor aguda em seu peito. — Não devo nada a Tera. — *Mas eu tenho que salvá-la. Tenho que impedir Canya de atacar com seus exércitos Daeva.*

Jorgen acenou com a cabeça. — Devo ir?

— Não. Eu irei me mover mais rápido por conta própria. — Erich esboçou um sorriso fraco. — Esteja seguro e vigie o seu próprio.

— Você vai voltar? — Anders perguntou, sua voz pouco mais alta do que um sussurro.

Erich balançou a cabeça. — Eu não acho que posso.

Ele saiu do apartamento e se dirigiu ao portão de aço, onde uma longa fila de pessoas, vestidas com suas roupas mais quentes, esperou e resmungou baixinho. — O que está demorando tanto? — ele perguntou baixinho para a mulher na frente dele.

— Alguém provavelmente não tinha sua autorização em ordem.

— Autorização?

— Para sair da cidade. — A mulher bufou. — Você acha que o Siri algum dia permitiria uma migração desordenada? Claro que não. A documentação demorou uma eternidade para ser concluída, para onde estou indo, a estada é temporária ou permanente? — Seus olhos se estreitaram. — Você completou sua documentação e recebeu a aprovação, certo?

O olhar de Erich viajou ao longo da fila de pessoas. Um jovem na frente arregalou os olhos quando um vampiro se aproximou dele e segurou um pequeno dispositivo de metal perto dos olhos do homem.

Momentos depois, o vampiro assentiu. — Você está livre para sair. Próximo na fila.

Ele fez uma careta quando saiu da linha. Deixar Callisto não seria tão simples quanto ele esperava.



Menos de meia hora depois, Jorgen, Marta e Anders entraram na fila, esperando pacientemente até chegarem ao posto de controle. Sorrindo e usando uma mistura miserável de línguas que nenhum grupo conseguia compreender, a família de Jorgen gesticulou para fora.

— Não, não podemos deixar você sair. — Um vampiro fez uma careta para ele. — Você precisa de permissão para sair...

— Por favor —, disse Jorgen nas duas línguas. — Caminhar. — Ele enfatizou a palavra com gestos.

— Você é louco? — O vampiro revirou os olhos. — Absolutamente não. As colinas estão cheias de Daevas. Temos vampiros mais velhos no solo, três Icrathari no ar, mas isso não é nada comparado aos números que os Daevas podem organizar se atacarem em massa.

— Curta caminhada. — Jorgen sorriu, aparentemente não tendo entendido nada do que o vampiro falou. — Linda noite.

— Dê um passeio no parque. — O vampiro apontou para a cabeça de Jorden. — Droga, há alguém aqui que fala a língua desse homem?

O homem parado atrás de Jorgen ficou carrancudo. — Tire-o do caminho. Estamos perdendo tempo e temos um longo caminho a percorrer.

— Tudo certo. Afaste-se. — O vampiro colocou a mão no ombro de Jorgen para conduzi-lo para longe, mas Jorgen sacudiu e tropeçou. Seus punhos bateram no homem atrás dele, empurrando o homem para uma jovem.

Ela gritou, e o homem corpulento que a acompanhava agarrou-a pela camisa. Pano rasgado em sua mão. — O que você pensa que está fazendo?

— Ei, ei, pare com isso! — O vampiro entrou na multidão brigando. Ele agarrou os humanos ofensores pela nuca e os jogou, não muito delicadamente, para fora da luta.

Das sombras de um prédio próximo, Erich saltou da saliência e saiu pela porta. Enquanto ele desaparecia na escuridão fora da cúpula, ele ouviu a voz irritada do vampiro. — O vampirismo deveria ser glamoroso, não seu negócio fútil de controle de multidão.

Um músculo se contraiu na bochecha de Erich. Ele esperava

que o vampiro soubesse que controlar a multidão fútil era melhor do que morrer brutalmente em uma luta violenta - uma que ele tinha que prevenir.

Talvez Tera aspirasse a prender Canya, mas Canya sacrificaria tudo e qualquer coisa para vencer, especialmente se ela pensasse que estava presa e não tinha escolha. Ela jogaria tudo o que tinha na batalha. Como poderiam três Icrathari, três vampiros mais velhos e seu exército de vampiros enfrentar as incontáveis hordas de Daevas?

Eles não poderiam.

Tera estava preparando uma armadilha para um inimigo que ela não poderia derrubar.



— E ele vai... — As palavras de Siri, ditas suavemente, foram como uma estaca no coração de Tera. As três Icrathari permaneceram na câmara em Malum Turris; Siri colocou o anel sobre seus monitores, Ashra andando pela sala e Tera, parada em silêncio em um canto.

Tera não precisou estudar as telas para saber que Erich estava indo direto para as montanhas. Ele estava voltando para os Daevas, voltando para Canya.

Suas ações não a surpreenderam. O fato ainda assim doeu.

Siri continuou. — Ele pensa rápido, mais uma prova de sua não loucura. Se você tiver sorte, nosso esquema funcionará como previsto. Ele vai correr direto para Canya para avisá-la da armadilha. Canya, fiel à forma, virá atacando para saltá-lo, jogando direto em nossas mãos. Seu plano é brilhante, Tera, e me dá a chance de testar o sistema de defesa a laser que instalei nas quatro cidades. Não há razão para que não funcione.

Por que isso deu a ela tão pouco conforto, então?

Porque o plano foi baseado em ele escolher Canya ao invés de mim. Traindo-me.

O que ele fez.

Tera cerrou os dentes, mas só conseguiu espalhar a tensão da mandíbula para os ombros.

O som percorreu a câmara; a pressão do ar se alterou sutilmente quando Ashra abriu suas asas. — Não precisávamos usar o plano de Tera. Poderíamos ter encontrado outra maneira.

Tera enrijeceu. — Você me encarregou de encontrar e trazer Canya. Siri disse que meu plano provavelmente funcionará. Qual é o problema?

— O custo —, disse Ashra. — Para você e para ele.

Para Erich? — Não há custo.

A rainha Icrathari balançou a cabeça. Seus longos cachos

prateados ondulavam por suas costas. — Você não acha que eu sei o que é estar dividida entre o dever e o amor?

Amor? Tera escolheu suas palavras com cuidado. — Não sinto nenhum conflito.

— Você não teve que fazer aquele sacrifício. Temos que encontrar Canya, mas não precisa ser agora ou em qualquer momento no futuro imediato. As cúpulas manterão o conteúdo da população humana por um tempo.

— Até que eles fiquem sem espaço. — Siri encolheu os ombros e acenou com o olhar de Ashra. — Mas isso não vai acontecer por algumas décadas, a menos que se reproduzam como coelhos.

Tera interrompeu. — Não há sacrifício. Além disso, os humanos, e aqueles anteriormente humanos, não entendem o tempo como nós. Eles sentem urgência. Eles pensam em minutos, horas e semanas, em vez de décadas, séculos e milênios.

— Uma falha séria, provavelmente é genética —, Ashra reconheceu. — Jaden também sente isso.

— E Rafael —, acrescentou Siri.

E Erich.

— Mas, na verdade, eles estão errados —, Siri continuou com outro movimento do pulso. — Esta desolação de mil anos é uma lasca da história natural da Terra. No grande esquema das coisas, é apenas um pontinho, nem mesmo uma lombada, como costumavam dizer no século XXI. O que falta a todos é perspectiva.

— Os humanos têm apenas oitenta anos, se tiverem sorte, para realizar algo com suas vidas. Cada segundo pesa sobre eles... — *Como pesa sobre Erich, cada segundo dos duzentos e cinquenta anos que passou me odiando. Como posso superar três vidas de ódio?*

Eu não posso. Eu nem sei como começar.

— Tera? — Siri chamou suavemente.

Só então Tera percebeu que sua voz se arrastou para o silêncio, seus pensamentos para a abstração. As outras duas Icratharis estavam olhando para ela com curiosidade. *É hora de partir.* — Tenho trabalho a fazer, com sua permissão.

Ashra inclinou a cabeça e estudou Tera com uma expressão fria. A amizade de vários milênios provavelmente merecia a cortesia de uma conversa franca, mas Tera não tinha tempo nem capacidade para isso.

Não quando seu plano brilhante tinha arrancado seu coração.

Erich me traiu por Canya. Sua escolha foi feita, assim como a minha.

O peito de Tera apertou-se contra uma dor inacreditável, uma dor que a fez querer se retirar para um lugar escuro e silencioso para esconder suas feridas daqueles que a conheciam melhor.

Mas ela também não tinha tempo para isso. Sua tarefa estava diante dela. Ela devia isso a todos os humanos, Siri, Ashra e, finalmente, à Grande Mãe.

— Muito bem. — As asas de Ashra ondularam antes de dobrar contra suas costas. A luz na sala a coroou, brilhando nas pontas das asas banhadas a ouro. — Prepare-se para a guerra.



CAPÍTULO 12

Erich saltou de rocha em rocha, facilmente escalando a montanha, como fizera tantas vezes no passado. Cada apoio para as mãos foi explorado conforme a força e a graça de seu corpo imortal o impulsionavam para cima e para frente.

Ele escalou uma saliência e virou-se. Bem abaixo, quatro cidades com cúpulas brilhavam à noite. Aeternae Noctis, como um anjo negro, pairava entre eles, o centro nervoso e o coração pulsante de toda a vida na Terra.

Ele tinha que proteger Aeternae Noctis pelo bem das pessoas que protegia. Um músculo se contraiu em sua bochecha. Suas mãos se fecharam em punhos, as unhas se cravando na palma da mão. Ele tinha que proteger Tera, mesmo que isso significasse que ele nunca poderia voltar.

As cavernas o receberam de volta. Erich deu um sorriso tenso. *Este*, aqui, era o seu lar. *Duzentos e cinquenta anos*. Parecia infinito para ele. *O que são outros duzentos e cinquenta anos? Outros quinhentos? Mais mil?*

Nada.

Eu vivi sem ela. Eu posso viver sem ela.

No entanto, até mesmo sua voz mental tremeu com a mentira.

Seus olhos se ajustaram rapidamente à luz fraca e seu corpo às temperaturas frias enquanto ele corria pelas cavernas, escolhendo caminhos que o levariam através das principais colônias Daeva.

O primeiro que encontrou estava vazio; fazia um bom tempo que não era ocupado. Franzindo a testa, ele seguiu o caminho sinuoso mais profundamente nas montanhas até que estava sob a terra. O som da água corrente o chamou através de túneis estreitos e vastas avenidas subterrâneas - às vezes amolecendo em um gotejamento constante, às vezes expandindo em um rugido ensurdecedor.

Ele fez uma pausa para tomar um gole da água limpa e fresca por prazer, e não por necessidade. Daevas e Immortali não precisavam de água, mas havia tanta água aqui que não servia para ninguém.

Aromas familiares flutuavam, quase imperceptíveis. A pressão do ar mudou sutilmente.

Asas.

Ele virou-se, instintivamente colocando um dos braços sobre a garganta e o outro sobre o estômago.

As garras de Canya rasgaram seus antebraços.

O cheiro de sangue fresco expeliu odores mais sutis. Mais potente do que a adrenalina, foi direto para seu cérebro e inundou seu sistema nervoso. Ele rosnou, seus incisivos se alongando em presas enquanto ele investia.

O peso superior de Erich jogou Canya no chão, mas ela era mais velha e mais forte. Ela se contorceu debaixo dele. — Você os vendeu. Você assassinou todos eles!

Ele agarrou seus pulsos para impedi-la de arrancar seus olhos. — Não! Eles estão vivos. Eles estão em Callisto. Haven desabou, você sabe que estava à beira do colapso há anos. Eles teriam morrido, todos eles, se não fosse por Aeternae Noctis.

— Os humanos? — Canya ficou tensa de repente. Algo passou por seus olhos, a mudança de expressão muito rápida e sutil para decifrar. — E quanto aos meus Daevas? Eles estão mortos.

O coração de Erich apertou. — Eu sei. Passei por colônias abandonadas.

— Perdemos centenas, especialmente os jovens e os velhos que não conseguiram voar rápido o suficiente para escapar da luz do sol. Tera matou mais com um único grito do que jamais poderia com suas garras e asas. — A voz de Canya vibrou com fúria.

— Onde estão os sobreviventes?

— Nas profundezas do subsolo, onde a assassina Icrathari nunca os encontrará, mas meus guerreiros e eu derrubaremos Aeternae Noctis. Vamos destruir todas as cidades com cúpulas. Deixar a luz do sol consumir seu povo da mesma forma que a luz do sol consumiu o meu.

Erich balançou a cabeça. — É uma armadilha. Eles sabem que você está vindo.

— O que me importa? — Ela zombou, mas sua voz falhou. — Tera assassinou Daryun. Ela irritou todos os Daevas. Ela tirou de todos nós. Estamos prontos para fazê-la sentir nossa angústia. A morte seria uma fuga muito rápida e fácil para ela. Não... ela vai viver, e com cada respiração, ela vai gritar pela misericórdia da morte.

— Deixe estar —, implorou Erich. — Não há nada a ganhar com mais combates. O povo de Haven está seguro. A Icrathari os protegerá como protegeram os outros humanos por mil anos. Deixe a superfície para eles. — Ele encontrou os olhos amarelos brilhantes de Canya. — Não há nada lá fora para nós. A vida só existe com suas cidades abobadadas, para sempre contidas, para sempre limitadas. Aqui, podemos viver em paz, prosperando como temos feito por séculos, expandindo nossa civilização através dessas cavernas.

— Civilização? — Um jato da saliva de Canya pousou na bochecha de Erich. — É isso que você chama de vida patética no subsolo? Eu já fui tão perfeita quanto Tera. Uma vez, eu era tão bonita. Eu não era essa criatura sem pelos. Minha pele não estava queimada, rachada e endurecida pelo sol. No passado, Tera e eu fomos irmãs de armas, e quando a guerra consumiu a Terra, juramos que ficaríamos juntas para salvar os humanos de sua loucura. A Grande Mãe precisava de nós. A Terra precisava de nós.

— Mas na hora de escolher, quando o sol estava nascendo no último dia da civilização humana, Tera fugiu. Ela ultrapassou o sol e escapou para a Aeternae Noctis, momentos antes de suas portas se fecharem. Ela quebrou seus votos de dever, seus laços de irmandade. — As garras de Canya se contraíram em garras. — Ela me deixou para queimar!

— Tera? — Não Tera, com sua devoção fiel ao dever, quase à exclusão de tudo o mais. Não Tera, que lutou para salvar Talon e Yuri nas cavernas, que tremeu de raiva com a matança de humanos e vampiros sob sua proteção.

Tera nunca teria abandonado seu dever ou um amigo.

Mas ela me abandonou. Sua garganta fechou em torno das palavras. Com os dentes cerrados, ele os forçou a sair. — Ela deixou você para queimar, assim como ela me deixou para morrer.

A raiva estúpida derreteu dos olhos de Canya. — Nós somos iguais um ao outro. Tera traiu nós dois. Quem é o próximo? Os humanos? Siri? Ashra?

— Não podemos atacar Aeternae Noctis. Eu te disse; eles estão esperando por você. É uma armadilha.

— Treinei com Tera. Eu sei o que ela vai fazer. Ela não pode me superar, e ela não pode igualar os números que eu posso trazer para a batalha.

— Isso é loucura. Você vai arriscar a vida de seus guerreiros para se vingar de Tera? Eles têm famílias...

— Famílias que ela destruiu quando derrubou o telhado da caverna e deixou entrar o sol, — Canya rosou. — Esta vingança não é para mim. É para toda a raça Daeva. Ela sozinha tirou mais vidas do que todos os outros Icrathari, vampiros mais velhos e vampiros combinados desde a queda da civilização humana. Ela é a praga em todas as nossas raças, a personificação da guerra. Você não vê? Ashra governa a cidade, mas Tera é a espinha dorsal que mantém os Aeternae Noctis unidas. Sem Tera, Ashra vai capitular. Ela não é nada sem sua senhora da guerra. Se matarmos Tera, podemos tomar a cidade sem contestação.

Os pensamentos de Erich foram para Talon, Rafael e Jaden. Mesmo sem Tera, Aeternae Noctis não cairia facilmente, mas Canya

estava certa. Tera apenas teve que voar sobre uma cidade rebelde para quebrar seu espírito. A sombra de suas asas era uma bandeira de guerra; envolvia os lutadores mais bravos com medo. — Não há nada em Aeternae Noctis. Essa... tecnologia que você busca? Não está aqui.

— Não importa. Aeternae Noctis é a casa de Tera, seu refúgio, e vou arrancá-la dela. Vou destruir tudo que ela escolheu em vez de *mim*. — Canya sorriu. — Venha comigo, Erich.

— É uma armadilha. Você vai ser morta, e o que acontecerá com os Daevas? Você é a última dos quatro. Sem sua liderança, a sociedade entrará em colapso. Levará décadas... séculos antes que os Daevas se recuperem. Você não pode fazer isso com seu povo.

— Estou fazendo isso pelo meu povo.

— Canya, não. Por favor, eu te imploro. Você tem tudo a perder e pouco, *nada*, a ganhar.

— Por que você está...? — Os olhos de Canya se arregalaram, depois se estreitaram. Seus lábios se curvaram em um sorriso de escárnio. — Claro... Você ainda é a criatura dela.

Ela se lançou. Erich se desvencilhou, mas não rápido o suficiente. A dor percorreu seu corpo, suas mãos abrindo quatro cortes verticais de sua testa ao peito.

Ele tropeçou para trás, seu olho esquerdo rasgado. Uma névoa vermelha flutuou sobre sua visão. Ela murmurou uma ordem, e três de seus guerreiros Daeva mais hábeis entraram atrás dela. — Erich definiu seu curso e escolheu seus amigos, e não somos nós. — Sua voz endureceu. — Mate-o.

≈

≈

Tera empoleirou-se no topo da montanha, onde o ar era mais fresco. Acima dela, estrelas se espalharam pelo céu como glitter prateado contra o veludo escuro. Ela sentia falta das estrelas. Nos anos que antecederam a última guerra, as estrelas eram quase inexistentes, obscurecidas pela névoa cinza quase perpétua que pairava sobre as maiores cidades da Terra e diminuída pela poluição luminosa.

Mas elas sempre estiveram lá, mesmo quando ela não podia vê-las, tão constantes quanto a própria Terra.

Elas esperaram, como ela, que a Terra se curasse.

Tera passou a mão no solo ressecado. Ele retinha o calor do dia, como se o sol tivesse cozido sua essência na própria terra. Fazia mil anos ou mais desde a última chuva, desde que houvesse água na face da Terra.

É hora de trazê-lo de volta.

O movimento cintilou na escuridão. De seu ponto de vista, Tera observou um batedor Daeva emergir da montanha. Ela olhou

para Aeternae Noctis, pairando sobre o vale, e esperou que Siri estivesse captando o movimento em seus monitores também.

A estreita faixa de luz em torno de Malum Turris tremeluziu. Para um olho não treinado, poderia ter sido uma oscilação de energia. Para Tera, foi uma confirmação de Siri.

O batedor Daeva voou alto sobre o vale, sem pensar em olhar para cima ou ao redor. Em vez disso, sua atenção estava voltada para o movimento das pessoas na paisagem árida. Depois de duas voltas, o batedor voou de volta para as montanhas.

Tera prendeu a respiração. *Vamos... morda a isca.*

Momentos depois, a terra parecia tremer quando centenas, possivelmente milhares, de Daevas levantaram vôo, voando das cavernas para circundar o vale. Suas asas bateram, vibrando no ar, até que o chão tremeu.

De seu esconderijo, Tera ergueu os olhos para o céu. O amanhecer estava a uma hora de distância. Ela cerrou os dentes. Canya havia chegado mais cedo do que ela esperava. Uma hora era muito tempo. Batalhas poderiam ser vencidas e perdidas em muito menos tempo.

Ela precisava do sol para vencer a luta por ela.

Tera endireitou-se ao observar o vôo de um grande Daeva. Canya havia chegado para comandar suas tropas.

Mas onde estava Erich?

Os olhos de Tera se estreitaram. Ela não podia se dar ao luxo de se distrair. Erich havia servido ao seu propósito. Tudo o que importava agora era colocar Canya de joelhos.

Canya pairou alto acima do vale. Como nuvens escuras, seus Daevas aproximaram-se das quatro cidades.

Tera prendeu a respiração. *Vamos, Siri. A qualquer momento agora...*

Quatro raios laser, feixes brilhantes de luz azul, dispararam da base da Aeternae Noctis e atingiram os grandes espelhos instalados no topo de cada uma das quatro cidades. Os espelhos angulados, refletiram os feixes para criar uma forma piramidal perfeita. A luz infundiu os planos da forma, prendendo a maioria dos Daevas dentro da rede de laser.

A confusão dos Daevas transformou-se em indignação. Gritando, eles voaram em direção às paredes translúcidas. Os primeiros colidiram com uma parede de pura energia laser e morreram instantaneamente, suas asas queimando enquanto caíam. A próxima onda de Daevas gritou de terror quando o ímpeto enfurecido de outros atrás dele os empurrou para frente. Eles chiaram contra a parede azul e mergulharam, mortos muito antes de atingirem o solo.

Fora da armadilha, Canya gritou com seus Daevas. —

Rompam! Rompam!

Tera saltou do topo da montanha. — Diga a eles para pararem. Não envie eles para a morte.

— Traidora! Assassina! — Com as presas e as garras estendidas, Canya se lançou contra Tera. A Icrathari e a Daeva circulavam em combate aéreo, subindo e mergulhando como falcões. Seus corpos arqueados, asas enormes mergulhando e chamejando. As garras de Tera cortaram o abdômen de Canya. Canya gritou e interrompeu o ataque, apenas o tempo suficiente para Tera notar a dor lancinante em suas costas. Fazendo uma careta, ela olhou por cima do ombro, mas a ferida que Canya havia rasgado em sua armadura já estava fechando.

Dois antigos fae iguais - isso poderia durar para sempre.

Seu olhar desviou para o brilho laranja no horizonte. *Ou até o sol nascer.*

Canya, suas feridas igualmente curadas, mostrou suas presas. — Você se voltou contra sua própria espécie! — Ela avançou, mas em vez de escapar de seu ataque, Tera agarrou os pulsos de Canya. A garra de Canya agarrou as frações de ar de uma polegada dos olhos de Tera. — Apóstata!

— Você desafiou a ordem de Rohkeus de entrar em Aeternae Noctis.

— E você sabe por que nós fizemos! Nossa tarefa era proteger os filhos da Grande Mãe, todos eles, não apenas os sortudos o suficiente para entrar em Aeternae Noctis. Você deixou bilhões de humanos para morrer.

— Então você ficou, e todos aqueles humanos morreram de qualquer maneira.

— De jeito nenhum! — Canya gritou. — Nós os salvamos.

— As duzentas pessoas em Haven? Sim, você fez. Você os manteve vivos por mil anos, e todos eles teriam morrido no mês passado se não fosse por Aeternae Noctis.

— Como você ousa ostentar seus triunfos na minha cara?

— Não triunfo. Fatos. Trabalhando separadamente, ambos realizamos pouco, mas juntas.

As gargalhadas de Canya refletiram o ar da noite. — É isso que é, Tera? Uma tentativa de falar, de negociar? — Seu sorriso zombeteiro se transformou em um rosnado cruel. — É assim que você começa? Com uma armadilha? Com o massacre?

— Você teria ouvido de outra maneira? Temos um plano, Canya, mas não podemos fazer isso sem os Daevas.

A luz azul piscou em sua visão periférica.

A respiração de Tera ficou presa.

Os Daevas estavam atacando os espelhos. Se apenas um

falhasse, Siri teria que desligar todo o sistema para evitar que os feixes de laser cortassem a cidade abaixo.

Um sorriso lento se espalhou pelo rosto de Canya. — Siri não é tão infalível como costumava ser. — Ela gritou uma ordem. — Ataque os dispositivos reflexivos. Destrua-os e vocês poderão entrar nas cidades.

Os Daevas intensificaram seus ataques às cúpulas. A luz azul aumentou e desbotou erraticamente enquanto os espelhos balançavam. Canya riu. — Que escolha Ashra fará quando as cidades forem invadidas? Ela entregará Aeternae Noctis, seu refúgio, para salvar os humanos ou os deixará morrer?



CAPÍTULO 13

Erich virou-se para o lado e caiu de joelhos. As garras do Daeva varreram o ar a menos de um centímetro de sua cabeça. Mesmo meio cego pelo sangue escorrendo dos cortes em seu couro cabeludo, Erich agarrou o braço do Daeva e puxou a criatura para frente.

Ele bateu com a outra mão; suas garras cortaram a pele enrugada do Daeva para afundar em seu estômago. O Daeva enrijeceu de choque. Gorgolejando de dor, ele caiu de joelhos, a cabeça pendendo.

A respiração de Erich ofegou em seus pulmões perfurados enquanto ele passava as garras pela garganta do Daeva, derramando sua vida. O Daeva entrou em colapso, juntando-se a seus dois companheiros na morte.

Erich pressionou a mão contra o lado do corpo, mas não conseguiu impedir o sangue escorrendo entre os dedos. *Somente três.*

Demasiado difícil. Demasiado longo.

A ferida em seu lado estava perigosamente perto de seu estômago.

Sua perda de sangue o deixou tonto e seus pensamentos voaram enquanto ele tropeçava pelas cavernas. Por que o estômago era a chave para matar o fae? Alguns textos antigos afirmavam que era onde a alma residia, mas os vampiros não tinham alma, então o que isso importava?

Mas a Icrathari... certamente ela tinha alma. Uma criatura tão linda, tão perfeita...

Tão impiedosa, tão cruel, a testa de Erich franziu-se. Talvez a Icrathari tivesse alma, mas Tera certamente não.

Pare com isso. Ele prendeu sua mente errante. *Foco.* A insanidade não era desculpa para perder uma batalha, ou pior, sua vida, só porque ele não conseguia manter sua mente longe dela.

O ar viciado das cavernas clareou quando se aproximou da entrada da caverna. Respirando com dificuldade, ele emergiu ao ar livre. O brilho da madrugada iluminou o negro da noite, mas até o céu parecia escuro em contraste com a pirâmide brilhante suspensa entre as quatro cidades e Aeternae Noctis. Daevas esvoaçava dentro da pirâmide como pombos em uma gaiola, enquanto Tera e Canya

lutavam no ar, muito próximas para ganhar uma vantagem.

As linhas azuis tremeluzentes da pirâmide chamaram a atenção de Erich para a base da pirâmide. Os Daevas estavam atacando a engenhoca reflexiva no topo de cada cúpula, e cada vez que ela empurrava, a luz também.

Erich praguejou e meio escorregou, meio caiu montanha abaixo. Ele correu em direção a Callisto, mas o espelho cedeu com um estalo alto e caiu do topo da cúpula. O feixe de luz foi cortado abruptamente e toda a pirâmide desbotada.

Gritando, os Daevas mergulharam pela abertura na cúpula de Callisto e invadiram a cidade. As pessoas correram para se proteger, mas os vampiros correram para defender a cúpula. Eles lutaram em pares contra as táticas aéreas dos Daevas, mas estavam em grande desvantagem numérica.

Onde estavam os vampiros mais velhos, Erich se perguntou, mas então percebeu que a luta nas outras três cúpulas era muito mais contida. Os exércitos de vampiros eram liderados por Jaden, Rafael e Talon, mas nenhum vampiro ancião defendeu Callisto. Dentro daquela cúpula, humanos gritaram, fugindo de demônios de asas negras. Dentro de Callisto, eles estavam morrendo.

Rosnando, Erich saltou, o impulso e a velocidade impulsionando-o pela curva da cúpula. Seus pés deslizaram sob ele; seus dedos procuraram por algo. *Não é rápido o suficiente.* Ele praguejou enquanto escorregava. *Nem alto o suficiente.*

Erich recuou vários metros, mediu a distância e disparou em direção à cúpula. Ele saltou, mais alto desta vez, subiu mais longe, mas não o suficiente para superar a curva lisa. Ele amaldiçoou quando começou a deslizar para baixo, mas asas voaram em sua direção. O vento que o acompanhou varreu poeira em seus olhos, e ele os fechou instintivamente.

Alguém o agarrou. Ele forçou seus olhos a se abrirem e se viu encarando os olhos dourados de Ashra.

— Salve-os, — ela ordenou e o deixou cair no topo da cúpula. Ele pousou agachado na batalha. Daevas giraram em torno dele, sem atacar, em dúvida e confusos com seu status quanto os vampiros abaixo.

Mas sua escolha tornou-se evidente quando ele montou na fenda para defendê-la. Uivando de fúria, os Daevas intensificaram seus ataques, atacando-o de todos os lados. Ele atacou a rajada de asas negras. Sangue dourado salpicou a cúpula de vidro.

O céu clareou. O tom de laranja era agora uma lavagem de amarelo, espalhando-se pelo azul. O dia aproximou-se como uma morte iminente.

Um som desconhecido gritou pelo ar. O metal deslizou contra o

metal, seguido pelo gemido baixo das engrenagens deslizantes. Presas de aço, largas na base, estreitas no topo, subiram lentamente ao redor dos quatro domos, curvando-se ao longo do vidro. Uma camada de proteção, sem dúvida projetada por Siri, que tinha planos alternativos no caso de necessidade. O metal envolveria a cúpula, junto com quaisquer Daevas dentro.

Erich lançou um rápido olhar para a cúpula. A batalha se desenrolou dentro de Callisto tanto quanto se desenrolou sobre ela. Muitos vampiros já foram mortos. Os poucos que sobreviveram nunca seriam capazes de manter a cidade depois de fechada.

Uma lufada de ar chamou sua atenção de volta para a batalha. Evitando o ataque de um Daeva, ele alcançou sua asa e quebrou seu raio. Ele gritou quando ele o jogou nos braços de outro Daeva. Juntos, os dois recuaram em direção às cavernas.

O metal continuou gritando e esperando; a cúpula seria totalmente fechada em segundos. A batalha por Callisto, no entanto, estava a horas de ser vencida, se é que poderia ser vencida.

Sem boas escolhas. Erich olhou para o horizonte. Ondas de luz rolaram pela superfície da Terra como uma maré de morte chegando. Cerrando os dentes, ele saltou pela fenda e deu uma cambalhota no ar para aterrissar agachado na batalha.

O parque da cidade pelo qual ele havia caminhado mais cedo naquele dia era um campo de batalha em ruínas, repleto de corpos, humanos, vampiros e Daevas. As pessoas correram gritando, protegendo-se, apenas para se espalharem novamente quando os vampiros e Daevas em batalha colidiram com as vitrines das lojas e tombaram sobre os veículos estacionados.

Dois Daevas ergueram um vampiro lutando pelos braços no ar. Um terceiro passou voando e cortou a garganta e o estômago do vampiro. O vampiro debateu-se quando os Daevas o soltaram. Erich saltou para amortecer sua queda, mas o vampiro estava morto antes de atingir o chão.

Momentos antes que a parede de metal que se erguia selasse a cidade, duas figuras aladas se chocaram contra o vidro rachado. Tera e Canya interromperam a batalha quando os raios do sol desapareceram.

Os Daevas se reuniram em torno de Canya. Ela riu, o som ecoando nos prédios altos e ecoando em ecos. — Você está ferida e seu exército de vampiros destruído. Somos muitos. Você é uma. Como você vai nos derrotar?

A expressão calma de Tera não mudou. — Um por vez.

Erich só teve tempo de se abaixar e tapar os ouvidos antes que o grito de guerra de Tera quebrasse os vidros de todos os prédios, espalhando estilhaços em todas as direções. Até a cúpula de vidro de

paládio estremeceu. Os Daevas gritaram e se espalharam, girando como corvos em vôo. O vidro atingiu o pavimento, quebrando-se em cacos minúsculos que brilhavam como prata sob as lâmpadas brilhantes da rua. Erich praguejou baixinho e ergueu os olhos.

Os Daevas ainda estavam circulando, mas Tera havia desaparecido.

Um assobio perto de seus pés chamou sua atenção. Ele se agachou e espiou para dentro do forro. — Jorgen?

— Isso era parte do plano?

Erich fungou. — Estamos improvisando. Onde estão Marta e Anders?

— Aqui embaixo. — Jorgen recuou para a escuridão. Vários humanos se amontoaram - alguns de Aeternae Noctis, outros de Haven. — Os Daevas sabem quem nós somos. Eles nos protegeram por tanto tempo. Por que eles estão nos atacando? — Jorgen perguntou, sua voz dolorida.

Um músculo se contraiu na bochecha de Erich. — Eu não sei.

— Os vampiros estão todos mortos? — outro homem perguntou.

— Acho que sim.

O homem respirou fundo. O som irregular beirou o pânico. — Estamos todos mortos agora. Sem eles, os Daevas vão nos massacrar.

Sua voz soou tão familiar que Erich deu uma olhada mais de perto; era o mesmo homem que ousadamente insultou os Terrors da Noite mais cedo naquele dia. Aparentemente, ele estava tendo dúvidas sobre sua presença e sua utilidade.

Erich olhou ao redor. — Alguém viu aonde Tera foi?

As pessoas balançaram a cabeça.

— A cúpula não vai reabrir enquanto houver luz do sol, o que significa que teremos que aguentar por pelo menos doze horas.

— Contra os Daevas? — o homem perguntou. — Nós nunca vamos conseguir.

Erich olhou para ele. — Qual é o seu nome?

— Ivan.

— Ivan, vivi entre os Daevas durante duzentos e cinquenta anos. Eu sei como lutar contra eles. Humanos, lutando juntos, podem derrotá-los. Suas escolhas são lutar e talvez morrer, ou não lutar e quase certamente morrer. Você escolhe.

O lábio superior de Ivan se curvou em um sorriso de escárnio. — Você é um deles. Jorgen disse que você foi avisar aos Daevas que era uma armadilha.

— Para impedi-los de atacar.

— Não funcionou, não é?

— Não. Eu não tinha percebido o quanto Canya odiava Tera.

— Esta é uma luta entre imortais —, disse Ivan. — Deixe-as matar uma à outra. Se ficarmos fora do caminho...

— Você não pode ficar fora do caminho. Esta é uma batalha por Aeternae Noctis. O futuro da Terra está vinculado aos Icrathari que controlam a cidade. — *Eles se preocupam com os humanos. Não tenho mais certeza de que Canya...*

— Mas o que podemos fazer aqui? Estamos em Callisto.

— E Canya e Tera também. Tera é a defesa da Aeternae Noctis. Se Canya matar Tera, ela controlará Aeternae Noctis. É apenas uma questão de tempo.

— Então o que você está dizendo?

— Encontre Tera. Proteja-a, custe o que custar.



CAPÍTULO 14

Tera caiu contra a parede de concreto em um dos arranha-céus da cidade. Suas asas, enroladas em torno de seus ombros, emolduraram sua postura defensiva. Maldições se enredaram em sua mente. Ela havia subestimado a raiva de Canya e o desespero dos Daevas. Ela havia colocado todas as quatro cidades em risco. Quantos humanos e vampiros morreriam por causa de sua decisão, sua decisão errada, de hoje?

Eu nunca quis esse papel. Canya era a líder, aquela que queria liderar exércitos. Eu estava contente em bancar a tenente dela.

Até o sol nascer na última noite da civilização humana.

Tera nunca teve a intenção de entrar em Aeternae Noctis. Megun, Canya e Tera traçaram um plano para guiar o maior número possível de humanos para esconderijos subterrâneos, incluindo abrigos anti-destruição, estações de metrô, porões e até catacumbas.

Ela havia trabalhado freneticamente durante a noite, empurrando pessoas e suprimentos de comida para lugares protegidos do sol, mas a solução era, na melhor das hipóteses, uma solução de curto prazo. A menos que o Icrathari descobrisse uma maneira de cultivar alimentos, a humanidade morreria de fome, se não dentro de uma semana, certamente dentro de alguns anos.

Tera emergiu em um céu azul escuro no início do amanhecer. A várias centenas de metros de distância, a cidade com cúpula de Aeternae Noctis tornava a cidade pequena atrás dela. O ar quente saiu de suas muitas portas de exaustão, suspendendo a cidade a trinta metros do solo. Os vampiros escalaram a cidade, fazendo os preparativos finais para o voo.

A atenção de Tera se voltou para as duas figuras aladas na frente de Aeternae Noctis. Megun e Rohkeus discutiam, eles haviam discutido durante os últimos meses agora, Tera refletiu ironicamente. Sempre foi tecnicamente sobre Aeternae Noctis, que Rohkeus, seu príncipe, havia começado a construir vários meses antes.

Na verdade, Tera suspeitava que a discussão era tanto sobre Ashra, que Rohkeus havia tomado como sua concubina vários séculos antes. Megun, a princesa Icrathari, estava furiosa com razão.

O olhar de Tera se ergueu. Ashra e Siri ficaram dentro da

cidade abobadada, sabiamente ficando fora da discussão.

O ar mudou atrás dela. Tera olhou por cima do ombro e sorriu para Canya.

— Tudo pronto? — Canya perguntou.

Tera concordou. — Tão preparados como nunca estaremos. Qual é o plano?

— Vamos fugir antes do sol nascer e seguir para o hemisfério norte. As cidades próximas ao Círculo Polar Ártico não verão a luz do sol por vários meses. É aí que reside nossas melhores chances de manter as pessoas vivas.

— Devíamos partir agora.

Canya suspirou. — Ele ainda está tentando persuadir Megun a segui-lo.

— Talvez Aeternae Noctis seja a resposta. Ele o encheu com tudo que ele poderia pensar.

— Exceto tudo o mais deixado aqui. — Canya balançou a cabeça. — Os fae vão sobreviver; sempre iremos, mas os humanos... Megun está certa. Nossa responsabilidade está aqui.

— Enquanto Ashra está lá.

— Teria sido mais simples se Rohkeus nunca tivesse assumido com ela.

Tera olhou para o horizonte. — Estamos ficando sem tempo.

— Eu não me importaria com isso.

— O que você quer dizer?

Canya sorriu. — Rohkeus está certo sobre uma coisa, Aeternae Noctis é a chave para restaurar a Terra. Precisaremos da tecnologia da cidade se quisermos trazer vida de volta à Terra.

A voz de Rohkeus aumentou com raiva, atraindo a atenção de Tera de volta para sua discussão com a arma. — Não, eu não vou expulsar Ashra. Você e eu terminamos há milênios, muito antes de eu colocar Ashra em meu coração. Você e todos os Icrathari são bem-vindos à cidade, mas Ashra fica ao meu lado.

A voz de Megun estava fria e controlada. — Você precisa de mim lá, Rohkeus, e você precisa de Canya.

— Preciso? — As sobranceiras de Rohkeus se arquearam. — Eu não preciso de nenhuma de vocês. Sou perfeitamente capaz de defender Aeternae Noctis.

Tera sorriu fracamente. Rohkeus não era apenas o maior intelecto entre eles; ele era um príncipe guerreiro, tão hábil com armas quanto era com tecnologia. Ela olhou por cima do ombro. O brilho do sol tinha se fortalecido em feixes de luz. Por que ninguém mais estava preocupado com o início do dia?

Um movimento rápido em sua visão periférica desviou seu foco de volta para Rohkeus e Megun.

E para uma mulher humana que saiu correndo das sombras.

Rohkeus virou-se para enfrentar a ameaça.

Megun agarrou seu braço.

Mais tarde, Tera repassaria aquela cena milhares de vezes em sua mente, analisando cada expressão, cada ação, cada reação. Ela nunca poderia decidir se Megun se agarrou ao braço de Rohkeus em pânico genuíno, ou se ela, apesar de planejado, o segurou no lugar para ser atacado pelas lâminas gêmeas da assassina.

A única coisa que Tera sabia era que *ela* não tinha sido capaz de salvar Rohkeus.

Suas asas bateram com força para carregá-la para o lado de Rohkeus, mas uma das lâminas da assassina entrou no estômago de Rohkeus. A outra golpeou seu pescoço com tanta força que cortou carne e osso, quase cortando sua cabeça.

As garras de Tera rasgaram o peito da assassina, matando a mulher instantaneamente, e ela pegou Rohkeus quando ele caiu.

A morte já estava brilhando em seus olhos verdes, mas seus lábios formaram uma palavra final sem som.

Ashra.

Tera ergueu os olhos. Dentro da cúpula, Ashra pairou contra o vidro, sua expressão despedaçada pelo horror e tristeza enquanto os poderosos motores da Aeternae Noctis gritavam com um rugido ensurdecedor. A cidade acelerou para longe do sol nascente.

Canya foi para o lado de Megun. — Sem Rohkeus, Ashra não pode defender a cidade.

O coração de Tera bateu tão forte que a deixou sem fôlego. Seus pensamentos giravam tão vertiginosamente que ela não conseguia desenredá-los.

Megun...?

Canya é...?

Não, não pode ser... mas...

Aeternae Noctis já estava a várias centenas de metros de distância e acelerando. Os painéis da base da cidade estavam fechando. A cidade inteira logo estaria inacessível, mas apenas até que Megun e Canya decidissem retirá-la de Ashra.

Ashra não poderia defender a cidade, não sozinha.

Não sem ela.

Seus olhos se estreitaram enquanto sua resolução endurecia. Tera colocou o corpo de Rohkeus no chão e alçou vôo. Ele merecia um enterro real, mas ela precisava de toda a velocidade que pudesse reunir.

— Onde você vai? — Canya gritou.

— A cidade precisa de um defensor. Sem Rohkeus.

— Rohkeus está morto. Ele não pode comandar você.

Mas ele fez.

— Seu lugar é comigo! — Canya gritou. — Estou mandando você parar.

O som de asas perseguiu Tera. Ela diminuiu, apenas o suficiente para permitir que Canya a alcançasse, mas quando a sombra de Canya caiu sobre ela, ela girou em um redemoinho. As pontas das asas com pontas de aço cortaram o rosto de Canya, cortando seus lábios, quebrando seu nariz, perfurando seus olhos.

Canya gritou ao cair, as mãos cobrindo o rosto desfigurado. As feridas de Canya iriam sarar, Tera pensou sombriamente, mas Ashra nunca se recuperaria da perda de Rohkeus.

Mas a cidade não vai cair. Não enquanto eu a defender.

Tera disparou entre as enormes portas de exaustão e através do estreito espaço entre os painéis. Eles se fecharam atrás dela. O som ricocheteou nas paredes de aço. Tocou em seu peito.

O ar batia com o baque rítmico das asas que se aproximavam. Ela se preparou. Um momento depois, Siri, com o rosto coberto de lágrimas, apareceu na esquina. — O que você está fazendo aqui?

Tera cerrou os dentes contra a dor em seu peito. — Estou aqui para jurar minha lealdade a Ashra. Eu vim para defender a cidade.

As memórias antigas desapareceram nas paredes de concreto que a rodeavam. Tera esticou as asas, seus ferimentos leves já curados. *Tanto para o meu Plano A. Felizmente, Siri partiu para os Planos B a Z.*

Ela saiu da sala para ficar perto de uma janela aberta. Corpos humanos espalhados pelo parque abaixo os ex-moradores de Haven deitados ao lado dos ex-moradores da Aeternae Noctis.

A raiva deu um nó em seu peito. Por que ela pensou que Canya e seus Daevas se importariam com quem eles matariam? De costas, um humano em fuga provavelmente se parecia muito com outro, mas eles estavam *fugindo*. Os humanos não eram uma ameaça para os Daevas.

E todos os vampiros estavam mortos.

O olhar vasto de Tera percorreu os Daevas, alguns no ar, outros no solo. Sem dúvida, havia mais nos edifícios. Siri tinha insistido que Tera memorizasse o layout de cada cidade e, mais importante, o labirinto de túneis subterrâneos usados para purificação, distribuição e saneamento de água. Tera poderia facilmente fazer seu caminho em torno de Callisto sem se expor a ataques, mas ela tinha que puxar os Daevas para fora e mantê-los a céu aberto, longe das pessoas escondidas nos edifícios.

Seus olhos se estreitaram. *Um por vez.* Assim como ela havia prometido a Canya.

Ela saltou para fora da janela, voando direto em um Daeva no alto. O Daeva só teve tempo de olhar para baixo em estado de choque antes que as garras de Tera rasgassem seu estômago e garganta. Ele

gorgolejou, seu corpo contorcendo-se na agonia da morte enquanto mergulhava quinze metros.

Antes de seu corpo atingir a calçada, Tera já havia disparado em direção a um prédio próximo e através de uma janela aberta. Ela baixou a vidraça, com cuidado para não chamar a atenção dos gritos Daevas enquanto eles voavam ao redor do prédio em sua perseguição.

Tera encontrou a escada mais próxima e saltou, os pés primeiro, para dentro da escada circular, as asas abrindo-se para diminuir a velocidade de descida. A porta para o túnel subterrâneo estava selada, mas seu exame de retina a destrancou.

As superfícies uniformemente lisas dos túneis eram como extensões de Malum Turris, frias e previsíveis, nada parecido com as cavernas da Terra. Um sorriso sombrio apareceu nos lábios de Tera. Os Daevas haviam mudado desde sua exposição ao sol e suas vidas no subsolo, mas os Icrathari mudaram também, se não fisicamente, então emocional e mentalmente. A tecnologia era seu refúgio agora - aço em vez de rocha aquecida pelo sol, farfalhar de árvores e riachos.

E até que restauremos a Terra, Daeva e Icrathari nunca mais serão um. O ambiente vai nos separar. A inimizade antiga nos dividirá.

Tera viajou pelos túneis até um prédio várias ruas ao sul de onde havia começado. Uma olhada cuidadosa revelou um trio de jovens Daevas agrupados em um canto.

Muito fácil.

Ela estava sobre eles, asas cortando, garras rasgando. Sua experiência limitada tornou sua força numérica sem sentido; eles não poderia sobreviver à uma Icrathari milenar aguerrida e mais velha do que eles. Um tentou gritar um aviso, mas Tera arrancou o som parcialmente vocalizado de sua garganta antes que aumentasse para o volume máximo. Sangue dourado derramou sobre o concreto, escorrendo pelas calçadas. O Daeva sobrevivente final, sua perna mutilada, amontoada contra a parede, suas asas enroladas em seu corpo trêmulo.

Os olhos amarelos e brilhantes do Daeva se fixaram em Tera; ele choramingou, o som quase inaudível sobre a batida de muitas asas correndo em sua direção.

Eles não chegariam a tempo de salvar a vida do Daeva.

As garras de Tera se moveram em direção a sua garganta...

— Não! — Algo saltou das sombras e se atirou na frente do Daeva.

O momento não pôde ser verificado. Suas garras afiadas arranharam o rosto de Erich, rasgando cortes da bochecha ao queixo. Erich rosnou. Suas presas se alongaram, mas em vez de atacar, ele agarrou seu pulso e a puxou para as sombras.

Juntos, eles dispararam por uma porta aberta, em seguida, se

apoiaram nos punhos dos Daevas. Sua maior força permitiu que fechassem a porta e deslizassem a fechadura no lugar.

— Por aqui —, disse Erich, sem raiva aparente em sua voz. Ele liderou o caminho para os túneis onde vários humanos esperavam. — Leve-nos para outro quadrante, Ivan.

Um homem rechonchudo procurou e correu pelos túneis como se fosse sua segunda casa. Ele foi provavelmente um dos muitos engenheiros que mantiveram a cúpula da cidade de Calisto.

Tera livrou-se da mão de Erich. — Você liderou os Daevas aqui.

Ele se virou para encará-la. — Você queria que eu fizesse. — A amargura afiou sua voz. — Este não é o lugar para uma conversa. Os Daevas vão quebrar aquela porta, mas quando eles descobrirem que ela leva a túneis de aço, eles vão recuar a menos que nos vejam aqui. — Ele balançou sua cabeça. — Eles não podem tolerar serem cercados pelo aço. Não tem alma. Isso os assusta. — Acompanhados pelos humanos, Tera e Erich seguiram Ivan pelos túneis até uma seção vazia do labirinto de metal.

Só então Erich a encarou. — Por que me usar neste plano elaborado para atrair Canya aqui?

— Você teria cooperado de outra forma? — *Eu sabia que você a escolheria em vez de mim.* Tera evitou sua pergunta. — Precisamos de Canya, viva.

Os olhos de Erich se arregalaram. — Você não está tentando matá-la?

— Não. — Tera afastou-se de Erich para caminhar pelo curto caminho dos túneis. — Siri acredita que podemos semear a atmosfera, o que resta dela, com iodeto de prata. Se pudermos abrir a superfície da Terra com explosivos e expor os vastos oceanos subterrâneos abaixo, a água vai subir como vapor e reagir com o iodeto de prata para formar nuvens.

A sobrelha de Erich franziu. — O que fornecerá proteção contra o calor.

— E potencialmente dar o pontapé inicial no ciclo da água.

— O que Canya tem a ver com isso?

— Precisamos dos Daevas para semear a atmosfera com iodeto de prata, é mais do que três Icratharis podem fazer. Também precisamos dos Daevas para conduzir os vampiros e humanos pelas cavernas subterrâneas, para plantar os explosivos. Os explosivos devem ser colocados sobre os mares subterrâneos, o que significa que Daevas terão que carregar e apoiar os vampiros e humanos que vão instalar os explosivos no telhado da caverna.

Erich balançou a cabeça. — Quem criou um plano como esse?

— Siri, normalmente, mas sua menção aos mares subterrâneos

a inspirou. — Tera suspirou. — É uma chance mínima, dependente de uma execução perfeita. Depende daquele único momento em que o amanhecer se transforma em dia, mas é a melhor chance que temos.

— E Canya?

— Ela é a última das grandes Daevas. Contanto que ela comande os Daevas, precisamos de sua ajuda.

— Ela te odeia.

Tera encolheu os ombros.

— Ela disse que você a abandonou para queimar na Terra.

Tera deu de ombros novamente, mas a tensão endureceu o movimento gracioso.

— É verdade? — Erich rosnou. — Por que você trai aqueles que confiam em você? Por que você me traiu?

Tera puxou o lábio superior para trás, mostrando as presas. — Traí você? Eu deveria ter deixado você na cidade? A transformação poderia ter deixado você louco. Você poderia ter atacado e matado todos os humanos da cidade. Nenhum dos vampiros seria capaz de pará-lo. O que eu fiz, foi para manter as pessoas protegidas de você!

— Você poderia tê-los mantido a salvo de mim se tivesse apenas me deixado morrer!

Seu peito doeu. — Você já agiu contra o seu melhor julgamento?

Suas sobrancelhas juntaram-se.

— Claro que não —, murmurou Tera. — O que você poderia ter feito no curto espaço de sua vida humana para se arrepender?

— Arrepender-me? — Erich falou com os dentes cerrados. — Eu me arrependo muito. Lamento tudo. As horas desperdiçadas em arte e poesia, as noites passadas sentado perto da fonte, olhando para o céu, esperando que você voasse de Aeternae Noctis. Lamento a fantasia de paixão que me levou a defender o que não precisava ou merecia ser defendido. Se eu tivesse escolhido minha vida em vez da sua, eu não estaria aqui hoje, um imortal, louco...

— Você não está louco.

— Se eu não estou louco, então por que os pedaços quebrados não se encaixam novamente?

— Suas memórias despedaçadas não são você, Erich.

— Então o que é? — Ele bateu o punho contra o peito. — A turbulência em meu coração? As emoções que me puxam para um lado e depois para outro? O emaranhado de ódio e... paixão? A confusão de vozes em minha mente, aquelas que gritam comigo sem parar, culpando você por me fazer o que eu sou... e aquelas que murmuram baixinho no canto da minha mente, culpando-me por amar você, por inspirar seu ódio.

O queixo de Tera caiu. — Eu não te odeio.

— Por quê então? — Erich perguntou baixinho. — Eu sei... e talvez até entenda porque você me enterrou fora da cidade. Era seu dever, e você sempre cumpre seu dever. — Ele olhou para suas mãos deformadas. — Mas por que me transformar nisso? — Sua voz tremeu enquanto ele olhava para os humanos, aglomerando-se instintivamente como uma defesa contra o argumento de um Icrathari e um Imortali. — Eu costumava ser um deles, simples, descomplicado.

— Nunca houve nada de simples ou descomplicado em você —, retrucou Tera. — Você viu coisas que ninguém mais viu. Você viu a necessidade que impelia os Night Terrors.

Ele jogou a cabeça para trás e riu. — Então essa foi minha culpa, minha estupidez...

A amargura de sua risada zombeteira a feriu. — Não. — Tera agarrou sua mão, deixando-o em silêncio. — Sua visão, seu insight, sua habilidade e vontade de ver além do físico, fez de você a única pessoa com laços com todos os faes e todos os humanos. Você vê e aceita tudo o que é bom e mau em cada raça, em cada indivíduo. Você ouve antes de falar e fala antes de atacar. Você é... você era um homem de paz, Erich.

Seus lábios se curvaram em um sorriso de escárnio. — Você quer dizer um covarde.

— É preciso coragem e compaixão para entender e aceitar o que torna alguém diferente de você. Se você não tivesse...

— Não me torne um herói. Não serei controlado por você ou pelos Daevas. As únicas vítimas aqui são aqueles presos entre os Daevas e os Icratharis, mortais em uma guerra imortal.

— E ainda assim estamos todos aqui em um planeta devastado por humanos e suas guerras de fomento pelo poder. — Tera o olhou com irritação. — Ninguém é inocente, mas a culpa não desfará o que foi feito. Tudo o que podemos fazer é seguir em frente, salvar o que pudermos e reconstruir o que pudermos.

— E você precisa de mim para o seu plano mestre.

— Precisamos de cooperação e você é o único em quem todas as partes confiam. Canya vai ouvir você. Ela confia em você.

Erich riu tanto que se dobrou. — Confia em mim? Não há confiança. Se houvesse confiança, teríamos essa conversa antes de você me enganar para atrair Canya para a armadilha. Se houvesse confiança, eu estaria lutando ao lado de Canya. Em vez disso, lutei contra os Daevas que ela ordenou que me matassem. Você acredita que eu sou seu lacaios, e ela acredita que sou seu. Não há confiança aqui, nenhuma esperança que possa ser espremida para fora deste inferno.

Tera respirou fundo. — Quanto vai custar?

— O que você quer dizer?

— Precisamos da cooperação de Canya. Ela lidera um exército, mas não tem tenentes. Certa vez, ela procurou você em busca de conselho e apoio. O hábito... — *ou o amor* —... pode transformá-la no seu caminho mais uma vez. Nós precisamos da sua ajuda. *Eu* preciso de sua ajuda. O que será preciso?

Erich ficou em silêncio por um longo momento. O escárnio zombeteiro e a fúria cintilante lentamente desapareceram de seus olhos. A tranquila dor de cabeça que o substituiu era pior do que sua raiva. Visava dentro, sempre machucando ele, e apenas ele. Mais ninguém.

Naquele instante, Tera percebeu uma única verdade devastadora. Em momentos de raiva, ele protestava contra ela e contra o mundo, mas no silêncio de seu coração e mente, Erich culpava a si mesmo, e apenas a si mesmo.

— Eu quero parar de lutar. Eu quero paz, — ele sussurrou, suas palavras proferidas tão baixinho que ela teve que se esforçar para ouvi-las. Erich tocou a cabeça e depois o peito, os dedos mutilados bem sobre o coração. — Eu quero que os pedaços quebrados parem de doer. Eu quero que a dor vá embora. — Ele olhou para cima e encontrou os olhos de Tera. — Eu quero que você vá embora.

Força de vontade manteve a voz firme. — Nem o tempo nem a distância podem romper um laço de sangue. Sua dor só pode terminar com sua morte ou com a minha.

Seus olhos se encontraram. Erich sussurrou: — Contanto que termine.

— Você teve tantas chances de me matar. Por que você não fez isso?

— Eu não sei. — Sua voz falhou. — Não consigo pensar com clareza, não consigo sentir com clareza. Eu não sei o que é certo. Tudo que sei é que preciso que essa loucura acabe.

Tera respirou fundo. — Eu vou acabar com você. Eu vou te ajudar a encontrar paz.

— Você pode?

— Sim. — *Fui egoísta, queria você de qualquer maneira que pudesse mantê-lo, mas nunca tive a intenção de machucá-lo. Vou compensar você, custe o que custar.*

Erich fechou os olhos com força enquanto pressionava os dedos nas têmporas. Uma careta de dor passou por seu rosto antes de dar lugar a um sorriso fraco. — Vou aguentar a cacofonia na minha cabeça um pouco mais. — Seu olhar se aguçou quando ele se concentrou em Tera. — Canya te odeia. Daryun não conseguia argumentar com ela. Não sei se consigo. Eu disse a ela que você havia armado uma armadilha para ela, e mesmo assim ela atacou.

— Ela é confiante demais.

Erich balançou a cabeça. — Ela é movida por um ódio tão forte que não se importa se vive ou morre, contanto que destrua você. O que aconteceu entre vocês?

— Não importa. Não pode ser desfeito.

— Importa. Ela quer alguma coisa. Se você puder dar a ela...

— Ela quer Aeternae Noctis.

— Por quê?

— Porque ela teria reivindicado isso mil anos antes se eu não tivesse escolhido defender Aeternae Noctis. Ela acha que eu quebrei nosso ato de lealdade uma com a outra.

— Você fez isso?

— Eu escolhi honrar outro pacto em vez disso.

— Qual?

— Lealdade ao meu príncipe, Rohkeus, e a Ashra.

A sobrançelha de Erich franziu. — Então dê à Canya Aeternae Noctis.

— O que?

— Dê a ela a cidade. Você disse que o verdadeiro tesouro da cidade é Siri. Se o plano de Siri se concretizar e a Terra for restaurada, para que serve a cidade para alguém?

Mas... Aeternae Noctis. Sua casa? O coração de Tera disparou. — Essa decisão não depende de mim. Eu não posso fazer essa promessa.

Erich compassou. A tensão endureceu seus ombros e seus passos graciosos. — Eu posso.

— Não é seu para dar.

— Mas Canya tem que acreditar que ela pode tomar a cidade, ou ela não vai barganhar com você. Ela sabe que não devo lealdade a um Icrathari. Ela sabe que eu te odeio, embora eu...

Um músculo se contraiu na bochecha de Tera.

Erich girou e aproximou-se de Tera. Ele elevou-se uma cabeça sobre ela. Seus olhos encheram-se de turbulência emocional e, por um único momento, Tera teve um vislumbre de vulnerabilidade chocante.

— Bata em mim —, disse Erich.

— O que?

— Canya acredita que nosso laço de sangue é mais forte do que meu ódio. Ela precisa estar convencida de que não tem influência sobre mim. Acerte-me e torne-o convincente. Eu ainda terei que estar quebrado quando encontrar Canya.

— Você já está quebrado.

Um sorriso apareceu em seus lábios. — Por fora, não apenas por dentro.

— Erich, eu não posso... machucar você.

— Você pode. — Ele sorriu gentilmente. — Confie nos seus

instintos. — O sorriso se transformou em um rosnado e ele saltou para a garganta dela.



CAPÍTULO 15

Esta será a primeira e última vez que eu digo a uma senhora da guerra Icrathari confiar em seus instintos.

Erich tirou uma mecha de cabelo ensanguentado da testa. Seus pulmões queimaram; fragmentos de osso os perfuravam a cada respiração trêmula. Todo o seu lado esquerdo estava dormente, a perna quebrada arrastando atrás dele enquanto ele mancava para frente, o ombro apoiado na parede.

E *aquela* foi uma luta curta, terminada em menos de três batimentos cardíacos. Ele teve sorte de não estar morto. Ele estava vagamente ciente das presas expostas de Tera perto de seu rosto. Sua visão oscilou dentro e fora de foco.

Ele devia ter imaginado o choque em seu rosto - horror que se transformou em culpa e dor.

— Estou bem... — ele tentou dizer, mas as palavras saíram distorcidas por uma tosse seca. Ele sentiu o gosto de bile na garganta e cuspiu sangue. Suas presas vacilaram, mas não caíram. Graças a Deus; dentes, como ossos, levavam um tempo para crescer novamente.

Seu corpo latejava como uma ferida aberta enquanto tropeçava para fora do prédio. As ruas e parques da cidade estavam escuros. A mortalha metálica ao redor da cúpula impedia a entrada da luz do dia e as lâmpadas da rua também haviam se apagado.

A batida quase silenciosa de asas contra o ar disse a ele que os Daevas circulavam acima. Ele ergueu a cabeça e respirou fundo, então estremeceu quando seus pulmões gritaram em protesto. — Canya!

O ar agitou-se, vibrando contra ele em ondas constantes enquanto Daevas rodopiavam para baixo. Canya pousou na frente dele. Ela soltou uma gargalhada, seus dentes brilhando brancos. — Eu mataria você, mas você obviamente está sofrendo mais vivo do que morto.

Erich murmurou uma maldição. — Tera me enviou uma

mensagem.

— Não estou interessada em nada que ela tenha a dizer.

— Eles têm um plano para restaurar a Terra, mas precisam dos Daevas. Eles precisam da sua ajuda.

Os olhos de Canya se estreitaram. — Eles são mentirosos. Enganadores.

— Eu sei. — Erich passou a mão pelo rosto. Saiu ensanguentado. Os cortes que Tera havia feito em seu rosto ainda não haviam cicatrizado. — Eles planejam semear o céu com algo para formar nuvens e, em seguida, explodir o solo para expor o oceano subterrâneo.

— A água evapora e sobe para formar nuvens, — Canya murmurou, sua voz baixa e pensativa. — Vai reiniciar o ciclo da água.

— Você entendeu isso?

— Claro. É um plano... confiável —, disse Canya. — Provavelmente foi Siri quem inventou. Eles precisariam dos Daevas, é claro. Eles não têm recursos suficientes para realizar o plano por conta própria.

— Então, você concorda?

— O que eu ganho com isso?

— Uma Terra restaurada.

Canya riu novamente. — Não é o suficiente, não mais. Não vai desfazer os mil anos que passei na terra e abaixo dela. Eu quero que os Icrathari e os vampiros sofram como nós.

— Barganhe com eles —, disse Erich.

— Por que eu deveria? Eles são mentirosos, enganadores. Eles são muitos e eu sou uma.

— Você não está sozinha. Eu estou contigo.

Canya olhou para ele boquiaberta.

— Tera brutaliza o amor e destrói a confiança. — Erich desabou, exausto de sua própria dor. — Eu estou com você, Canya. Negocie com a Icrathari. Exija o que quiser.

— Eles nunca entregarão Aeternae Noctis. Eles nunca vão entregar Tera, nem Jaden.

— Tera?

— Você acha que ficarei contente com nada menos do que a morte dela? Ela era minha tenente. Mais do que isso, ela era minha irmã de armas. Treinamos juntas, lutamos juntas. Eu a amava e confiava nela, mas ela deu-me as costas. Ela escolheu um príncipe morto. Sobre mim. — Ela bateu no peito. — Ela escolheu sua prostituta em vez de mim.

— E Jaden...?

— Ele é Rohkeus, reencarnado, e mais uma vez, ao lado de Ashra. Eles usufruíram de sua vida protegida enquanto Daryun e eu

queimamos no inferno. — Seu lábio superior curvou-se. — Eles vão queimar também. Vou me certificar disso. E você... — Seu olhar de olhos amarelos fixou-se em Erich. Ela acariciou sua bochecha dilacerada, seu toque gentil. — Agora você sabe como eles são. Tera conhece apenas o dever, não o amor.

— Eu sei —, ele sussurrou. — Eu só queria ter sabido quando era humano.

— Você terá paz quando ela morrer, — Canya murmurou. — Eu prometo. Os Icratharis morrerão, seus companheiros vampiros mais velhos também. Suas cidades serão um refúgio para Daevas. — Ela passou o braço pelo arco da cúpula. — E os humanos? Eles nunca mais se levantarão. Eles nunca governarão. Nunca mais travarão uma guerra que destrua toda a vida na Terra.

Ela aproximou-se dele; o calor de seu corpo pressionado contra o dele. — Somos parceiros nisso, Erich. Ambos perdemos tudo para a Icrathari, para Tera. Eu sei que você quer acabar com sua dor. Não requer a sua morte, mas a dela.

— Eu... não tenho que morrer?

— Foi isso que Tera disse a você?

— Ela disse que nem distância nem o tempo podem embotar o vínculo de sangue.

—E ela está certa, embora a morte o separasse, o seu ou o dela.

— Dela? Mas...

— Sozinho, você não pode derrotá-la em batalha. Juntos nós podemos. Ajude-me, Erich, e eu ajudarei você. Por que você deveria morrer porque ela é egoísta e cruel?

Erich franziu a testa. Ele e Tera haviam concordado em um plano para convencer Canya de que ela não estava sozinha e persuadi-la a negociar. Até agora, estava ocorrendo como eles esperavam, mas algo parecia... errado. Canya foi muito rápida em aceitar sua promessa de lealdade, muito rápido em se alinhar com ele.

Certamente, se algo pudesse dar errado, Tera o teria avisado, não é?

A expressão de Canya era sem malícia quando ela olhou para ele. — Nós temos um pacto. Vamos selar. — Ela inclinou a cabeça, expondo o pescoço.

Sua veia jugular pulsava, seu ritmo hipnótico. Erich baixou os lábios para o pescoço dela. Sua respiração era quase um beijo quando ele acariciou o calor de sua pele. Suas presas se alongaram, puxadas por um instinto mais antigo que civilizações, e perfuraram sua pele, afundando profundamente em suas veias.

Canya ofegou e arqueou-se, seu corpo pressionando contra o dele. Suas asas envolveram os dois em um abraço mais terno do que qualquer um já estendeu para ele. Se ele fechasse os olhos, ele quase

poderia imaginar -

Não, não era Tera. Canya tinha o cheiro da Terra - profundo e rico - não a fragrância das flores que desabrocham à noite. O sangue dela, entretanto, era tão inebriante quanto ele imaginava que seria o de Tera, complexo com sabores que se estendiam até a antiguidade.

O mundo ganhou vida através do sangue de Canya - imagens de uma Terra verde e azul esquecida. As árvores alcançavam o céu, suas folhas roçando em finas nuvens brancas. Um rio caiu sobre as bordas irregulares das rochas, alisando-as, indiferente se levaria anos ou séculos para cumprir sua tarefa.

Seus dedos doíam para pintar a beleza que via através do sangue dela.

A Terra, cheia de vida, parecia tão eterna quanto o universo. Antes, ninguém imaginava que poderia perder tudo. No entanto, eles tinham. E agora, estavam à beira de restaurar tudo.

Tudo o que precisava era da cooperação de Canya.

E ela exigia a vida de Tera.

Uma imagem passou por sua mente, nascida das memórias de Canya, convocada por sua emoção conflituosa e transmitida por seu sangue. As memórias de Tera e Canya também usavam uma armadura de couro preto, mas ela era mais jovem, seus olhos cinza menos sombreados pelo dever, seu sorriso mais leve e rápido. O sol aqueceu seu cabelo e deu cor a suas bochechas.

Ela parecia mais anjo do que demônio. *Minha musa. Para sempre.*

As presas perfuraram seu pescoço. Erich engasgou, mas inclinou a cabeça para trás, dando a Canya acesso a seu sangue. Ela colocou os braços ao redor dele; seus dedos se enlaçaram em seu cabelo, e ela o puxou para o chão. A grama picou sua pele, mas suas asas eram mais suaves do que veludo. Quando os lábios dela traçaram de seu pescoço aos lábios, ele se voltou para o beijo.

Era mais afeto do que ele sentia em séculos.

Os fragmentos de memória ricocheteando em sua cabeça se assentaram como pétalas de flores flutuando ao vento. As batidas incessantes de seu coração, o som de seu sangue correndo em suas veias e criando um eco em sua cabeça, silenciado até o silêncio.

Quando ela o acariciou, seus dedos movendo-se de seu coração batendo forte para a dureza entre suas coxas, ele ficou tenso, mas apenas por um instante. Ele ainda podia sentir o gosto do sangue dela em seus lábios. Sua cabeça ainda girava pela perda de sangue. O mundo oscilou em uma névoa nebulosa. Ele não sabia onde estava ou para onde estava indo.

Só importava que não tivesse nenhum outro lugar que precisava estar.

Ela montou nele, envolvendo-o no calor de seu corpo. Ele olhou para os Daevas acima, circulando como abutres. Alguma parte de sua mente recuou, mas ele não conseguiu encontrar a vontade ou a força para se opor à crua exibição pública de intimidade privada.

O sangue dela pulsou através de seu corpo, puxando as barreiras em sua mente, e quando ela clamou seu clímax com um grito alto de êxtase, seu corpo a seguiu até o limite. Sua liberação estremeceu através de seu corpo magro, esvaziando seus pensamentos.

Por alguns segundos preciosos, ele ficou totalmente em paz.

Ela inclinou-se sobre ele, suas asas dobrando em torno dele como um cobertor macio. O cheiro dela o cercou, o encheu. A voz dela, silenciosamente triunfante, sussurrou em seu ouvido: — E agora você é meu.

Meu.

Erich respirou fundo, estremecendo. Quanto tempo ele esperou para ouvir essas palavras de seus lábios? Quanto tempo ele esperou para ser reconhecido, para ser reivindicado por sua musa?

Ele sussurrou o nome dela com a reverência de uma oração. — Eu te amo.

Ela enrijeceu e olhou por cima do ombro.

Ele seguiu o olhar dela até um prédio alto do outro lado da rua. Tera ficou ali, *sua musa*, com a longa trança pendurada no ombro, a expressão nada reveladora. Suas asas a envolveram, como se ela estivesse com frio, uma impossibilidade, ou machucada, tanto uma impossibilidade.

Tera...

Seu olhar pousou no rosto de Canya. Ela lançou a Tera um sorriso triunfante de rei mocinho, o sorriso de uma vitoriosa, e, ainda assim, uma dor indelével permanecia em seus olhos.

O gelo envolveu o coração de Erich. *O que Canya fez comigo?*

Tera abriu as asas e desceu em espiral, sem medo, até um grupo de Daevas. Canya levantou-se para encontrá-la. A Icrathari e a Daeva enfrentaram-se. Erich esparramado entre elas, sua mente muito despedaçada para se concentrar, seu corpo muito drenado para mover-se.

Canya falou primeiro. — Ele me disse que você tem um plano para restaurar a Terra e que precisa da minha ajuda.

— Sim. — A voz de Tera não revelou nada - nem raiva, nem mágoa, nem dor.

— E nós ajudaremos.

— Qual é o seu preço?

Canya sorriu fracamente — Eu já reivindiquei parte dele, aquele que você ama por aquele que você tirou de mim. — Ela passou os dedos pelo cabelo de Erich. — O pagamento integral irei extrair

quando chegar o momento certo.

— E o que poderia ser isso?

— O comando total, sobre a Terra.



CAPÍTULO 16

— Você está louca? — O grito de Siri criou um zumbido entre os ouvidos de Tera.

Apenas a força de vontade impediu Tera de vacilar, menos da objeção vocal de Siri e mais do olhar duro de Ashra. Ashra pode não ter nascido uma princesa Icrathari como Megun, mas o peso de mil anos de responsabilidade e liderança a transformou em uma rainha.

Siri espreitou a largura da câmara, gesticulando descontroladamente enquanto falava. — Canya soltou seus Daevas nas quatro cidades, seduziu... *estuprou* Erich na sua frente e disse que queria governar a Terra, um plano que quase certamente nos exclui, e você quer que cooperemos com ela?

— Era o nosso plano —, ressaltou Tera. — Seu plano, na verdade.

— Sim, mas meu plano assumiu um inimigo racional.

— Não existe inimigo racional.

Siri rosnou. — Presumimos que Canya estava pelo menos tão interessada quanto nós em restaurar a Terra. É claro que ela não está. Tudo o que ela quer é vingança.

— Querer e conseguir são coisas totalmente diferentes —, disse Tera. — Precisamos de seus Daevas para semear a atmosfera e ajudar os vampiros e humanos a colocar os explosivos subterrâneos. Não podemos fazer isso sem a ajuda deles.

— Bem, três de nós têm asas —, disse Siri, — mas você está certa. O iodeto de prata se dissipará mais rápido do que podemos distribuí-lo. Não podemos executar este plano sem os Daevas. — Ela franziu o cenho. — Podemos esperar.

— Até quando? — Ashra falou pela primeira vez desde que Tera retornou a Aeternae Noctis com o relatório de sua negociação com Canya. — Pela primeira vez em mil anos, temos uma líder Daeva disposta a cooperar.

Siri fez uma careta para Ashra. — Que parte da fanática “Eu quero vingança” de Canya você não entendeu?

— A parte que assume que Tera vai impedi-la. — Ashra olhou

para Tera, uma sobranceira arqueada. — Qual era o seu problema com Erich?

O acordo? Falhei com ele, novamente. Traí-lo por minha própria estupidez e descuido, repetidas vezes.

E ainda por cima, nunca explicar o porquê e nunca ter pedido desculpas.

Tera deu as costas para Ashra, as mãos cruzadas sobre o peito para conter a dor crua que pulsava em seu coração. Ela fechou os olhos com força, mas a imagem de Erich, bebendo de Canya, entregando-se a ela...

Ele não sabia o que estava fazendo, ou o que Canya estava fazendo com ele.

Sua ignorância - sua inocência - não tornava isso melhor.

Isso apenas tornava seus fracassos muito mais contundentes.

Nunca falhei tanto com alguém que significou tanto para mim.

Se fosse apenas uma paixão de duzentos e cinquenta anos no passado, a reivindicação de Erich por Canya a teria meramente chocado.

Por tê-la deixado mental e emocionalmente cambaleando como se tivesse sido ferida por golpes mortais em seu estômago e garganta...

Foi por amor.

Ainda é amor.

E eu, tola que sou... Tera cerrou os olhos, em minha estupidez... eu o expulsei. Eu o deixei ir. Não uma vez, não duas, repetidamente.

Canya não o tirou de mim. Eu o perdi, foi tudo culpa minha.

— Tera? — A voz de Ashra a chamou de volta. — Que acordo você fez com Erich?

Tera preparou-se antes de virar-se para Ashra e Siri. — Ele quer que a dor acabe. Ele quer paz.

Os olhos de Siri se estreitaram. — Ele quer morrer?

— Ele não conhece outra forma de conseguir isso. Existe?

Siri encolheu os ombros. — O transtorno de estresse pós-traumático só pode ser aliviado com tempo e terapia. Ele teve muito tempo, provavelmente pouca terapia. O fato é que ele nunca reconstruirá suas memórias. Ele sempre estará um pouco quebrado por dentro, por mais bem organizado que possa parecer por fora.

A mandíbula de Tera ficou tensa até doer. — Quando isso acabar, cuidarei de Canya e Erich também.

— Você consegue? — Ashra perguntou. — Canya é páreo para você. Com Erich ao lado dela, você não pode vencer.

Tera encolheu os ombros.

— E Erich ficará ao lado dela. Ele consumiu seu sangue, e o dela é o mais recente, o mais forte. Irá substituir seu vínculo de sangue com ele. Você não tem controle sobre ele.

- Nunca fiz isso —, murmurou Tera.
- Mas ele concordou em ajudar você.
- E ele fez. Ele trouxe Canya para a mesa de negociações.

Os dedos de Ashra batiam em um ritmo impaciente no braço de sua cadeira. — Duvido que ele tenha planejado dessa forma.

— Ele está lidando com Icratharis; nós somos antigos e imortais. Temos milhares de anos de experiência nele; ele não pode nos superar —, disse Tera. — Ele não estava preparado para o que Canya poderia e faria com ele.

E eu não o preparei para isso, assim como não o preparei para sua transformação nem nada desde então.

O melhor que posso esperar agora é uma última chance de dizer a ele o quanto eu sinto... e nem mesmo sei se terei.

Tera respirou fundo. — Estaremos preparadas para Canya. Nós vamos controlar o tempo das explosões. Qualquer traição que ela tenha em mente não acontecerá até que possamos explodir os tetos das cavernas e exponhamos a água ao sol nascente. — Ela fez uma careta. — Aconteça o que acontecer, nós lidaremos com isso. Aconteça o que acontecer, a Terra tem uma chance. É por isso que trabalhamos todo esse tempo, a preservação e a restauração da vida na Terra. Isso poderá acontecer. Se ousarmos.

O olhar de Siri passou rapidamente entre Ashra e Tera. — Então, vamos seguir em frente com esse plano maluco?

Ashra ergueu o queixo. Seus olhos dourados estavam frios e focados. — Sim.



Erich olhou para o lado escuro de Aeternae Noctis enquanto seu painel deslizava para trás. Canya deslizou o braço em volta da cintura dele e carregou os dois para a cidade. Ele não ficou surpreso ao ver Tera, Jaden, Talon, Rafael e Yuri esperando por ele e Canya.

Os Icratharis não estavam se arriscando.

Yuri deu a Canya um olhar frio. O que ela deu a Erich beirava a hostilidade absoluta. — Por aqui —, disse ela secamente e girou nos calcanhares, sua trança vermelha voando para acertar Erich no rosto.

Ladeados pelos vampiros mais velhos, Erich e Canya seguiram Yuri. Tera ficou na retaguarda. Ela não disse nada, mas sua presença era palpável. O cheiro de flores desabrochando à noite era tão perturbador para todos quanto era para ele? Ele podia senti-la como o sopro de um toque quase lá contra a base de sua espinha, como dedos fantasmagóricos se entrelaçando com seus dedos mutilados, sem medo de quão horríveis, quebrados e inúteis eles eram.

No entanto, era Canya quem caminhava ao lado dele, quem o reivindicou como um companheiro, um substituto para Daryun.

Tera, sua musa, caminhava atrás deles; sua diretora, uma guerreira prestes a matar.

Por que seu mundo estava tão errado?

Por que ele não conseguia consertar nada?

Os pedaços quebrados em sua mente colidiram uns com os outros com tanta ferocidade que se espatifaram e se estilhaçaram em pedaços menores. Erich fechou os olhos com força, estremecendo com os estilhaços que espirravam nele, e ergueu os braços para cobrir o rosto. Ele desabou, enrolando-se em uma bola. Os sons em sua garganta pareciam choramingos e rosnados, mas ele não conseguia separar um do outro. Medo e raiva sempre foram os dois lados da mesma moeda, a única maneira que ele conhecia de responder à turbulência que o rodeava e à loucura dentro dele. Seus gemidos abafaram o balbúcio confuso em sua mente. O movimento de balanço para frente e para trás o ancorou e deu-lhe algo que podia controlar em um mundo que não podia controlar.

— Continue. — A voz de Tera foi um apoio contra sua tempestade mental. — Leve Canya para Ashra. Vou acompanhar Erich até lá, quando ele estiver pronto.

Minha musa. Erich agarrou-se à voz de Tera. Sua fragrância pairou ao redor dele, tangível o suficiente para tocar. Ele encolheu-se quando ela colocou a mão gentilmente em seu ombro, mas apenas porque ele não estava preparado para isso. Ele respirou fundo, estremecendo, e lentamente relaxou com o toque dela.

— Sinto muito, Erich —, a voz de Tera parecia vir de muito longe. — Eu não sabia como deixar você ir. Se eu tivesse deixado você ir na primeira vez que te perdi, você estaria em paz.

Você não sabia como me deixar ir...?

Você... me queria?

Os dedos frios de Tera tocaram seu rosto, o contato mantendo a loucura turbulenta sob controle. — Desde o início, você foi diferente. Os seus olhos de artista sempre viram além. A sua mente de poeta sempre entendeu mais. Já faz muito tempo desde que alguém olhou para mim e viu mais do que uma guerreira Icrathari, mas você viu. — Sua voz ficou sonhadora. — Eu queria mantê-lo. Eu queria segurar você, mas você nunca voltou.

Eu não sabia...

— Você não estava pronto —, continuou Tera suavemente. — Você não sabia. Não foi sua culpa; foi minha. Você estava morrendo e eu entrei em pânico. Eu esperava, apostei e perdi.

— Você também perdeu... — A tristeza manchou sua voz baixa. — Mais do que ninguém, você perdeu e pagou o preço pelo meu egoísmo, todos os dias durante duzentos e cinquenta anos. Sinto muito não é suficiente, mas não sei mais o que dizer. — Seus lábios

roçaram os dele.

Ele ficou tenso. *Não, não há mais sangue. Não há mais sangue antigo e imortal que torce a mente e revira a alma. Isso me dilacera e me cospe até eu não saber quem eu sou ou o que amo.*

A fragrância das flores que desabrocham à noite o invadiu. A paz se estabeleceu como um cobertor macio.

Sempre soube o que amei.

Mesmo em meio à transformação mais devastadora, ele nunca perdeu de vista sua musa. Ele havia protestado contra ela. Ele a odiava.

Ele sempre a amou.

Mas não há mais sangue. Não há mais nada controlando minha vontade. Minhas escolhas serão minhas, minha lealdade será minha; meu amor me pertence.

Ele endureceu contra Tera. Ele não seria levado contra sua vontade. Agora não. Nunca mais. Nem mesmo por sua musa.

Mas o toque de seus lábios era pouco mais que uma respiração compartilhada, como se fosse tudo que ela ousasse oferecer a ele. — Eu te amo. — Seu sussurro demorou contra sua pele. — Não é o suficiente; nunca será o suficiente. Você merecia mais, mas era tudo que eu tinha para oferecer. Eu sinto muito.

Ele sentiu o gosto da umidade então, mas era o sal das lágrimas, não o gosto metálico do sangue.

Ela está chorando. Suas lágrimas... por mim?

A confusão emaranhada tornava mais difícil concentrar seus pensamentos. Ele forçou suas pálpebras a se abrirem, mas sua visão era um borrão. Ele mal conseguia distinguir o rosto de Tera. Ela sorriu levemente, mas não havia alegria na curva de seus lábios. — Está tudo bem. Só mais um pouco e tudo estará acabado. Você ficará em paz, eu prometo. — Ela deu um beijo nas pontas dos dedos e depois os tocou nos lábios. Ele ainda podia sentir o calor de sua respiração. Seus olhos se fecharam enquanto saboreava sua presença. — Não temos que nos apressar neste último momento juntos. — Sua voz tremeu. — É tudo que nos resta.

Ela não disse mais nada, mas suas mãos se entrelaçaram com as dele. As delicadas veias no interior de seus pulsos pulsaram em uníssono. Seu corpo falou as palavras que ela não deu voz. Por um momento, um único e precioso momento, eles foram um.

Seu batimento cardíaco acelerado diminuiu até que correspondeu ao batimento constante de seu coração. Sua respiração, irregular e superficial, relaxou e aprofundou. Um suspiro silencioso escapou. — Isto é real?

— Sim, — ela disse. — Por enquanto.

Ele abriu os olhos. — É verdade?

— Sim —, murmurou Tera. — Embora não possa desfazer o que eu fiz. — Seu olhar desviou por um momento antes de retornar para ele. — Sinto muito.

— Você disse que me amava.

— Sim.

Ele mal ousou perguntar. — Quando você me transformou, não foi porque você me desprezou... não foi para me punir... não foi por ódio.

— Não. Nunca. — Tera balançou a cabeça. — Eu não queria perder você, embora eu quisesse de qualquer maneira. Você não estava preparado para a transformação e isso o quebrou. A culpa é inteiramente minha; Sinto muito que você tenha pagado por isso.

— Existe... não há volta? — ele perguntou.

— Para onde você quer voltar?

— Antes disso. — Ele tocou seu peito.

Tera balançou a cabeça. — Suas memórias se foram. Fragmentos são tudo o que você terá. Elas são como suas mãos. — Ela levou as mãos mutiladas aos lábios e beijou seus dedos. A sensação era tão leve que ele se perguntou se a tinha imaginado. — Muitos de vocês foram destruídos na transformação; você nunca terá essas peças danificadas. Mas... — ela encolheu os ombros. — Você ainda está aqui. Ainda é você Erich.

Ainda sou Erich. O que ela viu? Ele não era o mesmo homem que uma vez esperou na fonte por ela.

Mas estive esperando por ela. Nunca parei de esperar.

Ele engoliu em seco com a forte pressão em seu peito. — E Canya...

O sorriso de Tera tinha uma qualidade estranhamente melancólica. — Canya reivindicou você como seu companheiro.

— Eu não sabia.

— Eu não te preparei para isso. Eu não pensei, mas deveria.

— Ela fez isso para irritar você.

Tera balançou a cabeça. — Ela fez isso porque sabe, assim como eu, que você é diferente, Erich. Você é especial. E se houve um pouco de maldade nas ações de Canya, isso não tirou quem você é.

— Por que você não me reivindicou?

Um sorriso triste surgiu em seu rosto. — Eu tirei o suficiente, muito, de você. Você tem o direito de me odiar, e se essa for sua escolha, então você tem o direito de mantê-lo, não ter isso arrancado de você por engano.

— Então o vínculo de sangue é uma mentira? — Ele estava ligado a Canya da mesma forma que antes estava ligado a Tera?

— O vínculo de sangue, como o amor, é tudo o que você faz dele. — Ela se levantou facilmente e estendeu a mão para ele,

puxando-o para ficar de pé. — Sentirei sua falta, Erich.

O gelo correu ao redor de seu coração. — Você vai me matar.

— Não agora, mas em breve. Você é de Canya agora. É meu dever. Você queria paz; você a terá.

— Por que então você me avisaria? É porque você quer que eu viva? — Erich franziu a testa. — Você quer que eu corra. Você quer que eu tire a decisão de suas mãos. — Ele balançou sua cabeça. — Não vou fazer isso de novo, Tera. Quando chegar a hora certa, farei minha escolha e você fará a sua.

— Não há escolha. Tenho o dever de impedir Canya, e você tem o dever de defendê-la.

— Eu faço minhas próprias escolhas.

— Você subestima o poder do vínculo de sangue.

— E você subestima o poder da insanidade.

Tera parecia confusa, mas Erich ignorou a explicação. — Onde estão os outros?

— No interrogatório. — Ela abriu o caminho para os elevadores e acompanhou-o até a câmara onde os outros estavam reunidos.

Erich caminhou até ficar ao lado de Canya.

Ele não perdeu o sorriso triunfante que Canya deu a Tera.

Yuri remexeu-se, os dedos movendo-se contra a espada, mas foi paralisada por um olhar penetrante de Tera. Erich escondeu um sorriso. Parecia que sua prima, aquela de quem ele mal se lembrava, discordava de sua escolha. Ele teria que cuidar de suas costas.

O olhar de Erich se voltou para Talon, cuja carranca era apenas um pouco menos intimidante do que seus olhos estreitos.

Ele teria que tomar cuidado com Talon também.

Um músculo contraiu-se em sua bochecha. Inimigos por todos os lados, e sua musa que jurou matá-lo.

Nada para se preocupar. É apenas mais um dia. Não é mais louco do que o que já está dentro da minha cabeça.

A voz de Siri chamou sua atenção de volta para a conversa. — Nosso tempo tem que ser preciso. Não há espaços para erros. O trabalho começa hoje à noite. Os vampiros e humanos foram treinados para colocar os explosivos, e eles têm os mapas das cavernas. Eles serão acompanhados por Daevas, já que parte do trabalho exige a colocação de explosivos no teto da caverna. Aos dez minutos para o nascer do sol, uma segunda equipe de Daevas voará e espalhará suas cápsulas de iodeto de prata na atmosfera.

— As explosões em quatro pontos-chave derrubarão o teto da caverna ao redor do oceano subterrâneo, mas os gatilhos foram programados para que as explosões não ocorram a menos que estejam todas no lugar. Jaden vai detonar. O cronômetro das explosões

permitirá que você coloque uma distância segura entre você e o telhado antes que ele desmorone.

— E temos que expor o oceano subterrâneo antes do nascer do sol —, disse Jaden.

— Sim —, Siri concordou. — Quando o sol nascer, o calor fará a água evaporar. Quando ela subir e reagir com o iodeto de prata, deverá formar as nuvens.

— Deverá?

— Se evaporar muito rapidamente, ela se dissipará muito rapidamente para reagir com o iodeto de prata, daí a janela estreita para o sucesso. Funciona de forma brilhante, ou não funciona.

Canya deu uma risadinha. — Como todos os seus planos, Siri?

Siri inclinou a cabeça. — O plano mais brilhante não era o meu. Era de Megun, não era?

Canya enrijeceu, mas Siri continuou em tom de conversa. — Eu não tinha um lugar na primeira fila naquele dia quando Rohkeus morreu, mas sempre me perguntei sobre a explosão de pânico de Megun. Ela não era uma guerreira como você ou Tera, mas era rápida e não tinha medo de usar suas garras. Parecia... *estranha*... e quando mais importava, quando ela era a única pessoa que poderia ter salvado Rohkeus, em seu aparente pânico, o impediu de se defender.

Siri olhou para Canya. — Sem comentários? — Ela inclinou a cabeça. — Você fazia parte do plano dela, não era? Matar Rohkeus; capturar Aeternae Noctis. Você sabia que durante séculos após a morte dele, observei cada movimento de Tera, me perguntando se *você* a havia enviado? — Siri encolheu os ombros. — Depois de milhares de horas de observação, finalmente percebi que Tera realmente não tem a capacidade de se enganar. O tipo de engano e astúcia, o tipo que assassinaria nosso príncipe, Tera não seria capaz disso, mas *você* era. — O tom de Siri endureceu. — Você conspirou para assassinar nosso príncipe.

— Ele afundou. — Canya lançou a Ashra um olhar zombeteiro. — Ele não era mais digno.

Ashra ergueu a mão, interrompendo a resposta acalorada de Siri. — Essa discussão, embora fascinante, está a mil anos atrás. O que importa hoje não é a escolha de amante de Rohkeus.

Canya rosnou. — Se Tera tivesse mantido seu juramento de guerreira...

— Seu juramento era defender os Icratharis, todos os Icratharis.

— Ela se virou contra mim.

A voz de Ashra estava fria. — Seu erro foi acreditar que Tera abandonaria seu dever por amor a você e sua promessa de irmandade.

— Eu deveria saber melhor, — Canya zombou. — Não há

sentimento nela. Sem emoção. Sem amor. Apenas dever. — Ela passou os dedos pelos ombros de Erich. — Onde está o dever para você, Tera? Fria e solitária. Vazia. Sem amor.

Tera respirou fundo, estremecendo.

Os olhos de Siri se estreitaram. — Ela está te provocando. Tente não matá-la. Ainda.

Tera endireitou-se. — Canya está certa, eu escolhi o dever. O dever pode ser um parceiro de cama frio, mas ele não me atormenta por dentro. Não me arrependo de abandonar você e Megun à sua traição. Não me arrependo de defender Aeternae Noctis.

Os olhos de Canya se estreitaram. — E Erich...?

— Erich foi um erro. Eu permiti que um instante de pânico anulasse a racionalidade. — Tera encolheu os ombros. — Vou desfazer meu erro. Isso não vai acontecer de novo.

Uma centelha de ansiedade passou pelo rosto de Canya. Erich franziu a testa. Mas por quê? Canya estava cercada por Icratharis e vampiros mais velhos, mas ela detinha o poder. O plano não poderia ser executado sem seus Daevas.

Outra coisa, Erich meditou. Canya estava planejando outra coisa, mas o quê?



CAPÍTULO 17

— Decidi que não sou fã de cooperação.

A declaração de Talon não pegou ninguém de surpresa. Nas últimas horas, ele olhou desconfiado para os Daevas que apoiavam as equipes de humanos e vampiros instalando explosivos no teto da caverna.

Tera lançou-lhe um olhar divertido. — Quando você é?

— Bem, depois de mil anos, pensei que talvez tivesse mudado, mas parece que simplesmente me acomodei mais confortavelmente em todos os meus maus hábitos. — Ele rangeu os dentes. Suas presas eram visivelmente pontiagudas. — Você realmente acha que vai funcionar?

— O plano é sólido. Afinal, foi a Siri quem inventou.

— Mas depende deles.

— Eles querem uma Terra restaurada tanto quanto nós. — Sua voz estava firme; sua incerteza profundamente enterrada. Tera traçou padrões na areia com a ponta da bota. — Os Icratharis foram os primeiros nascidos da Grande Mãe.

— E desembarcou com a tarefa de cuidar do seu irmão mais novo mais irresponsável, os humanos. — Talon encolheu os ombros. — Tudo isso poderia ter sido evitado se sua Grande Mãe tivesse a visão de dar aos humanos uma vida longa. O problema com as pessoas é que elas mal conseguem pensar além de cada dia, muito menos sua expectativa de vida. Não importa pensar nas consequências que se estendem por séculos e milênios. Eles não conseguem entender um conceito extenso de tempo.

— Não é culpa deles.

— Em algum ponto, eles terão que se esforçar.

— E eles vão. Quando a Terra for restaurada, os humanos governarão, como sempre foi planejado para fazer.

O queixo de Talon caiu. — O que?

— Vamos agora, Talon. Você já foi um deles.

— E isso me torna pouco qualificado para dizer que eles não são competentes. Eles mal conseguem se controlar. Você viu o que eles

fizeram com a Terra. Será que o Icrathari estará em torno de vários milhares de anos a partir de agora, quando eles errarem novamente?

Tera suspirou e encostou-se na pedra. — No final, só podemos governar a nós mesmos, não aos outros. Não podemos viver suas vidas ou tomar decisões por eles.

Os olhos de Talon se estreitaram. — Você está pensando em Erich.

— Sim.

— Você vai matá-lo.

Tera respirou fundo. — Sim.

— Mas você o ama.

— O que não tem nada a ver com nada. Ele é de Canya agora, e ela é uma ameaça. Ela declarou isso. Todos nós vamos ter que cuidar de nossas costas no momento em que derrubarmos as cavernas.

— Daí as explosões retardadas, o que dá a todos os vampiros e humanos a chance de fugir.

— Os humanos não têm lugar em uma batalha entre Icrathari e Daevas. Seu trabalho, de Rafael e de Jaden, é reduzir os danos colaterais.

Talon assentiu severamente. — Espero que as outras três estações estejam se movendo tão bem quanto esta. — Ele perscrutou o vasto mar subterrâneo como se tentasse distinguir os movimentos do outro lado. — Quanto tempo nós temos?



— Dez minutos.

Siri assistiu de Aeternae Noctis enquanto centenas de Daevas voavam para o céu, cada um carregando os preciosos pacotes de iodeto de prata. Os sensores que ela havia lançado um dia antes já estavam preparados para rastrear os níveis de iodeto de prata, oxigênio e nitrogênio na atmosfera.

— Como vão as coisas? — Ashra perguntou baixinho.

— No caminho certo, até agora. — O relatório em uma de suas muitas telas rastreou as concentrações crescentes de iodeto de prata, essenciais para reconstruir a atmosfera. — Eu sei que dificilmente confiaria nos Daevas com Tera, mas não poderíamos ter feito isso sem eles.

— Eu sei. E os explosivos nas cavernas?

— Não há como saber até que eles partam, mas Tera está lá, assim como os vampiros mais velhos. Tenho certeza de que está tudo sob controle. — Siri apertou os dedos em punhos. — Esta é a única chance que temos. É todo o iodeto de prata que conseguimos juntar. Se perdermos essa janela, estou totalmente sem ideias.

— Vai funcionar —, disse Ashra. — E então teremos que lidar com Canya.

— Um problema de cada vez. — Siri fez uma careta.

Eles esperaram enquanto o tom pálido da madrugada iluminava com a aproximação do sol. Siri tamborilou em um ritmo nervoso contra seu console. — A qualquer hora agora, Jaden. Está tudo bem chegar cedo. Tudo bem não me estressar.

Os primeiros raios de sol se espalharam pelo céu. Os Daevas gritaram, girando para fugir do orbe dourado.

Na tela, os níveis de iodeto de prata reverteram sua tendência de aumento. — O calor do sol os está derrubando —, disse Siri laconicamente. — Se não conseguirmos água logo, não haverá iodeto de prata suficiente no ar para promover a formação de nuvens. — Ela olhou para o chão, como se quisesse que se abrisse. — Droga, Jaden. Tera. O que diabos está acontecendo lá?



Erich recuou enquanto um humano colocava o explosivo final no lugar. — Terminamos —, disse ele, olhando por cima do ombro para Canya enquanto ela voava em direção a ele.

Vários metros de distância, Jaden assentiu. O controle para os explosivos, um pequeno dispositivo cinza, pendurado em seu cinto, seus dois botões claramente marcados, um um gatilho retardado, o outro imediato. — Vamos sair daqui antes que eu derrube as cavernas.

— Você não vai. — Canya pairou perto do teto de pedra e gritou uma ordem. O som ricocheteou nas paredes da caverna, levando-o para todos os lados do oceano subterrâneo. — Agora, meus Daevas! Ataquem!

Os Daevas giraram, liberando suas garras e presas nos humanos e vampiros que eles estavam ajudando poucos momentos antes. Gritos aumentaram em uma cacofonia de sons, o lamento de cada morte individual se misturando em uma sinfonia orquestrada maior. Jaden desembainhou suas espadas gêmeas para afastar a onda de asas negras que mergulhava em sua direção.

— O que você está fazendo? — Erich gritou com Canya. — Nós temos que deixar este lugar. As cavernas vão descer e enterrar todos nós!

—Não, não vão. Não vamos explodi-las.

—O que? Mas a Terra...

—Os humanos não merecem nada. Eles não ganharam nada. A Terra vai ficar como está. Os explosivos são exatamente o que precisamos para destruir Aeternae Noctis. Sem sua arca, os Icratharis não são nada. Eles serão como nós, queimados, horríveis, enterrados.

— Vingança? Isso é tudo que você quer? Para reduzi-los ao que você pensa que se tornou? Os Daevas teriam sido os heróis, os salvadores da Terra, mas... — Seu olhar se voltou para a batalha que

estava ocorrendo ao seu redor. Os vampiros e humanos restantes caíram em torno de Jaden. O vampiro mais velho era um guerreiro talentoso, mas nem mesmo ele seria capaz de vencer a batalha contra a enxurrada de Daevas aproximando-se dele.

Se Jaden caísse, se o cronômetro fosse tirado...

Minha escolha.

As mãos de Erich se fecharam em punhos. *Faça alguma coisa.* Seu corpo, entretanto, parecia imobilizado, como se algo o prendesse ao lado de Canya, observando silenciosamente o massacre de humanos e vampiros.

O vínculo de sangue.

Ele apertou os dentes com tanta força que suas presas se cravaram em sua língua. O gosto metálico de seu sangue o picou. *Não era mais o sangue deles - nem de Tera, nem de Canya. É meu sangue agora. Minha escolha. Minha vontade.*

Nada de racional nisso.

Insano.

É o que sou, e aceito isso. Eu abraço isso.

O pânico cresceu, explodindo através das frágeis barreiras do autocontrole. Raiva e medo correram sobre ele, turvando seus pensamentos, cortando a racionalidade em pedaços, até que tudo o que restou foi o instinto.

Instinto e amor.

Foi o rosto de Tera que ele viu quando saltou sobre os corpos sangrando e quebrados de humanos, vampiros e Daevas para o lado de Jaden. A voz dela em sua mente abafou os gritos de indignação de Canya. A fragrância das flores que desabrocham à noite amorteceu o fedor de terror e o cheiro de sangue recém-derramado.

Minha vontade. Minha escolha.

Eu escolho o amor.

Jaden virou-se, pronto para atacar a maior ameaça, Erich, mas seu queixo caiu quando Erich rasgou um Daeva do ar e cravou as garras em sua garganta. — O que..? — Os olhos de Jaden se estreitaram. — Para Tera.

O sorriso de Erich foi fraco. — Para minha musa. — *Sempre, e apenas para minha musa.*

A voz de Canya saiu das rochas, as palavras distorcidas. *Agora, meus Daevas! Ataquem!*

As asas de Tera abriram-se, atirando-a para o alto. — Recuem! Todos vocês! Talon, tire-os daqui!

Um grito ricocheteou na rocha, ecoando descontroladamente quando um humano mergulhou em direção ao mar subterrâneo.

Muito tarde!

Tera correu para pegar o jovem, mas de repente, ao seu redor, humanos e vampiros estavam caindo. Os Daevas os deixaram ir, deixando-os cair para a morte.

Os pensamentos de Tera giraram mais rápido do que seu coração disparou. Canya nem esperou pela explosão antes de ligar o Icrathari. Ela estava fazendo isso *antes* da explosão. Ela estava disposta a sacrificar a restauração da Terra.

Por vingança.

Tera jogou o trêmulo humano para baixo para Talon. — Tire nosso pessoal daqui agora!

— Mas os explosivos...

— Faça! — Tera correu através do oceano subterrâneo, suas grandes asas levando-a pelos quilômetros de água que a separavam das outras estações. Ela tinha que chegar a Jaden. Ele controlou o cronômetro, e se ele estivesse sob ataque... se ele não pudesse ativar a explosão, então todo o esforço deles teria sido em vão.

Centenas de humanos e vampiros estavam sacrificando suas vidas.

Ele não podia deixar ser por nada.

Ela voou além de uma costa distante onde Rafael e Yuri lutavam, cercados por todos os lados por Daevas. Seu coração apertou-se, mas ela passou correndo por eles. Tudo o que importava agora era chegar a Jaden.

Minutos preciosos se passaram. Ela empurrou com mais força, mais rápido do que nunca. Sua sintonia quase perfeita com a Terra dizia-lhe que o amanhecer estava se transformando em dia. Em poucos segundos, seria tarde demais.

Suas asas pressionadas contra suas costas, acelerando-a através das ondas. O som da água deu lugar a gritos e rosnados. *Jaden...*

E Erich.

Ela teria que matá-lo e Canya se Jaden tivesse alguma chance.

E mesmo assim, seria tarde demais.

Ela não poderia vencer uma batalha, nenhuma batalha, nos poucos segundos que lhe restavam.

Tera aproximou-se da costa. Seus olhos estreitaram-se e arregalaram-se. Seus pensamentos gaguejaram.

Erich e Jaden estavam lutando juntos, costas com costas, como se tivessem treinado juntos durante toda a vida. Erich saltou, arrancando Daevas do ar. Jaden arrancou suas gargantas antes que caíssem no chão.

Canya pairava sobre eles, seu corpo quase tremendo de raiva. — Não! Você é meu! Meu sangue está em você!

— Meu sangue é meu! Eu sou meu! — Erich gritou. Seu olhar

desviou para a abordagem de Tera.

Canya girou no ar para fitar Tera. — Vocês! — Seus olhos brilhavam amarelos, mas estavam úmidos. — Ele escolheu você. Você o abandonou, mas ele ainda escolheu você! — Suas asas se abriram antes de um ataque.

Erich agarrou algo do cinto de Jaden e saltou no ar. Ele agarrou o punho de Canya e a arrastou para o chão. — Tire Jaden daqui! — O controlador dos explosivos brilhava em sua mão mutilada.

Erich...

Jaden...

Tera teve um instante para tomar a decisão da qual sabia que se arrependeria pelo resto de sua vida imortal. Ela desceu e agarrou Jaden. Suas asas bateram, batendo forte contra o ar para colocar distância entre eles e Erich.

— O que ele está fazendo? — Jaden exigiu. — Ele é louco?

Lágrimas encheram os olhos de Tera. Ela mal conseguia ver.

— Ele não sabe...?

Uma explosão sacudiu a enorme caverna subterrânea, e depois outra, e outra, até que a cascata de som produziu ondas de choque que a tiraram do ar. Tera e Jaden pousaram em um canto distante da caverna. Ela se virou quando o teto da caverna tremeu.

Pequenos escombros choveram, pouco mais do que grãos de areia e depois seixos. Rachaduras correram pelo telhado da caverna e, em seguida, com um rugido tremendo, a caverna desabou. Rochas espirraram no oceano subterrâneo, transformando a água em ondas.

Do outro lado da costa, as rochas desabaram sobre as figuras distantes e lutadoras de Erich e Canya, enterrando-os.

Tera fechou os olhos com força. Tinha acabado. Foi feito.

Dor pulsou em seu peito. Ela mordeu o lábio, mas nada conteve a dor lancinante. *Está feito, como prometi a ele.*

Mas por que dói tanto?

Ela carregou Jaden de volta à superfície da Terra. Juntos, eles ficaram em uma alcova sombreada com vista para o vasto oceano subterrâneo enquanto os primeiros raios do sol se estendiam pela terra cozida e beijavam a água.

A água fervia. O vapor assobiou no ar, o vapor subindo invisivelmente.

Um minúsculo fio branco apareceu na tela azul brilhante e implacável do céu. *Tão azuis quanto os olhos de Erich.*

Tera deu um suspiro profundo e trêmulo. Os tênues fios brancos se espalharam pelo céu, reforçando-se mutuamente enquanto se tornavam nuvens.

Ela saiu das sombras e estendeu os braços para o calor agora suave do sol. Silencioso de admiração, Jaden ficou ao lado dela.

Momentos depois, eles se juntaram a Rafael, Talon e Yuri. Diversos Daevas circulavam no alto. Do sopé, as vozes dos humanos e vampiros sobreviventes se uniram em um grito de alegria e triunfo.

Rafael falou baixinho. — A vida retorna à Terra.

— E a Terra para o domínio do homem, como sempre foi destinada a ser —, murmurou Tera.

— O que acontecerá com os Icrathari e os vampiros? — Jaden perguntou.

— Vamos ocupar os confins da Terra, intocados pela humanidade. Vamos voltar à lenda.

Talon riu. — Até que salvemos seus traseiros coletivos novamente.

Tera balançou a cabeça. — Se tivermos sorte, só daqui a mil anos.

— Terminamos, então? Voltamos para Aeternae Noctis?

Tera olhou para o que antes fora a costa de um oceano subterrâneo, agora enterrado sob seis metros de rocha.

Sua respiração sussurrou em um suspiro. *Erich...*



CAPÍTULO 18

Escuridão rodeava Erich, enchendo os pulmões com cada respiração que ele não poderia desenhar. O pânico cavou garras geladas nele.

Eu não sou humano. Eu não preciso de ar. Eu não preciso respirar.

Ele rangeu os dentes. Como a lógica e duzentos e cinquenta anos de experiência não poderiam superar o que era apenas um hábito reflexivo de seus vinte e cinco anos como humano?

Duzentos e cinquenta anos... e infinito.

Ele não podia virar a cabeça, mas sabia que Canya estava enterrada nas rochas ao lado dele, sua garganta e estômago rasgados por suas garras. No caos da batalha, ele sabia, também, que eles estavam fora do tempo. O sol estava nascendo; sua janela de sucesso caiu para segundos.

Minha escolha. Minha vontade.

Eu escolho Tera.

Eu escolho a morte.

Ele desencadeou a explosão imediata. Com o canto do olho, ele viu Tera levar Jaden para um lugar seguro. Canya lutou pelo dispositivo, embora não tivesse mais utilidade para nenhum dos dois. — Você é meu! — ela gritou. — Eu reivindiquei você.

— Você reivindicou meu corpo. — Ele olhou para Canya, surpreso pela pena que abafou sua raiva por ela. — Não meu amor. Isso eu dei gratuitamente, centenas de anos atrás, a Tera.

Rochas caíram em cascata ao redor deles. As asas de Canya se abriram para carregá-la. Ele atacou então, rasgando sua garganta e estômago, e prendendo-a no chão enquanto ela morria, enquanto pedras os enterravam.

Canya nunca faria mal a Tera novamente.

Ele tinha cuidado disso.

Está feito. Acabou.

Erich lutou para respirar, mas o peso das pedras que o esmagavam não lhe permitia espaço suficiente para expandir os pulmões. O medo o agarrou. Ele foi enterrado... *para sempre* - não

ferido o suficiente para morrer, mas não forte o suficiente para escapar.

Estou de volta onde tudo começou, enterrado na terra.

Terror rachou as paredes finas de papel em sua mente.

Abandonado por...

Não, não abandonado. O tremor em seus dedos parou. — Eu escolhi... — ele sussurrou as palavras. — Eu escolhi Tera.

E se havia um preço a ser pago por sua escolha, desta vez, ele pagou com conhecimento de causa, de boa vontade.

E tenho toda a eternidade para aprender como não ser claustrofóbico.

Apenas se concentre nela.

Erich fechou os olhos e abraçou a escuridão.

Ele não estava sozinho. Em sua mente, ele se sentou ao lado dela com um lápis na mão e papel no colo. Ele nunca ficaria sem sua musa. Ele olhou em seus deslumbrantes olhos cinza, tocados pela alegria e tristeza, olhos que viram os triunfos e loucuras da humanidade. Seu sorriso, raro e precioso, dançou em seus lábios.

Os fragmentos acelerados de sua mente se acomodaram - ainda quebrados, mas não mais frenéticos, não mais perdidos. Suas emoções focadas, não mais em desacordo. O conflito agitado na boca do estômago diminuiu.

A paz o envolveu.

A fragrância das flores desabrochando à noite o rodeava, tão real, tão tangível que ele quase podia tocá-las.

A luz do sol espirrou em seu rosto. A luz não acendeu.

Seus olhos brilharam abertos.

Seu rosto foi o primeiro que ele viu.

Ele piscou. *Irreal.*

Não muito longe, ele ouviu a voz de Talon resmungar. — Este é um trabalho cruelmente exaustivo, mesmo para vampiros mais velhos. Por favor, diga que estamos perto.

Um leve sorriso se espalhou pelo rosto de Tera. — Ele está aqui.

— Aquele desgraçado deve estar vivo depois de todo esse trabalho que fizemos. — O rosto de Talon apareceu próximo ao de Tera. — Ei, é ele. Um pouco desgastado, mas ainda inteiro. — O vampiro mais velho sorriu. — Tudo bem, pessoal, temos cerca de um zilhão de libras a mais de rocha para mover. Vamos lá.

Erich emergiu em um mundo aquecido pelo sol. Ele apertou os olhos para as nuvens brancas no céu à medida que flutuavam com o vento. — Funcionou... — ele murmurou. — Não foi por nada.

— Não, Erich —, murmurou Tera. — Não foi por nada. — Ela colocou os braços em volta da cintura dele e o carregou pela paisagem

empoeirada. Bem abaixo, ele viu o que parecia ser uma trilha de pessoas se estendendo entre as quatro cidades com cúpulas no vale do Colorado.

— Os humanos já estão montando casas fora dos domos —, murmurou Tera.

Erich fracassou enquanto a água garoava do céu. — Isso é... chuva?

Tera sorriu fracamente. — O ciclo da água já começou. Está voltando, a vida voltou para a Terra. — Ela circulou antes de pousar em um precipício e sorriu quando pegou as gotas de chuva em sua palma estendida. — Você fez isso.

Erich balançou a cabeça. — Eu fiz isso por você. Era o que você queria.

— E o que você queria?

— Saber que você ficaria feliz. — Ele se virou para ela. — Você está?

Uma carranca franziu a testa de Tera. — Eu prometi paz a você, mas não poderia deixá-lo aí.

Erich encolheu os ombros. — A paz não era sua para dar. Era minha para encontrar. — Ele não conseguia tirar os olhos dela. — E eu encontrei. Nas profundezas da terra, eu me retirei para dentro de mim e encontrei você lá, esperando por mim, como você sempre fez. A paz que eu ansiava sempre esteve dentro de mim. — Um sorriso triste torceu seus lábios. — Sempre estarei um pouco quebrado, mas não estou mais destruído.

Ele pegou a mão dela; seus dedos entrelaçados. Ela descansou a cabeça em seu peito, e suas asas se espalharam para envolvê-los. Erich deu um suspiro silencioso. — Deixe-me ficar com você para sempre.

Tera permaneceu em silêncio por um longo momento. — Da única maneira que importava, você nunca saiu.

Erich acompanhou o olhar dela até uma explosão de cores que lentamente se formou no céu azul. Pela primeira vez em mil anos, um arco íris curvou sua bênção sobre a Terra. Sua respiração ficou presa. O mundo era mais bonito do que ele imaginava; nunca faltaria inspiração para a sua arte.

Como isso poderia ser quando a criatura mais linda do mundo estava ao lado dele? Ele voltou seu foco para sua musa perfeita, e quando ele baixou o rosto para o dela, suas asas bateram, levando-a para seu beijo.

O sol brilhava contra seus cabelos e pele, banhando-os com o brilho dourado e o calor suave do dia.

F i m . . .

Ou

Apenas o começo?